

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Raphaella Nasser Rodrigues

**A etimologia sob as *Noites Áticas*: a obra de Aulo Gélío como fonte de reflexões
etimológicas para o campo historiográfico**

Juiz de Fora

2026

Raphaella Nasser Rodrigues

A etimologia sob as *Noites Áticas*: a obra de Aulo Gélío como fonte de reflexões etimológicas para o campo historiográfico

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Linguística.

Linha de Pesquisa: Historiografia Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Jocelito Beccari

Juiz de Fora
2026

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Nasser, Raphaella.

A etimologia sob as Noites Áticas : a obra de Aulo Gélío como fonte de reflexões etimológicas para o campo historiográfico / Raphaella Nasser. -- 2026.

81 p.

Orientador: Alessandro Jocelito Beccari

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2026.

1. Aulo Gélío. 2. Noites Áticas. 3. Historiografia Linguística. 4. Etimologia antiga. I. Beccari, Alessandro Jocelito, orient. II. Título.

A etimologia sob as Noites Áticas: a obra de Aulo Gélío como fonte de reflexões etimológicas para o campo historiográfico

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em LINGÜÍSTICA da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 20 de fevereiro de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alessandro Jocelito Beccari

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Leonardo Ferreira Kaltner

Universidade Federal Fluminense

Juiz de Fora, 23/01/2026.



Documento assinado eletronicamente por **Fabio da Silva Fortes, Professor(a)**, em 20/02/2026, às 18:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leonardo Ferreira Kaltner, Usuário Externo**, em 23/02/2026, às 12:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alessandro Jocelito Beccari, Usuário Externo**, em 23/02/2026, às 12:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2839942** e o código CRC **063CD793**.

*Nos tempos de breu, você foi minha luz.
E quando noites traiçoeiras tentam me atormentar,
o seu resmungado canino acorda-me.
A você, Sara Cléo*

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Jorge e Sandra, e a meu irmão Bruno por todo o suporte. Também deixo meu agradecimento aos meus familiares, na figura de meus primos Dani e Lucas e de minha tia Regina, por acreditarem em mim.

Igualmente, agradeço a colegas e amigos, em especial: à Larissa pelas quase duas décadas de companheirismo, amor e, principalmente, cuidado mesmo que à distância; ao Caio e à Gabriela por mais de uma década em meio a risadas, carinho e compreensão. Há quase uma década, à Clara por todo suporte emocional e pelas muitas trocas noite afora; ao Gabriel pela amizade dentro e fora de campo; à Isadora pela oportunidade de lhe ter em minha vida e pela guarda compartilhada; à Luiza pela paciência e pelo carinho. Por fim, à Clara Almeida pelo recente refúgio em meio ao caos da vida adulta. Agradeço, também, ao Lucas pela amizade continuada e por todo o apoio. A vocês e a tantos outros: o meu muito obrigada.

Ao Pedro, pelo amor e companheirismo compartilhados e pelos anos que ainda virão.

O meu agradecimento ao Gabriel Rogério Freitas pelo excelente trabalho em sua área.

Agradeço a todos docentes que me atravessaram durante a trajetória da Graduação, sobretudo à Profa. Dra. Andreia Rezende Garcia Reis, que acreditou no meu potencial e orientou-me quando eu era tão somente uma graduanda desorientada; e à Profa. Dra. Carol Martins da Rocha, a quem sou grata pela minuciosa e cuidadosa orientação no ato de formar uma pesquisadora.

Agradeço ao meu orientador de Mestrado, Prof. Dr. Alessandro Jocelito Beccari, para o qual oferto, com muita alegria, o resultado desta pesquisa. Além disso, deixo meu agradecimento quanto à dedicação e ao empenho de lapidar, ainda que à distância, este trabalho, bem como pela paciência.

Agradeço à douta banca, aos titulares Prof. Dr. Leonardo Kaltner e Prof. Dr. Fábio Fortes, pela disponibilidade, pelas sugestões e por, acima de tudo, todo cuidado com a análise desta dissertação. Igualmente, às suplentes, Profa. Dra. Carol Martins da Rocha e Profa. Dra. Olga Ferreira Coelho Sansone, por terem se colocado à disposição.

Por fim, meu agradecimento à organização de fomento Capes, pois este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001.

O que é lar?
é a sombra das árvores no meu caminho para a escola antes de serem arrancadas.
é a foto em preto e branco do casamento dos meus avós antes das paredes desmoronarem.
É o tapete de oração do meu tio, onde dezenas de formigas dormiam nas noites de inverno,
antes de ser saqueado e colocado em um museu.
É o forno que minha mãe usava para assar pão e frango antes de uma bomba reduzir nossa
casa a cinzas.
É a cafeteria onde eu assistia a partidas de futebol e jogava.
*Meu filho me interrompe: **uma palavra de três letras pode conter tudo isso?***
([O que é lar](#) do poeta palestino Mosab Abu Toha, grifos nossos)

Se eu morrer,
você tem que viver
para contar a
minha história
para vender as minhas coisas
para comprar algum papel
e alguns fios,
para fazer uma pipa
(que seja branca com um longa cauda)
para que uma criança,
em algum lugar de Gaza,
olhando o céu
nos olhos
esperando por seu pai que
se foi numa chama
sem se despedir de ninguém
nem mesmo de sua própria carne
nem mesmo de si mesmo
veja a pipa, a minha
pipa que você fez,
voar lá no alto
e pense por um momento
que um anjo esteja ali
para trazer de volta o amor.
Se eu morrer,
faça com que eu traga esperança
faça com que eu seja uma história!
([Eis o poema](#) do poeta palestino Refaat Alrareer, morto pelo bombardeio israelense a
Gaza em 6 de dezembro de 2023, grifos nossos)

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar a obra *Noites Áticas* de Aulo Gélío como fonte de reflexões etimológicas para o campo da Historiografia Linguística. A pesquisa parte do pressuposto de que a etimologia antiga, presente na miscelânea de Gélío, oferece uma perspectiva multifacetada sobre a origem das palavras, distinta da abordagem puramente técnica e científica que se consolidou a partir do século XIX. Neste trabalho, buscamos trazer à luz o apagamento ou a desvalorização dessas reflexões clássicas pela área moderna da Linguística, que tende a privilegiar uma etimologia fundamentada em regularidades fonéticas e reconstrução histórica, em detrimento das dimensões filosóficas, culturais e pragmáticas presentes nos textos antigos. Em nossa metodologia, lastreamo-nos aos princípios da Historiografia Linguística, com foco na análise de fontes primárias. Além disso, propomos um mapeamento sistemático dos capítulos das *Noites Áticas* que abordam questões etimológicas, propondo uma classificação tripartite: Etimologia Explícita (EE), para análises diretas da origem das palavras; Etimologia Implícita (EI), para discussões que envolvem aspectos etimológicos sem marcadores metalinguísticos evidentes; e Reflexão sobre a Linguagem (L), para capítulos que tratam de questões morfológicas, sintáticas ou pragmáticas mais amplas. Essa categorização expande e refina a sistematização anterior de Cecato (2005), de modo a ratificar a riqueza temática da obra. Também, buscamos dialogar com autores fundamentais da Historiografia Linguística, tal qual Koerner ([1978] 2011) e Swiggers (2013), bem com a tradição gramatical de caráter científico, discorrendo sobre a mudança da disciplina etimologia enquanto aspecto lexicológico nas obras gramaticais de Fernão de Oliveira (século XVI) e Ernesto Carneiro Ribeiro (século XIX). Após, trazemos a presença diversa da reflexão etimológica em Aulo Gélío, de modo a destacar que a etimologia não se restringe a uma busca pelo sentido “verdadeiro” ou uma procura pela origem formal das palavras. Pelo contrário, ela funciona como um instrumento integrado a discussões filosóficas, jurídicas, políticas e culturais. A obra mostra-se, assim, uma fonte preciosa para compreender o pensamento linguístico antigo em sua complexidade e miscelaneidade. A pesquisa, portanto, conclui que a redução da etimologia a uma disciplina técnica, ocorrida principalmente a partir dos neogramáticos, implicou uma perda significativa: o abandono de sua dimensão reflexiva, historiográfica e política. Assim, defendemos, portanto, a importância de recuperar a etimologia antiga como objeto legítimo de estudo, capaz de enriquecer a compreensão contemporânea sobre as relações entre língua, história, cultura e poder. Desde discussões vocabulares de Gélío até disputas contemporâneas sobre a apropriação cultural de alimentos, procuramos evidenciar que a atribuição de origem é um ato intrinsecamente político, e que a etimologia, em sua acepção mais ampla, é uma ferramenta crucial para o registro e a análise crítica dessas disputas.

Palavras-chave: Aulo Gélío; *Noites Áticas*; Historiografia Linguística; Etimologia antiga.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze Aulus Gellius's work *Attic Nights* as a source of etymological reflections for the field of Linguistic Historiography. The research is based on the assumption that ancient etymology, as found in Gellius's miscellany, offers a multifaceted perspective on the origin of words, distinct from the purely technical and scientific approach that became established from the 19th century onward. In this work, we seek to shed light on the erasure or devaluation of these classical reflections by modern Linguistics, which tends to favor etymology based on phonetic regularities and historical reconstruction, at the expense of the philosophical, cultural, and pragmatic dimensions present in ancient texts. Methodologically, we ground our research in the principles of Linguistic Historiography, focusing on the analysis of primary sources. Furthermore, we propose a systematic mapping of the chapters of *Attic Nights* that address etymological issues, suggesting a tripartite classification: Explicit Etymology (EE), for direct analyses of word origins; Implicit Etymology (EI), for discussions involving etymological aspects without evident metalinguistic markers; and Reflection on Language (L), for chapters dealing with broader morphological, syntactic, or pragmatic issues. This categorization expands and refines the earlier systematization by Cecato (2005), in order to affirm the thematic richness of the work. We also seek to engage with foundational authors in Linguistic Historiography, such as Koerner ([1978] 2011) and Swiggers (2013), as well as with the scientific grammatical tradition, discussing the shift in the discipline of etymology as a lexicological aspect in the grammatical works of Fernão de Oliveira (16th century) and Ernesto Carneiro Ribeiro (19th century). Subsequently, we present the diverse presence of etymological reflection in Aulus Gellius, highlighting that etymology is not limited to a search for the "true" meaning or the formal origin of words. On the contrary, it functions as an instrument integrated into philosophical, legal, political, and cultural discussions. Thus, the work proves to be a valuable source for understanding ancient linguistic thought in its complexity and miscellaneity. The research, therefore, concludes that the reduction of etymology to a technical discipline, occurring mainly from the Neogrammarians onward, implied a significant loss: the abandonment of its reflective, historiographical, and political dimension. Thus, we argue for the importance of recovering ancient etymology as a legitimate object of study, capable of enriching contemporary understanding of the relationships between language, history, culture, and power. From Gellius's lexical discussions to contemporary disputes over cultural appropriation of food, we seek to demonstrate that attributing origin is an intrinsically political act, and that etymology, in its broader sense, is a crucial tool for recording and critically analyzing these disputes.

Keywords: Aulus Gellius; *Noctes Atticae*; Linguistic Historiography; Antique Etymology.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE HISTÓRIA E ORIGEM, E UMA RELAÇÃO POSSÍVEL ENTRE ETIMOLOGIA, HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA E NOITES ÁTICAS.....	13
1.1 O PAPEL DA HISTÓRIA PARA A ORIGEM.....	15
1.2 A IMPORTÂNCIA DA ORIGEM NA ETIMOLOGIA.....	18
1.3 A ORIGEM DE NOSSA PESQUISA ATÉ A ORIGEM DAS PALAVRAS NA ANTIGUIDADE.....	20
1.4 ETIMOLOGIA: UMA INTRODUÇÃO NECESSÁRIA	21
1.4.1 As etimologias em contraste: as perspectivas etimológicas hierarquizadas	24
1.4.2 As consequências de se hierarquizar a etimologia.....	29
1.5 A HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA	30
1.5.1 O fazer linguístico da historiografia.....	32
1.6 AULO GÉLIO: UM JURISTA ROMANO SOB O CÉU GREGO.....	33
1.7 NOITES ÁTICAS: ESTUDO E MAPEAMENTO	36
1.7.1 Um mapeamento da linguagem das Noites Áticas.....	36
2 A ETIMOLOGIA SOB A LEXEOLOGIA E A PRESENÇA DELA NAS OBRAS DE FERNÃO DE OLIVEIRA (1536) E ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO (1890)	38
2.1 A IMPORTÂNCIA DO OLHAR PARA A GRAMÁTICA ENQUANTO FONTE HISTÓRICA	40
2.2 A <i>GRAMMATICA DA LINGUAGEM</i> PORTUGUESA DE FERNÃO DE OLIVEIRA.....	41
2.2.1 Fernão de Oliveira sob as <i>Noites Áticas</i> de Aulo Gélio.....	44
2.3 OS <i>SERÕES GRAMMATICAES</i> DE ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO.....	44
3 A ETIMOLOGIA NA ANTIGUIDADE E AS <i>NOITES ÁTICAS</i> COMO FONTE DAS REFLEXÕES DA LINGUAGEM E, PRINCIPALMENTE, ETIMOLÓGICAS	50
3.1 A ETIMOLOGIA NA ANTIGUIDADE	50
3.2 AS ETIMOLOGIAS NAS <i>NOITES ÁTICAS</i>	52
3.2.1 A Etimologia Explícita.....	53
3.2.2 A Etimologia Implícita.....	56
3.2.3 A Reflexão sobre a Linguagem.....	61
4 AS <i>NOITES ÁTICAS</i> SOB A VISÃO ACADEMICISTA E A IMPORTÂNCIA DE UM ESTUDO HISTÓRICO COMO UM REGISTRO DO QUE SE TENTA APAGAR	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	68
APÊNDICE.....	71
ANEXO.....	77

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Busca pelo termo “palavra”	13
Figura 2 - Busca pelo termo “historiografia”	14
Figura 3 - Postagem em rede social sobre um alimento identificado como de origem israelense ...	16
Figura 4 - Notas da comunidade em resposta à postagem da Figura 3	17
Figura 5 - Etimologia falsa sobre o termo “criado-mudo”	29
Figura 6 - Pesquisa da palavra “etimologia” a partir do Google	77
Figura 7 - Artigo do sítio Wikipédia sobre “etimologia”	77
Figura 8 - Artigo do sítio Origem da Palavra sobre “etimologia”	78
Figura 9 - Artigo do sítio <i>Priberam</i> dicionário sobre “etimologia”	78
Figura 10 - Artigo do sítio <i>Significados toda matéria</i> sobre “etimologia”	79
Figura 11 - Postagem adicional em resposta à publicação da Figura 3 para fins de contextualização	80
Figura 12 - Postagem adicional em resposta à publicação da Figura 3 para fins de contextualização	81

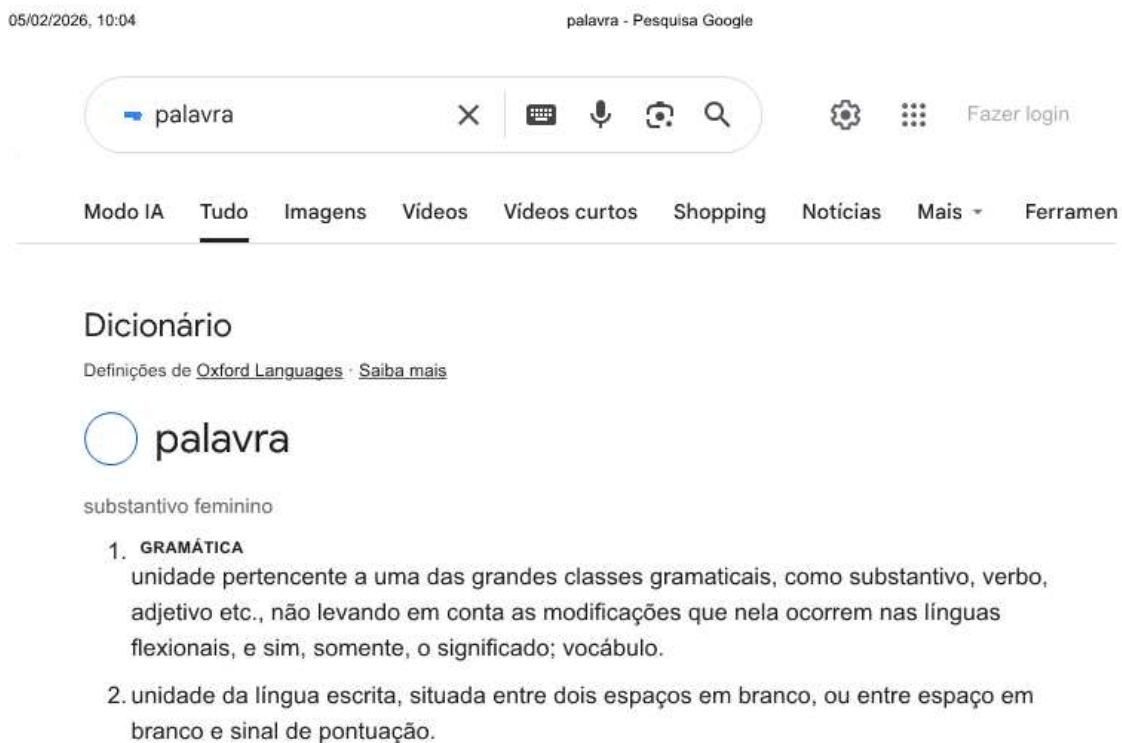
APÊNDICE

Tabela 1 - Presença de análise etimológica no Livro I.....	71
Tabela 2 - Presença de análise etimológica no Livro II.....	71
Tabela 3 - Presença de análise etimológica no Livro III.....	71
Tabela 4 - Presença de análise etimológica no Livro IV	72
Tabela 5 - Presença de análise etimológica no Livro V.....	72
Tabela 6 - Presença de análise etimológica no Livro VI	72
Tabela 7 - Presença de análise etimológica no Livro VII	73
Tabela 8 - Presença de análise etimológica no Livro VIII.....	73
Tabela 9 - Presença de análise etimológica no Livro IX	73
Tabela 10 - Presença de análise etimológica no Livro X.....	73
Tabela 11 - Presença de análise etimológica no Livro XI	74
Tabela 12 - Presença de análise etimológica no Livro XII	74
Tabela 13 - Presença de análise etimológica no Livro XIII.....	74
Tabela 14 - Presença de análise etimológica no Livro XIV.....	75
Tabela 15 - Presença de análise etimológica no Livro XV	75
Tabela 16 - Presença de análise etimológica no Livro XVI.....	75
Tabela 17 - Presença de análise etimológica no Livro XVII	76
Tabela 18 - Presença de análise etimológica no Livro XVIII.....	76
Tabela 19 - Presença de análise etimológica no Livro XIX.....	76
Tabela 20 - Presença de análise etimológica no Livro XX.....	76

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE HISTÓRIA E ORIGEM, E UMA RELAÇÃO POSSÍVEL ENTRE ETIMOLOGIA, HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA E NOITES ÁTICAS¹

Ao nos depararmos com uma palavra nova, atualmente temos uma gama tecnológica de possibilidades para que a descoberta desse significado desconhecido ocorra (exitosamente ou não). Exemplo disso, àqueles que detêm acesso digital, os sítios eletrônicos de busca² mostram-se um dos caminhos mais usuais:

Figura 1 - Busca³ pelo termo “palavra”



Fonte: Pesquisa elaborada pela autora (2026).

¹ Uma das marcas da obra estudada é apresentar um extensivo título, o qual abre a maioria dos capítulos. Logo, com um título propositalmente longo, o qual abre todas as seções, buscamos trazer essa característica aulogeliana à esta dissertação de modo alegórico e elogioso.

² Atualmente, o mais utilizado é o Google (89.65%), seguido por Microsoft Bing (3.89%); YANDEX (2.53%); Yahoo! (1.33%); DuckDuckGo (0.84%); e Baidu (0.72%). Por existir uma superioridade quase absoluta no que tange ao uso desse primeiro, fizemos nossa análise baseada somente nele. Para saber mais sobre sítios de busca a nível mundial, confira [Search Engine Market Share Worldwide](#).

³ As buscas em sítio eletrônico foram feitas em páginas anônimas, sem acesso de contas da autora, a fim de evitar a influência algorítmica existente e à procura de certa “neutralidade” na pesquisa digital.

Outra forma de se tentar encontrar um sentido àquela palavra é analisar a palavra a partir, claro, da palavra. A título de exemplificação, podemos compreender que há uma possível importância da “história” na “historiografia” pela própria estrutura do termo, isto é, a presença de *histori-* (*his.to.ri:o.gra.fi.a*). Se a incerteza ainda paira, procuramos confirmar nesses ambientes de descoberta dos sentidos aquilo que ajude em nossas dúvidas, o que tão bem faz um *Aurélio* (2008), com “1. Ciência e arte de escrever a história (1); 2. Estudo crítico acerca da história ou dos historiadores”. Contudo, caso ainda não satisfaça adequadamente a *anima*, a etimologia aparece enquanto uma informação quase subscrita:

Figura 2 - Busca pelo termo “historiografia”



Fonte: [Porto Editora](#).

Desse modo, qual é o objetivo de uma pesquisa sobre origem de um termo de modo tão simplista? Sob um lastro grego (“Do grego *historiographía*, «trabalho de historiador»”), a “dissecação” do termo em destaque aparenta ser apenas uma “carteirada⁴” linguística existente entre peças vocabulares, mas que não se relacionam cultural, nem historicamente:

Por outro lado, a palavra Historiografia vem do grego de “historiógrafo”, e obviamente relaciona-se a palavra “História” que tem origem na raiz “escrever”, ou seja, “o que escreve,

⁴ Cf. [Dicionário Online Priberam de Português](#): “**Carteirada** (car·tei·ra·da) **substantivo feminino** [Brasil, Informal] Apresentação de carteira profissional ou de documento de identidade por pessoa detentora de um cargo de autoridade ou de posição de prestígio para obter vantagens (ex.: *tentou dar uma carteirada com o passaporte diplomático*).”

ou descreve, a História” é uma palavra com vários sentidos, portanto possibilita que ela tenha vários significados. A Historiografia então assinala não apenas o registro escrito da História, mas a memória estabelecida pela humanidade através da escrita do seu próprio passado. Contudo, a Historiografia, tal como a própria etimologia da palavra significa, são os escritos (grafia) da história. (Araújo, 2015, p. 228-229)

Numa análise etimológica, “historiografia” pode ter se originado de *ἱστοριογράφος* (“historiógrafo”), o qual viria dos termos *ἱστορία* (“história”) e *-γράφος*, de *γράφειν*, “escrever”. Portanto, há possibilidade de que o historiógrafo seja quem escreve a história. Então, se não há discordância, qual seria a incongruência?

Para o início de nossa dissertação, o questionamento trazido, em verdade, decorre do fato de que essa análise encara apenas o vocábulo e, por conseguinte, ignora os seus usos, o seu contexto e, por fim, todo conteúdo que não seja o presente nele. Ou seja, ainda que se olhe para o passado, a diacronia não se mostra importante nessa reflexão analítica, tampouco existente.

1.1 O PAPEL DA HISTÓRIA PARA A ORIGEM

Antes de entrarmos nessa reflexão, precisamos trazer à luz o papel político da perspectiva de origem, principalmente para o campo da linguagem. Em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, Frantz Fanon (2008, p. 49) discorre que:

Em todos os países do mundo existem arrivistas: “aqueles que não se sentem mais”, e, diante deles, “aqueles que **conservam a noção de sua origem**”. O antilhano que volta da metrópole exprime-se em patoá se quer mostrar que nada mudou. Sentimo-lo já no porto, onde parentes e amigos o esperam. Esperam-no não apenas porque está chegando, mas como quem diz: só quero ver! Um minuto lhes é necessário para fazer o diagnóstico. Se a seus camaradas o recém-chegado diz: “Estou muito feliz em estar com vocês. Meu Deus, como este país é quente, eu não poderia ficar aqui por muito tempo!” — ficamos sabendo, é um europeu que chegou. (grifos nossos)

Em diálogo com o referido autor, podemos, então, entender que a conservação de sua origem está correlacionada à defesa de sua cultura, principalmente às marginalizadas. Ainda conforme Fanon (2008, p. 50)

Falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura. O antilhano que quer ser branco o será tanto mais na medida em que tiver assumido o instrumento cultural que é a linguagem. Lembro-me, há pouco mais de um ano, em Lyon, após uma conferência onde eu havia traçado um paralelo entre a poesia negra e a poesia européia, de um amigo francês me dizendo calorosamente: “No fundo você é um branco”. **O fato de ter estudado um problema tão interessante através da língua do branco me atribuía o direito de cidadania.** (grifos nossos)

Ao apreendermos que a linguagem é cultural e, acima de tudo, política, conseguimos perceber que o objeto linguístico traz consigo história(s) em seus significados:

Dizem que o negro gosta da *palabre*, ou seja, de parlamentar; contudo, quando pronuncio i, o termo faz pensar em um grupo de crianças divertindo-se, lançando para o mundo apelos irresponsáveis, quase rugidos; crianças em pleno jogo, na medida em que o jogo pode ser concebido como uma iniciação à vida. Assim, a idéia de que o negro gosta de resolver seus problemas pela *palabre* é rapidamente associada a esta outra proposição: o negro não passa de uma criança. (Fanon, 2008, p. 41)

Aliado a isso, pode ser conferida à ideia de origem um papel de elemento bélico, o qual é fundamental às culturas colonizadoras.

Figura 3 - Postagem⁵ em rede social sobre um alimento identificado como de origem israelense



Fonte: [Rede social X](#).

Acima, a postagem na rede social X (antigo *Twitter*) expõe, a princípio, somente uma patriótica visão a partir do papel de parede e do alimento: “Aquele momento em que você sente uma forte vontade de comer em um restaurante **israelense** com rock **israelense** tocando alto - e também: este papel de parede é tudo agora”⁶ (grifos nossos). Todavia, ao analisarmos o contexto social daquele

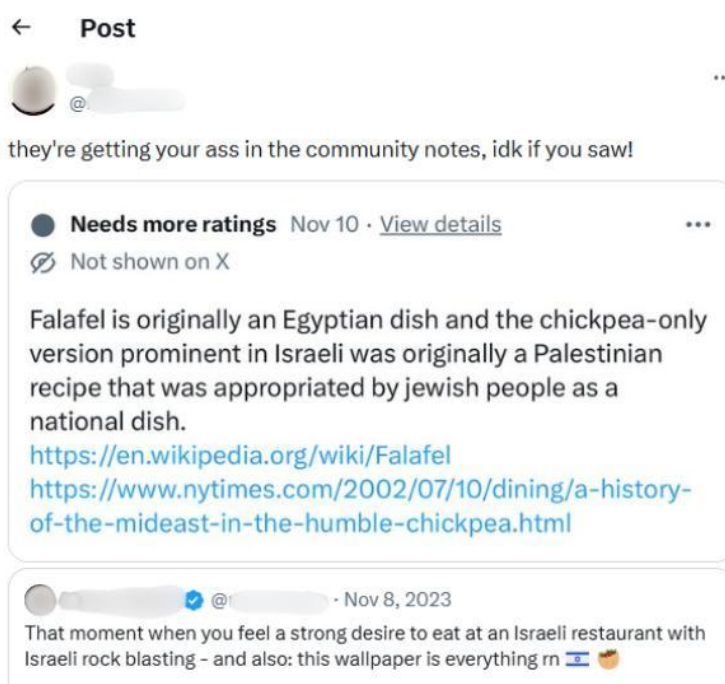
⁵ As informações pessoais deste perfil, assim como de outros apresentados nesta dissertação, foram propositadamente borradas de modo a preservar a identidade desses usuários.

⁶ Em nossa dissertação, as traduções de trechos ou passagens, que estão em língua inglesa, bem como outros idiomas, salvo indicação, são nossas.

momento, é possível compreender que não se trata apenas de uma ode ao patriotismo. Mais especificamente, o usuário faz essa publicação no dia 08 de novembro de 2023, um mês após o ataque do grupo terrorista Hamas contra o sul de Israel, que havia matado cerca de 1.400 pessoas. Naquele dia, milhares de pessoas da região norte de Gaza precisaram sair a pé de suas casas sob ordem dos militares israelenses. Além disso, mais de 10 mil indivíduos haviam sido mortos pelos bombardeios israelenses, incluindo 4.324 crianças⁷. Cabe destacar, inclusive, que, 2 anos depois, o genocídio em Gaza orquestrado por Israel, com apoio do norte global, matou mais de 65 mil pessoas, com milhares de indivíduos sob os escombros. Desses números, 20 mil são crianças. Também, mais de 165 mil pessoas foram feridas, com cerca de 4 mil crianças que perderam um ou mais membros⁸.

Sob esse olhar contextualizado, as respostas à publicação apresentam outra perspectiva, mas que ainda se encontra lastreada no papel da origem:

Figura 4 - Notas da comunidade⁹ em resposta à postagem da [Figura 3](#)



Fonte: [Rede social X](#).

⁷ Essas informações foram retiradas do site *Aljazeera*, cuja reportagem, publicada no mesmo dia, tinha como título [Thousands flee northern Gaza in 'desperate journey' during Israel war](#).

⁸ Esses números foram retirados da reportagem de Marium Ali, Alia Chughtai e Muhammet Okur, [Two years of Israel's genocide in Gaza: By the numbers](#), publicada no dia 07 de outubro de 2025.

⁹ “**Notas da Comunidade: uma forma colaborativa de adicionar contexto útil aos posts e manter as pessoas mais bem-informadas:** O programa Notas da Comunidade tem como objetivo criar um mundo mais bem-informado, capacitando pessoas no X para adicionar colaborativamente notas úteis a posts que possam ser enganosos”. Retirado de: <https://communitynotes.x.com/guide/pt/about/introduction>.

Assim, por intermédio de uma retificação inserida pela comunidade da referida rede social, a procedência do prato fotografado é revisitada e, por conseguinte, “reoriginada”: se a referida usuária está num restaurante israelense, o alimento, dentro da lógica, seria igualmente israelense. Em represália a essa dita origem, esses perfis reclamam que “Falafel é originalmente um prato **egípcio** e a versão de grão-de-bico proeminente em Israel é uma receita **palestina**, a qual foi **apropriada** pelos judeus enquanto um prato nacional” (grifos nossos).

Com essa discussão, desejamos destacar o lugar no qual se encontra o aspecto originário, ou seja, no ambiente político. Numa análise do presente, é possível que seja interpretada enquanto um problema mundano bobo. No entanto, ao analisarmos todo o contexto (a guerra em Gaza), todas as personagens envolvidas (Israel e os demais países do Oriente Médio) e todo o metonímico instrumento alimentício (Falafel), é perceptível que não se trata de corrigir informações equivocadas, e sim defender a cultura e a sociedade em que se acredita:

Apropriação é um tipo de mudança cultural baseada na usurpação hegemônica desfavorável de uma cultura mais fraca, e opera numa direção oposta à assimilação cultural, na qual a parte dominante impõe sua cultura a outra. A apropriação cultural encontra-se sobre o [aspecto] da pilhagem, enquanto assimilação baseia-se na imposição.¹⁰

Ora, se essa apropriação tem um caráter semelhante a um roubo generalizado de características culturais, não seria possível relacionar a identificação de uma origem do alimento como algo semelhante? Conforme Shaheen (2022, p. 5), a comida está ligada “à política e à cultura, uma vez que funciona para estabelecer e regular a identidade nacional sob o que é conhecido como *food identity* (identidade alimentar)”¹¹. Nesse sentido, ao revisitarmos o que apontou Fanon (2008), se o ato de falar uma língua é assumir uma cultura, pode-se compreender que o de apropriar a origem de um alimento, por exemplo, é querer, de alguma forma, apropriar-se daquela cultura, extinguindo a identidade anterior.

1.2 A IMPORTÂNCIA DA ORIGEM NA ETIMOLOGIA

Nesse sentido, qual é a relação da origem nesse âmbito dentro da etimologia?

¹⁰ Cf. SHAHEEN, Sara M. A. **Colonial culinary appropriation**: Objectives, factors, and implications. Dissertação de mestrado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, 2022: “*Appropriation is a sort of cultural change based on the unfavorable hegemonic taking of a weaker culture, and it operates in the opposite direction of cultural assimilation, in which the dominating party imposes its culture on the other. Cultural appropriation is founded on looting, whereas assimilation is based on imposing*”.

¹¹ “*Food is inextricably tied to politics and culture since it functions to establish and regulate national identity under what is known as food identity*”.

Em nosso estudo, de maneira geral, buscamos demonstrar o papel da etimologia enquanto uma fonte histórica e filosófica para o campo linguístico junto à obra *Noites Áticas* de Aulo Gélío. Isso porque a importância da história na historiografia não é só a sua presença na estrutura do vocábulo. Ela encontra-se entranhada no contexto de um estudo historiográfico. Assim, um historiógrafo não apenas escreve a história. Pelo contrário, ele encontra-se também entranhado nas várias culturas, várias denominações e nas mais diversas histórias.

Para isso, faz-se necessário que revisitemos, neste momento, o presente da ciência etimológica para chegar até o compêndio aulogeliano. Esse trajeto escolhido, de uma perspectiva contemporânea à antiga, não é por acaso. A partir dessa inversão temporal em nossa estruturação, propomos um lugar de destaque para a etimologia na antiguidade e, por conseguinte, para o papel das *Noites Áticas* enquanto fonte historiográfica.

A título de exemplificação sobre o que trazemos à luz, uma análise etimológica do termo “genocídio” não se pode se limitar à estruturação greco-latina “*γένος*” (“raça” ou “povo”) + “*-caedo*” (ação de matar), tal qual ocorreria numa visão de etimologia “popular” igual a apresentada nas [Figuras 1 e 2](#) de nossas [Considerações Iniciais](#). Essa “dissecação” ignora o contexto e valor histórico que o termo carrega em si. Ou seja, a presença dele no livro *Axis Rule in Occupied Europe* do advogado judeu polonês Raphael Lemkin, publicado em 1944 e, também, a sua importância na história: durante a Segunda Guerra Mundial, com objetivo de identificar o extermínio em massa da população judia; depois usado pelo Tribunal Militar Internacional, em 1945, no julgamento de crimes contra a humanidade e de guerra feitos por 24 oficiais nazistas¹²; e a criação que ocorre poucos anos antes do Nakba¹³, “catástrofe” em árabe, que forçou a população palestina a se deslocar para Jerusalém Oriental, Cisjordânia, Líbano, Síria e Faixa de Gaza — nesta que, nos últimos 2 anos, acontece o endurecimento da ação de matar o povo, i.e., genocídio, palestino.

Assim, defendemos nesta dissertação, de uma forma mais específica, uma ciência etimológica — semelhante a que Gélío fez em suas *Noites Áticas*, como veremos oportunamente — que encare a multiplicidade existente na origem do termo e do seu contexto, fugindo do cárcere sincrônico e das contradições presentes em nosso, bem, presente. Nesta dissertação, entretanto, nossa proposta não é criar um clima de oposição no terreno linguístico, de forma a, porventura, sobrepor a proposta de um

¹² O QUE É GENOCÍDIO? Enciclopédia do Holocausto, United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/what-is-genocide>. Acesso em: 24 out. 2025.

¹³ ABOUT THE NAKBA. United Nations | The Question of Palestine. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/about-the-nakba>. Acesso em: 24 out. 2025.

estudo sobre o outro. Pelo contrário, desejamos assimilar, num vislumbre da linguística moderna e da contemporânea, a concepção do que é etimologia para os modernos e contemporâneos. Ao delimitarmos o espaço dela na atual Linguística, podemos, então, voltar-nos à antiguidade. Isso porque, a partir dessa retomada de cunho metodológico, propomos uma estruturação sobre o que compreendemos por etimologia antiga e quais são suas distinções à moderna.

1.3 A ORIGEM DE NOSSA PESQUISA ATÉ A ORIGEM DAS PALAVRAS NA ANTIGUIDADE

Neste, expomos a estruturação de nosso pensamento e a sistematização de nossa dissertação. Como dito anteriormente, o trajeto escolhido volta-se a um olhar do presente para o passado. Dessa maneira, nesta seção primária, evidenciamos sobre reflexões e sistematizações que nos foram basilares para a completude do estudo, a saber: [\(i\) Etimologia](#); [\(ii\) Historiografia Linguística](#); [\(iii\) Aulo Gélío, vida e obra](#); e [\(iv\) Mapeamento proposto da presença etimológica nas *Noites Áticas*](#).

Na [segunda seção](#), trazemos uma breve reflexão acerca da disciplina etimologia sob o campo da Lexeologia, principalmente a partir das obras [Grammatica da Lingoagem Portuguesa de Fernão de Oliveira \(1536\)](#) e [Os Serões Grammaticaes de Ernesto Carneiro Ribeiro \(1890\)](#), à luz da compreensão, acima de tudo, do campo da Gramática Histórico-Comparativa, sobre a reformulação da etimologia para um caráter científico e que, por sua vez, caminhou para sua supressão séculos depois a um apêndice ao estudo morfológico.

Por fim, chegamos ao nosso objeto de estudo dentro da [terceira seção](#): as reflexões etimológicas presentes nas *Noites Áticas* de Aulo Gélío. Junto a elas, propomos uma classificação das muitas reflexões etimológicas existentes na supracitada obra. Mais detalhadamente, mostramos a miscelânea de termos evocados, autores utilizados e, ademais, tipos de aplicações da etimologia por Gélío. Assim, procuramos delinear três maneiras distintas de reflexão, a saber: a [Explícita](#), na qual o jurista destaca que a discussão do capítulo volta-se à etimologia; a [Implícita](#), na qual ele, embora não explicita, traz a etimologia como fundamento para sua reflexão; [sobre a Linguagem](#), na qual a etimologia aparece enquanto suporte da discussão, semelhante a uma personagem coadjuvante. Assim, buscamos, nessa terceira seção, mostrar que a etimologia antiga, no recorte das *Noites Áticas*, se estruturou numa pluralidade de textos e, especialmente, em contextos que não se contentam tão somente com a descoberta da origem das palavras, como dialogavam em diversas frentes.

Por fim, trazemos nossas [Considerações finais](#) sobre o estudo etimológico, de modo a ratificar a importância das pesquisas voltadas à origem e à história, principalmente para o campo historiográfico. Logo, desejamos que esta dissertação seja, de alguma forma, motivadora de reflexão

no que se refere à importância de se olhar atentamente para a etimologia antiga como detentora de história e conhecimento, e não mais como uma breve nota de rodapé.

1.4 ETIMOLOGIA: UMA INTRODUÇÃO NECESSÁRIA

Ao trazermos à luz a palavra latina “etimologia”, deparamo-nos com dois vocábulos gregos: *ἔτυμος* (*étymos*-)¹⁴; e *λογία* (*-logía*). Caso uma lógica (um tanto) simplista prevalecesse, como mostramos no início desse estudo, poder-se-ia afirmar que a etimologia, enquanto estudo (*lógos*), volta-se ao que é real ou verdadeiro (*étimos*).

No entanto, a fim de fugir dessa sincronicidade imperativa, voltamo-nos ao que é exposto, no artigo *O encanto das origens* à Revista Língua Especial (2011). Nele, o pesquisador Mário Alberto Viaro apresenta discorre acerca da busca por uma resposta filosófica sobre a origem dos fenômenos ser um aspecto extremamente humano. Segundo o estudioso (2011, p. 19), a etimologia

respalda-se no termo grego *étymon*, adjetivo neutro substantivado de *étymos*, isto é, o verdadeiro. Dessa forma, fazer etimologia é buscar o sentido “certo” da palavra, não com a acepção de “correto” (como faz a Gramática Normativa), mas com o sentido ainda mais pretensioso de “verdadeiro”.

Ainda em conformidade com o referido estudioso (2011, p. 19), entendemos que a busca de um “étimo é exatamente a reconstrução de um contexto linguístico” perdido e que, em relação à atualidade, é identificado como o causador dela.

Além disso, em continuidade a essa análise sobre o que é compreendido acerca da origem das palavras, na obra *Etimology* (1993), Yakov Malkiel faz um apanhado histórico da disciplina, ao analisá-la, quase em sua maioria, inserida nos séculos XIX e XX. O seu estudo, portanto, divide-se em três capítulos distintos: 1 *O século XIX*¹⁵ (1993, pp. 1-40); 2 *A primeira metade do século XX*¹⁶ (1993, pp. 41-104); e 3 *A segunda metade do século XX*¹⁷ (1993, pp. 105-166).

De acordo com o referido autor (1993, p. 1):

Em diferentes momentos e em diferentes lugares, a etimologia significou parcial ou inteiramente coisas distintas para poucas ou muitas pessoas, sob circunstâncias variadas, que utilizaram esse termo em suas próprias esferas de interesse. Basicamente, etimologia sempre significou algo aproximado à paráfrase ‘significado

¹⁴ Acerca deste signo (*ἔτυμος, ος, ον*) em específico, trazemos a seguir os significados retirados do Dicionário Digital Grego-Português da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP): “1 verdadeiro; veraz: *ψευδέα πολλὰ λέγων ἐτύμοισιν ὁμοῖα* hom. dizendo muitas mentiras semelhantes a verdades, *ψεύσομαι ἢ ἔτυμον ἐρέω*; hom. mentirei ou direi a verdade? *κόνις... ἔτ. ἄγγελος ἐσὶ* o pó... mensageiro veraz ♦ *ἔτυμον οὐ ἔτυμα* adv. 2 realmente; verdadeiramente ♦ *τὸ ἔτυμον* 3 sentido verdadeiro; sentido etimológico de uma palavra (*ἐτεός*).”

¹⁵ “*The nineteenth century*”.

¹⁶ “*The first half of the twentieth century*”.

¹⁷ “*The second half of the twentieth century*”.

original ou uso de uma determinada unidade lexical ou nome próprio'. Contudo, as implicações culturais dessa fraca interpretação descritiva podem ser completamente diferentes. O principal significado da palavra pode ser imaginado como algo totalmente independente da passagem temporal e dotado de mensagens mágicas ou sobretons místicos.¹⁸

Nesse sentido, podemos compreender junto à reflexão que a disciplina tem uma perspectiva para além da indicação acerca da origem dos vocábulos. A etimologia, então, está inserida dentro de uma relação importante com o contexto cultural, principalmente no que tange à reflexão linguística feita por intermédio dela. Isso, no entanto, não expõe uma necessidade de se buscar na antiguidade uma fundamentação etimológica que tenha, aos estudiosos da área, alguma importância para além de um tão breve recorte — caso necessário. Ainda em diálogo com o que expõe Malkiel (1993):

Com o movimento gradual da curiosidade linguística em direção às disciplinas denominadas temporais, principalmente História, a palavra da etimologia começou a equivaler o “significado prévio” ou “o significado antigo, porém atestado atualmente” ou, ainda, “significado reconstruído antigamente”, sem uma pretensão concomitante de que as escolas modernas são invariáveis no posicionamento de juntar significados primitivos ou, nesse contexto, formas imaculadas. A Etimologia, então, modificou seu direcionamento, em busca de um novo status de disciplina estritamente identificacional; palavras e nomes doravante despojados de quaisquer resíduos místicos ou essências mágicas. As pessoas, ansiosas por satisfazer a sua curiosidade etimológica, consultavam um dicionário etimológico, o qual explicitava a eles não o que fazer no presente ou o que se esperar do futuro, mas um formato que a palavra em algum momento possuiu, com o que esse significado principal tinha adotado e, ocasionalmente, a partir dos estágios intermediários da forma e a denotação que ocorreu após a descamação inicial e antes de adquirir a aparência atual.¹⁹

A visão proposta por Malkiel (1993), principalmente no que tange à antiguidade, acerca da etimologia volta-se quase sempre à uma mudança da disciplina para um foco científico, o qual se

¹⁸ “*In different times, and at different places, etymology has meant slightly or entirely different things to the few or many people who, under varying sets of circumstances, have used that word, applying it to their own spheres of interests. Basically, etymology always meant something approximating to the paraphrase ‘original meaning, or use, of a given lexical unit or proper name’. But the cultural implications of this lame descriptive statement can be entirely different. The core meaning of a word can be imagined as something wholly independent of the passage of time and endowed with magic messages or mystic overtones*”.

¹⁹ “*With the gradual move of linguistic curiosity in the direction of time-dominated disciplines, principally history, a word’s etymology began to be tantamount to ‘previous meaning’, or ‘earlier actually attested meaning’, or else ‘earliest reconstructable meaning’, without the concomitant presence that modern scholarship is invariably in a position to piece together primeval meanings, or for that matter, pristine forms. Etymology thus changed its direction, aiming at the new status of a strictly identification discipline: words and names were henceforth divested of any residual mystic or magic essence. Persons eager to satisfy their etymological curiosity consult an etymological dictionary, which tells them not what to do at present or what to expect from the future, but what shape the word at issue once possessed, with what principal meaning it was endowed, and, occasionally, through what intermediate stages of form and denotation it went after shedding its initial and before acquiring its pre*”.

abdica do caráter “místico” e “mágico” e procura instrumentos linguísticos para se embasar. Dessa forma, objetos como dicionários etimológicos ou obras etimológicas antigas, iguais a *Etymologiae* de Isidoro de Sevilla²⁰, embora importantes e não passíveis de serem descartadas, encontram-se enquanto fontes secundárias ao estudo da etimologia²¹.

Além disso, conforme Mário Eduardo Viaro em *Manual de etimologia do português* (2013)

Questões como etimologia passaram a ser consideradas secundárias mesmo depois da década de 1980. A formação clássica havia sido relegada, nos cursos de Letras, a um segundo plano, ou seja, ao mínimo possível. Estruturalistas e gerativistas descreviam e explicavam os fenômenos das línguas por elas mesmas ou das intuições de um pretenso “falante ideal” (entenda-se: que não conhecesse a história da língua).

Caso revisitássemos os estudos de Ferdinand de Saussure²² (2017, p. 249-250), a etimologia tem um “grande” destaque num subtópico de 1 (uma) página do Capítulo VIII: *Unidades, identidades e realidades diacrônicas*. Segundo Carlos Alberto Faraco (2005, p. 100), existiu uma tendência voltada somente ao contexto sincrônico nos estudos linguísticos do século XX, de modo que levou os estudos históricos, ignorando a “questão histórica e a própria realidade histórica das línguas” em detrimento de um “sistema formal”, para um “segundo plano”. Assim, em busca de se desvincular de uma ideia diacrônica, volta-se à sincronia e, por conseguinte, separa-se ambos estudos.

Ademais, na atualidade, a disciplina teve seu desenvolvimento no final da Idade Média e atingiu sua maturidade científica no séc. XIX, ao passo que, na antiguidade greco-romana, a prática da etimologia concentrava-se no estudo da origem e congruência das palavras. O aspecto semântico era central em relação ao fonético e ao morfológico. De fato, as mudanças formais das palavras eram vistas como consequências materiais das alterações em um significado original que veiculava a verdade sobre algo no mundo. Assim, todas as mudanças formais, não só as de caráter diacrônico, eram explicadas desse modo; por exemplo, assim se explicavam a declinação nominal e a conjugação verbal. Junto à explicação das mudanças semânticas e, em consequência direta, as formais das

²⁰ Cf. Malkiel, 1993, p. 3-4.

²¹ Cf. Malkiel, 1993, p. 7: “So the old etymological treatises, irritatingly bad as they are, need not be rashly discarded. Here and there They do contain tiny grains of useful information or molecules of ideas that lend themselves to cautious salvaging”.

²² Cf. Malkiel, 1993, p. 55: “One quick way out was simply to exclude etymology from the alliance of a serious linguist's legitimate concerns - undoubtedly, at a certain price. Ferdinand de Saussure decided to strike such an attitude towards the start of this century in the experimental lecture courses he delivered before small elitist audiences in Geneva on 'general linguistics' or, as one might be tempted to rephrase the topic at present, on linguistic theory. As if to drive home his point even more energetically, Saussure declared that a linguist's eagerness to extend his curiosity to 'folk etymology', was perfectly defensible while he brushed off the serious quest for word origins as a pursuit far too whimsical and, consequently, too idle to qualify for recognition among analytically minded practitioners of the arcane discipline”.

palavras, havia um esforço para a reconstrução das formas originais das expressões: uma busca pela verdade essencial das palavras. A etimologia era, portanto, uma ontologia semântica (Formigari, 2004, p. 39).

Por fim, segundo Martins (2011, p. 442), sempre que a antiguidade greco-romana se debruçou sobre a linguagem, a pergunta foi invariavelmente a respeito do sentido das palavras, fosse por intermédio de uma abordagem realista, mentalista ou pragmática.

1.4.1 As etimologias em contraste: as perspectivas etimológicas hierarquizadas

Semelhante a essa mudança, a perspectiva etimológica também sofreu um certo endurecimento científico. Ainda de acordo com Malkiel (1993), a etimologia

está atualmente passando por uma crise de autocontradição sem precedentes em ambos os lados do Atlântico (embora o drama seja visivelmente maior no Novo Mundo). [...] Com raras exceções, as melhores de nossas universidades hesitam em oferecer, em qualquer nível, cursos ou seminários sobre etimologia, embora se esforcem deliberadamente em iniciar os neófitos nos fundamentos, ou mesmo nas complexidades, da fonologia, morfossintaxe, semântica ou da pragmática [...] enquanto esta política de rejeição continua, editoras influentes em países de língua inglesa e em outros lugares, ao revisarem e atualizarem certos clássicos entre os projetos lexicográficos que patrocinam, anunciam fragmentos de informação etimológica ou, até mesmo, ensaios introdutórios sobre temas etimológicos como uma característica prestigiosa recém-adicionada. Projetos etimológicos multivolume, sobre línguas vivas ou mortas, amplamente conhecidas ou desconhecidas, reconhecem o apoio recebido de agências governamentais ou fundações privadas. Inevitavelmente, em meio a circunstâncias tão conflitantes, surgem as questões: **quem realmente precisa da etimologia e para qual propósito?** [...] Pois dicionários alfabéticos, por maior que seja a necessidade deles, ao contrário das aparências, não são o veículo lógico para pesquisa etimológica experimental avançada.²³

²³ Cf. Malkiel, 1993, p. xi: “*Etymology is going through an unprecedented crisis of self-contradiction at present, on both sides of the Atlantic (but the drama is conceivably more visible in the New World). [...] With the rarest of exceptions, the best of our universities hesitate to offer at any level lecture courses or seminars on etymology, although they make a calculated effort to initiate the neophyte into fundamentals, or even the intricacies, of phonology, morphosyntax, semantics, or else pragmatics [...] while this policy of rejection goes on, tone-setting publishing houses in English-speaking countries and elsewhere, in revising and bringing up to date certain classics among the dictionary ventures they have sponsored, announce loose bits of etymological information or even introductory essays on etymological subjects as a newly added prestigious feature. Multi-volume etymological ventures, whether they concern languages living or dead, widely-known or obscure, acknowledge support received from government agencies or private foundations and so on. Inevitably, amid such conflicting circumstances, the questions arise: who really needs etymology, and for what purpose? [...] For alphabetic dictionaries, however great the need for them, contrary to appearances happen no to be the logical outlet for advanced experimental research in etymology*”.

Ao caracterizar os estudos etimológicos, ainda que destaque a importância de não se ignorar o que foi estudado²⁴, Malkiel (1993), claro, traz sua perspectiva teórica. De certa maneira, há uma irritação coletiva sobre a inveracidade das análises etimológicas antigas dentro da área da Linguística²⁵.

O que conseguimos apreender é um desnível teórico — ou a ignorância quanto à etimologia antiga por sua “falsidade” — traz à tona um movimento que ocorre atualmente com a própria etimologia: a descridibilização da disciplina enquanto um elemento de reflexão linguística pela sua “subjetividade”, a qual pode se contextualizar num campo material da falsidade. O que desejamos apresentar, em verdade, é o papel contrarrevolucionário das ciências da linguagem para com a antiguidade dentro da temática da etimologia. E é o que propomos a seguir.

Trazemos como primeira reflexão acerca disso, dois momentos distintos da etimologia para contraste: a origem de *fer*, feita por Malkiel (1993), e o Capítulo 28, Livro I, do compêndio *Noites Áticas* de Aulo Gélíio²⁶:

O final do século XIX, conhecido pela rigidez dos seus teóricos mais proeminentes (“os neogramáticos”), foi particularmente implacável em expor e condenar o amadorismo dos pioneiros anteriores a 1800. Relacionar o francês *fermer* (‘fechar, trancar’) a *fer* (ou o seu protótipo latino, *ferrum*), ‘ferro’, em vez de a *firmare* (‘tornar firme, sólido, duradouro’), era considerado um disparate irresponsável e imperdoável. A atitude atual tende a ser um pouco menos condescendente. Com efeito, *fermer* deriva fundamentalmente de *firmare*, mas o fato de o significado ‘trancar’ ter emergido de um desenvolvimento posterior torna altamente provável a associação da atividade com uma fechadura, trinco ou ferrolho de ferro na mente desse grupo de falantes. Poderia até invocar *ferrum* como um étimo secundário ou, pelo menos, como um fator evolutivo colateral. Além disso, há várias outras histórias de palavras nas línguas românicas que confirmam o papel de *ferrum* como um intruso, como quando o latim *veruculum* (literalmente ‘pequeno dardo’) evoluiu para ferrolho, em vez de um ‘verolho’.

Assim, ao que é apontado pelo estudioso (1993), o que era “tentativas” etimológicas para os antigos, torna-se etimologia científica para os classicistas.

²⁴ Cf. Malkiel, 1993: “So the old etymological treatises, irritatingly bad as they are, need not be rashly discarded. Here and there they do contain tiny grains of useful information or molecules of ideas that lend themselves to cautious salvaging”.

²⁵ Valenza, 2005, p. 202.

²⁶ Para nossa dissertação, trazemos as traduções de: CECATO, Cleuza. **As Noites Áticas de Aulo Gélíio**: uma proposta de tradução. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005, 283pp; e GÉLIO, Aulo. *Noites Áticas*. Tradução de José Rodrigues Seabra Filho. Londrina: EDUEL, 2010. Além disso, as citações do latim são retiradas de: CECATO, Cleuza. **As Noites Áticas de Aulo Gélíio**: uma proposta de tradução. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005, 283pp; e GELLIUS, Aulus. **Noctes Atticae**. Ed. P. K. Marshall. Nova York: Oxford University Press, 1968. Igualmente, usamos do sítio eletrônico [Gellius: Noctes Atticae](#), da Universidade de Chicago, para procuras específicas de termos no latim.

De como M. Varrão, no décimo quarto livro *Das antiguidades divinas*, critica seu mestre Lucio Elio pelo emprego de uma falsa etimologia e o próprio Varrão, nesse mesmo livro, atribui falsa etimologia à palavra ladrão (*fur*).

No décimo quarto livro *Das antiguidades divinas*, Varrão mostra que Lúcio Elio, o homem mais sábio da cidade (Roma), em seu tempo, equivocou-se sobre uma palavra antiga grega passada para o latim, decompondo-a como se ela fosse formada primitivamente de elementos latinos (*ratione etymologica falsa*). Citamos as mesmas palavras de Varrão a respeito disso “Neste ponto, nosso caro Elio, o homem mais dotado de conhecimento literário que já vi, errou algumas vezes. Ele deu explicações falsas de algumas palavras antigas gregas, crendo que elas nos pertencessem propriamente. Não dizemos pois lebre (*leporem*), como afirma ele, porque o animal tem pés ligeiros (*leuipes*), mas porque esta é uma palavra grega antiga. Ignoram-se muitos desses vocábulos antigos, porque outros vocábulos são usados em lugar deles, atualmente, ignoram mais ainda o que é do grego (*graecum*) porque agora é chamado Helênico (*Helena*), poço (*puteum*) porque chamam *phrear* e lebre (*leporem*) porque chamam *lagoon*. Nisso, não só não critico o talento de Elio, como louvo seu cuidado na pesquisa: a sorte traz o sucesso, tentar é meritório.”³ Varrão escreveu isso no começo do livro, com bastante sabedoria sobre a explicação das palavras, com bastante experiência sobre o uso das duas línguas, com bastante apreço pelo próprio Elio. Mas na parte seguinte do mesmo livro, diz que a palavra ladrão (*furem*) vem daquela que os antigos latinos chamavam negro (*furuum*), e que os ladrões (*fures*) roubariam mais facilmente à noite, que é tenebrosa. Acaso não se enganou Varrão sobre *fur* tanto quanto Elio sobre *lepus*? Pois o que na Grécia, agora se diz *kleptes*, em língua grega mais antiga, se dizia *phor* que, por parentesco de vogais, o que é ladrão (*phor*) em grego, é, em latim *fur*. Mas acaso isso teria fugido à lembrança de Varrão, ou ao contrário, ele teria julgado ser mais conveniente e coerente *fur* ser derivado de *furuum*, aquilo que é tenebroso; mas não cabe a mim o juízo nesse assunto a respeito de um homem de saber tão eminente²⁷.

Qual seria, então, a diferença estrutural de uma análise para outra? Realmente, eram palpites e deduções sem nexos, as quais, ainda que não descartáveis, com menos importância do que as seguintes? Por que se olhar atentamente, por exemplo, ao *Crátilo* de Platão e ignorar, por sua vez,

²⁷ “¹In XIV. rerum divinarum libro M. Varro doctissimum tunc civitatis hominem L. Aelium errasse ostendit, quod vocabulum Graecum vetus traductum in linguam Romanam, proinde atque si primitus Latine fictum esset, resolverit in voces Latinas ratione etymologica falsa. ²Verba ipsa super ea re Varronis posuimus: "In quo L. Aelius noster, litteris ornatissimus memoria nostra, erravit aliquotiens. Nam aliquot verborum Graecorum antiquiorum, proinde atque essent propria nostra, reddidit causas falsas. Non enim "leporem" dicimus, ut ait, quod est levipes, sed quod est vocabulum anticum Graecum. Multa vetera illorum ignorantur, quod pro his aliis nunc vocabulis utuntur; et illorum esse plerique ignorent "Graecum", quod nunc nominant Hellena, "puteum", quod vocant phrear, "leporem", quod lagoon dicunt. In quo non modo L. Aelii ingenium non reprehendo, sed industriam laudo: successum enim fert fortuna, experientiam laus sequitur." ³Haec Varro in primore libro scripsit, de ratione vocabulorum scitissime, de usu utriusque linguae peritissime, de ipso L. Aelio clementissime. ⁴Sed in posteriore eiusdem libri parte "furem" dicit ex eo dictum, quod veteres Romani "furuum" atrum appellaverint et fures per noctem, quae atra sit, facilius furentur. ⁵Nonne sic videtur Varro de fure, tamquam L. Aelius de lepore? Nam quod a Graecis nunc kleptes dicitur, antiquiore Graeca lingua phor dictum est. Hinc per adfinitatem litterarum, qui phor Graece, est Latine "fur". ⁶Sed ea res fugeritne tunc Varronis memoriam, an contra aptius et cohaerentius putarit "furem" a "furvo", id est nigro, appellari, in hac re de viro tam excellentis doctrinae non meum iudicium est". (Gélio, Cap. 28, L. I)

obras latinas? Claro, a escolha de gênero textual também é importante nas análises linguísticas. Porém, será que é apenas nisso que se sustentam as seleções?

Na obra *The History of Linguistics in Europe: from Plato to 1600* de Vivien Law (2003), encontramos uma pesquisa fundamental sobre a história da linguística, principalmente na imagem essencial de Platão para a linguística antiga (2.4 Platão: a linguagem como caminho para a realidade — tradução nossa) — o qual, para nós, tem importância basilar, pois o diálogo Crátilo é extremamente essencial ao estudo da origem das palavras na antiguidade. No entanto, este período, em especial a antiguidade tardia, não demonstra estar tanto em foco da área da Historiografia Linguística, até o presente momento, em que somente Varrão (3.2 *Varrão: análise linguística a partir de princípios fundamentais* — tradução nossa) encontra-se, por exemplo, em destaque. Por outro lado, no que tange à obra de Gélio sob a luz da Historiografia Linguística, podemos compreender que existe, sim, uma construção importante das *Noites Áticas* no que se refere aos estudos linguísticos antigos, principalmente os de caráter etimológico, visto que a partir deles existe a possibilidade de se analisar as diversas manifestações referentes à origem das palavras.

Ainda junto a Malkiel (1993, p. 24-26),

Para os membros mais ortodoxos do ambiente acadêmico, Hugo Schuchardt (1842-1927) era o oponente implacável, o flagelo *par excellence* da Neogramática. [...] Embora Schuchardt soubesse recorrer a todo o momento a armas convencionais, como as correspondências sonoras regulares, ele destacava-se por tentar abordagens diferentes, que nem sempre eram mutuamente compatíveis. [...] Ao discutir a proveniência do francês *trouver* ('encontrar'), um célebre problema etimológico, reza a lenda que Schuchardt, que via *turbāre* como a origem da palavra de difícil explicação (turvar a água sendo uma das técnicas generalizadas usadas pelos pescadores como preparação para capturar, ou seja, 'encontrar' o peixe), transformou temporariamente uma das divisões da sua casa num pequeno museu de equipamento de pesca.²⁸

Aos classicistas, essa novidade pode não ser tão nova assim, pois

Que bela explicação dá Gávio Basso sobre a palavra *Personae*, a máscara, e qual é, segundo ele, a origem dessa palavra.

↑Gávio Basso deu uma bela e talentosa explicação, senhor!, sobre a origem de *persona*, nos livros que compôs *Sobre a etimologia dos nomes*; ele crê que essa

²⁸ Cf. "To the minds of staunch establishmentarians, Hugo Schuchardt (1842-1927) was the implacable opponent, the scourge *par excellence*, of Neogrammarianism. [...] Even though Schuchardt knew at all times how to resort to such conventional weapons as regular sound correspondences, he excelled at trying different approaches, which were not at all times mutually compatible. [...] discussed the provenance of French *trouver* 'to find', a celebrated etymological crux, Schuchardt, who leaned towards *turbāre* as the source of the elusive word (muddying the water being one of the widespread techniques used by fishermen as a preparation for catching, i.e., 'finding', the fish), is rumored to have temporarily transformed one of the rooms of his home into a small-scale museum of fishing gear."

palavra é formada a partir de ressoar (*personare*). 2 “Como a máscara que cobre o rosto por completo não tem mais que uma abertura no lugar da boca, a voz, ao invés de se propagar em todas as direções, se concentra para escapar por uma só saída e por isso, torna-se mais forte e penetrante.” Então, porque a máscara torna a voz humana mais sonora e vibrante, recebeu o nome de *persona*, e por causa da forma dessa palavra, o *o* que se encontra nela é longo.²⁹

Contudo, não indicamos a veracidade das etimologias apresentadas por Aulo Gélíio. É notável que, em determinados momentos, assim como o *fermer* dos Neogramáticos e o *trouver* de Schuchardt, as reflexões etimológicas precisam ser analisadas quanto ao aspecto de sua origem. Assim, não se deve buscar apagar a etimologia antiga pela sua ausência de rigor científico ou pelo seu aspecto subjetivo, e sim trazer à luz o caráter historiográfico para a etimologia antiga.

O caminho dos dias atuais da etimologia até a antiguidade passa, obrigatoriamente, pelas localizadas nas caracterizadas como “clássicas” e “pré-modernas”. Conforme Malkiel (1993), a Clássica traz, junto aos neogramáticos e à Gramática Histórico-Comparativa, um rigor científico, ao passo que as pré-modernas encontravam-se num ambiente de “anedotas” e “palpites”:

Todo o processo de pesquisa linguística começa e depende da etimologia, do rastreamento da história de palavras e elementos individuais. Das palavras, a investigação se eleva a classes, a partes do discurso, a línguas inteiras. Do acerto nos processos etimológicos, portanto, depende o sucesso do todo; e o aperfeiçoamento dos métodos de etimologização é o que especialmente distingue a nova ciência linguística da antiga. A antiga trabalhava sobre a mesma base em que a nova trabalha agora: ou seja, sobre o rastreamento de semelhanças ou analogias entre palavras, no que diz respeito à forma e ao significado. Mas a primeira era desesperadamente superficial. Era guiada por semelhanças superficiais... era descuidada quanto às fontes de onde seu material vinha; em suma, não dominava suficientemente seu assunto para ter um método. Um conhecimento mais amplo dos fatos e, conseqüentemente, uma melhor compreensão de sua relação, mudam tudo isso.³⁰

²⁹ Cf. *‘Personae’ vocabulum quam lepide interpretatus sit quamque esse vocis eius originem dixerit Gavius Bassus. 1 Lepide mi hercules et scite Gavius Bassus in libris, quos de origine vocabulorum composuit, unde appellata "persona" sit, interpretatur; a personando enim id vocabulum factum esse coniectat. 2 Nam "caput" inquit "et os coperimento personae tectum undique unaque tantum vocis emittendae via pervium, quoniam non vaga neque diffusa est, set in unum tantummodo exitum collectam coactamque vocem ciet, magis claros canorosque sonitus facit. Quoniam igitur indumentum illud oris clarescere et resonare vocem facit, ob eam causam "persona" dicta est "o" littera propter vocabuli formam productiore.* (Gélíio, Cap. 7, L. V)

³⁰ Cf. “The whole process of linguistic research begins in and depends upon etymology, the tracing-out of the history of individual words and elements. From words the investigation rises higher, to classes, to parts of speech, to whole languages. On accuracy in etymological processes, then, depends the success of the whole; and the perfecting of the methods of etymologizing is what especially distinguishes the new linguistic science from the old. The old worked upon the same basis on which the new now works: namely on the tracing of resemblances of analogies between words, in regard to form and meaning. But the former was hopelessly superficial. It was guided by surface likenesses . . . it was heedless of the sources whence its material came; it did not, in short, command its subject sufficiently to have a method. A wider knowledge of facts, and a consequent better comprehension of their relation, changes all this”.

Isto posto, podemos compreender que, enquanto tarefa da etimologia, a reconstrução fonética e morfológica da história das palavras mostra-se fundamental. Nesse sentido, faz parte dos estudos diacrônicos e se relaciona especificamente com a história do léxico de uma língua.

1.4.2 As consequências de se hierarquizar a etimologia

Ao engessar a origem das palavras e criticar a subjetividade de um olhar etimológico, nega-se um olhar apropriado ao passado e, por conseguinte, pode abrir espaço às contrariedades, tal qual uma etimologia falsa. Numa possível leitura mundana, a criação de um étimo falso seria a aproximação linguística do ato de se espalhar as famosas notícias falsas (*fake news*) nos dias de hoje? Da ação de se criar mentiras sobre pessoas de modo que aquilo reverberasse negativamente sobre ela?

No Brasil, há exemplificações atrás de exemplificações sobre falsas origens das mais diversas palavras. No artigo digital *A luz do aluno*, Mário Eduardo Viaro (2023) expõe, de maneira muito interessante, a discussão sobre o “aluno sem luz” na construção equivocada, porém popularizada, do seguinte étimo: “aluno”, uma junção do prefixo grego *a-* (“sem”) + com *-lumno* (“luz”). Talvez a explicação da História da língua, como indicado por Viaro (2023), não seja o suficiente e a explicação da já existência do vocábulo no latim (“*alumnus*, -i”) afete emocionalmente os etimológicos patriotas. Isso porque o sentido de alguém como um espaço em branco que, ao adentrar o caminho da educação, será levado à luz é um tanto quanto ultrapassado e equivocado:

Contudo, não há palavras antigas que misturem *a-* grego com um radical latino, da mesma forma como vemos hoje em neologismos recentes (na sua grande maioria franceses ou ingleses que entraram, por empréstimo, no português), tais como *televisão* (grego+latim) ou *internet* (latim+inglês). Assim sendo, é impossível que uma palavra latina como *alumnus*, fonte da palavra *aluno* em português, seja entendida com uma palavra formada com um prefixo grego e um radical latino já na Antiguidade, pois os dicionários de latim não nos dão outros exemplos similares.” (Viaro, 2023, s/p)

A etimologia falsa pode ser usada a qualquer momento, quando menos se espera:

Figura 5 - Etimologia falsa sobre o termo “criado-mudo”



Fonte: [Baguete, 2022](#).

“Vamos aos fatos: o nome desse objeto é uma adaptação do termo americano dumbwaiter, um pequeno elevador que transporta comida entre os andares de um imóvel, inventado no século 19 (“dumb” é um termo para “mudo”; “waiter”, “mordomo”). Na Alemanha, que não usou mão de obra escravizada em seu território nos tempos coloniais, também há a expressão “criado-mudo” (stummer diener) – é a palavra deles para “cabide de piso”. [...] pode até ser de mau gosto, pois equipara pessoas a objetos. Mas não tem a ver com escravidão. A ideia de que se trata de um termo racista tem origem apócrifa e circula há alguns anos nas redes sociais. De tanto ser repetida, começou a ganhar status de verdade. Só que não é.” (Carvalho, 2022, s/p)

Nesse caminho, é possível destacar que a análise etimológica torna-se um instrumento utilizado de modo inescrupuloso, como uma corrente encaminhada com frequência ou como um esquema de pirâmide em seu declínio financeiro. Ou seja, a intenção do engano vocabular encontra-se mais potencialmente vivo do que a busca pela verdade.

1.5 A HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

Inicialmente, atear-nos-emos ao que é compreendido enquanto Historiografia Linguística (HL) — em inglês, *Historiography of Linguistics* – HL. Na obra *Introdução à historiografia da linguística*, Ronaldo Batista (2013, p. 48) explicita que a área é “o estudo interdisciplinar do curso evolutivo do conhecimento linguístico”. Nesse sentido, ainda em consonância com o autor (2013, p. 48), o papel de um historiógrafo da linguística ocorre na realização não só de “críticas e análises de trabalhos relacionados à linguagem”, como também no conhecimento de “eventos situados na corrente histórica”.

Junto a isso, as pesquisadoras Olga Coelho e Maria Mercedes Hackerott (2014, p. 381-382), no capítulo *Historiografia Linguística de Ciências da Linguagem: o fazer científico?*, expõem que o conhecer acerca da dimensão histórica da Linguística “leva o pesquisador a uma maior consciência sobre o lugar que ele ocupa na área de investigação, assim como uma melhor compreensão do lugar dessa área no universo da ciência e da sociedade”³¹. Além disso, ao argumentar sobre a inserção da referida área na ciência da linguagem, Ernst Frideryk Konrad Koerner ([1978] 2011, p. 95) explicita quatro razões voltadas a lastrear essa proposição:

Em primeiro lugar, a historiografia linguística, na medida em que é orientada para a teoria, fornece ao cientista a perspectiva e a distância que lhe permitirão distinguir ganhos significativos dentro da disciplina de ‘teorias’ imaturas e alegações infundadas (que este conhecimento histórico possa impedi-lo de dogmatismo na teoria linguística e levá-lo à moderação e à aceitação de uma diversidade de pontos

³¹ COELHO, Olga; HACKEROTT, Maria Mercedes. *Historiografia Linguística*. GONÇALVES, Aldair; GÓIS, Marcos Lúcio (orgs.). **Ciências da linguagem: o fazer científico?** (Volume 1). Campinas: Mercado de Letras, 2014, p. 381-407.

de vista possíveis parece-me um produto secundário que dificilmente pode ser sobrevalorizado no atual debate linguístico).

Em segundo lugar, a historiografia linguística fornece ao linguista praticante material para obter conhecimento sobre o desenvolvimento do seu próprio campo. Esse conhecimento constitui a diferença entre o cientista e o assistente de laboratório: o cientista sabe de onde vieram as técnicas e quais são as suas limitações; o assistente de laboratório, dominando somente a arte do ofício, não o sabe (além disso – como demonstrou Benware (1974) em relação à tríade vogal de Grimm –, o linguista vai estar ciente de que a adesão estrita a um credo particular e a aceitação das teorias com base em autoridade podem de facto colocar um travão ao desenvolvimento da disciplina).

Em terceiro lugar – em conjunto com os dois argumentos acima mencionados a favor do estabelecimento da história das ideias linguísticas como parte da formação geral de um linguista –, a historiografia linguística, ao proporcionar a experiência do desenvolvimento da própria disciplina em que se inscrevem os linguistas, promove a habilidade no julgamento de teorias novas ou opostas, e, assim, ao mesmo tempo, protege-nos contra a aceitação de forma acrítica de reivindicações excessivas a favor de uma determinada teoria linguística.

Finalmente, embora este aspeto possa ter pouca influência sobre o ponto em questão, a historiografia linguística permite ao estudioso participar em esforços científicos que se encontram fora de sua própria vida, pois passam desta forma a ampliar a sua experiência pessoal: se lemos a *Memoire* de 1878 (Saussure 1879 [1878]) com o espírito apropriado, ficamos realmente a experienciar a luta de Saussure com as perplexidades da inflexão vocálica indo-europeia.

Por intermédio desses quatro pilares, é possível destrinchar a importância da Historiografia Linguística³² não apenas para o campo dos estudos linguísticos, mas também para a nossa dissertação. Sob um viés “macroacadêmico”, a HL traz a possibilidade de: (Ia) análises diversificadas, distanciando-se de pressupostos negativos que, por sua vez, teriam o poder de reprimir reflexões distintas das existentes ou canônicas; (IIa) compreensões maiores sobre a formação teórica do objeto de estudo e não tão somente a regra estruturante dele; (IIIa) investigações mais críticas e plurais; e (IVa) aproximações dos estudiosos ao ambiente do fazer científico. Já sob um “microacadêmico”, i.e., em nossa pesquisa, apreendemos que há: (Ib) reflexões sobre a linguagem em Aulo Gélío, ainda que algumas podem estar linguisticamente equivocadas, tais quais as etimológicas; (IIb) e (IIIb) múltiplas construções de pensamentos linguísticos diversificados, os quais são discutidos, em alguns

³² Nosso intuito não se encontra em trazer à luz a origem da disciplina, e sim seu desenrolar dentro da ciência e, por conseguinte, de nossa dissertação. Isso visto que existem variados materiais disponíveis que discriminam, de modo constante e bem explicativo, os percursos da HL, de modo mais específico, de sua criação até os dias atuais. Para mais informações sobre isso, indicamos o livro *Introdução à historiografia da linguística* (2013) de Ronaldo de Oliveira Batista; a dissertação *O pensamento gramatical de Santo Agostinho*, mais especificamente a *Parte I Historiografia Linguística: conceitos e metodologia* de Fernando Adão de Sá Freitas (2016); e o artigo *História, Estórias e Historiografia da Linguística Brasileira* de Cristina Altman (2012) para a Revista de Língua e Literatura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Obviamente, há muitos outros textos que poderiam ter sido citados nesta nota. Nela, porém, indicamos os que foram basilares à nossa pesquisa e à nossa compreensão do tempo-espaço em que a HL está colocada.

momentos, até de forma metalinguística; e (IVb) contribuição para nosso fazer científico voltado ao estudo da etimologia neste trabalho e outros.

Esse diálogo ocorre ao compreendermos o que Hackerott (2013, p. 11), no prefácio de *Introdução à historiografia da linguística*, explicita sobre a Historiografia Linguística, a qual é “a disciplina que, utilizando um arsenal metodológico, descreve e interpreta como o conhecimento linguístico foi adquirido, desenvolvido, transmitido e até mesmo esquecido no decorrer do tempo”.

A fim de tornar melhor a compreensão sobre o nosso aporte teórico e o foco dele em nosso trabalho, destrinchamos a seguir.

1.5.1 O fazer linguístico da historiografia

No artigo *Questões que persistem em Historiografia Linguística*, Koerner (1996, p. 46) destaca a importância, à época recente, da área que se volte para algo além de simplesmente descrever a história como ela ocorreu. Isto, por conseguinte, distancia de um aspecto de “história” enquanto “fatos do passado” e aproxima de uma “história” enquanto “discurso sobre o passado”, este último sendo o resultado do trabalho de um historiador. Logo, percebe-se a área da

Historiografia da Linguística, no sentido de “modo de escrever a história do estudo da linguagem baseado em princípios” (o que naturalmente inclui a discussão de questões de metodologia e epistemologia), e não no (talvez mais tradicional) sentido de “(meramente) registrar a história (ou escrever a história) da pesquisa linguística” [...]. (Koerner, 1996, p. 45)

Acerca do objeto de estudo (ou da fonte), Cristina Altman (2012, p. 20-21) afirma que ele está diretamente ligado à “natureza de uma historiografia linguística”. Nesse sentido, conseguimos perceber que esses materiais podem ultrapassar “em muito as formas de conhecimento sobre a linguagem que tradicionalmente se designam por gramáticas, vocabulários ou textos teóricos metalinguisticamente elaborados”.

Conforme Pierre Swiggers (2013, p. 41-42), na historiografia da linguística,

[...] os *objetos primários* que se devem estudar são *textos* (publicados ou não publicados). Há muitos aspectos do fenômeno a que denominamos “texto” que merecem certa reflexão do ponto de vista do historiador da linguística:

- Sua inserção em um “circuito” mais amplo: aqui surgem problemas como os concernentes a (a) intertextualidade, (b) polissistema de textos e (c) “serialidade” (série de textos).
- Sua “posição”, isto é, sua avaliação contemporânea ou retrospectiva: aqui enfrentamos questões como (a) as de cânon (cânon de autores/ de textos/ de aproximação): formação (e modificação) do cânon, crítica do cânon; (b) as de posição marginal ou marginalização (por diferentes motivos: por exemplo, visão antiquada, visão inadequada etc.); (c) as de integração (ou não integração) institucional.

II - Sua “composição e tonalidade”: aqui se trata (a) da estrutura global dos textos linguísticos (a respeito disso, pode-se falar de morfótipos de textos); (b) da (natureza da) argumentação; (c) da “modalidade” elocutiva (textos [com aspectos] mais ou menos apodíticos; textos [com aspectos] polêmicos; textos [com aspectos] dubitativos; textos puramente informativos).

IV - Seu “papel dinâmico” (ou “força”): os textos-fontes, tanto em sua concepção quanto em sua recepção (ainda que não haja sempre uma correspondência unívoca entre ambos os polos) não têm o mesmo papel dinâmico. Aqui se podem distinguir vários *dinamótipos*: textos de “ação” (textos programáticos ou textos que oferecem aplicação (inovadora) de uma abordagem), textos de síntese, textos de “diluuição” (são textos que oferecem uma versão/aplicação “diluída” de uma teoria), textos de “reação” (este dinamótipo inclui traduções, resenhas, críticas efetivas, divagações críticas a partir de um “estímulo”), textos de “entorno” (por exemplo, notas, correspondência, prefácios etc.).

Por intermédio desses quatro apontamentos, junto aos princípios de Koerner, lastreamo-nos nos seguintes fundamentos: contextualização (a formação de um clima de opinião); imanência (definição interna do quadro geral de investigação); adequação (as possíveis “aproximações entre o vocabulário técnico e o quadro de trabalho apresentado”).

Além disso, em conformidade com o que Cristina Altman (1998, p. 28-29) apresenta sobre a atividade historiográfica, a qual anseie a compreensão dos movimentos, na área da história da ciência”, inserida em “uma atividade de seleção, ordenação, ordenação, reconstrução e interpretação dos fatos relevantes (história *rerum gestarum*) para o quadro de reflexão que constrói o historiógrafo”. Dessa forma, ainda em conformidade com a estudiosa (1998, p. 28-29), não se deve incluir fatos passados “só por serem passados. [...] a arbitrariedade do investigador que seleciona nomes, fatos, e datas encontra seu limite na consistência e coerência da rede de relações estabelecida entre eles”.

1.6 AULO GÉLIO: UM JURISTA ROMANO SOB O CÉU GREGO

Nesta subseção, fazemos uma breve contextualização acerca do autor da obra estudada. Aulo Gélio (em latim, *Aulus Gellius*), jurista e autor latino, viveu entre 123-170 EC³³. Sob o governo de Públio Élio Adriano, ele obteve uma educação de cunho erudito. Gélio tornou-se, na época em que esteve em Roma, discípulo de Sulpício Apolinário; foi educado por Cornélio Frontão e estudou a arte da retórica com Tito Giuliano; posteriormente, ele foi à Grécia, conheceu o cônsul Erode Ático, começou a se aperfeiçoar com o filósofo romano Favorino de Arelate, o qual detinha conhecimento na língua grega; entre o período de 147 a 152, o referido autor obteve o título de juiz *extra ordinem*,

³³ As informações referentes à vida e obra de Aulo Gélio foram retiradas de: GELLIUS, Aulus. **Complete Works of Aulus Gellius – ‘The Attic Nights’ (Illustrated)**. Delphi Classics, 2016; HOLFORD-STREVENS, Leofranc. **Aulus Gellius: An Antonine Scholar and his Achievement**. New York: Oxford University Press, 2003; HOLFORD-STREVENS, Leofranc; VARDI, Amiel (ed.). **The Worlds of Aulus Gellius**. New York: Oxford University Press, 2004.

retornou à Grécia, local no qual se encontrou com o filósofo Peregrino Proteu. Logo, é perceptível que há uma grande variedade na formação e construção intelectual dele e, por conseguinte, que obteve um contato não somente com a língua latina e grega, mas também com outras estruturas linguísticas e culturais, o qual foi bastante diversificado. Concomitante a tudo isso, ele construía o que viria a ser a *Noctes Atticae*.

A obra *Noites Áticas* foi desenvolvida nas “longas e noites de invernos” da cidade grega, ao finalizar os estudos que ele havia começado em solo romano:

Mas visto que em longas noites de inverno no território, assim como eu disse, da terra Ática, começamos a nos divertir e a compor estes ensaios, por isso os intitulamos das Noites Áticas, em nada tendo nós imitado as jovialidades de títulos que numerosos outros escritores de uma e outra língua deram a livros deste gênero.³⁴

Ao lermos o referido livro, pode-se apreender que não existe uma ordem temporal, tampouco uma temática específica, tendo sido feito a partir de anotações acerca de fatos que ocorriam com o autor ou quando este, com livros de língua grega e latina, refletia sobre “qualquer assunto digno de memória”. O compilado encontra-se dividido em 20 livros, com 398 capítulos totais; dentre estes, 246 deles versam sobre — o que Cavazza (*apud* Cecato, 2005, p. XIV) denomina de — especulações e reflexões gramaticais. No que se refere às temáticas abordadas por Aulo Gélíio, pode-se encontrar uma variedade delas, tais como: “gramática, matemática, nomenclaturas do direito civil e religioso, astronomia e antiguidades (antropologia)”³⁵.

Nesse sentido, alguns pesquisadores do escritor romano propõem a denominação dos capítulos enquanto crônicas³⁶, acerca do qual temos acordo, ao compreendermos esse gênero literário enquanto uma compilação de fatos históricos e temas diversificados. Também, conforme Leofranc Holford-Strevens (2003, p. 28) em *Aulus Gellius: An Antonine Scholar and his Achievement*, Gélíio seria um tipo de *miscellanist*³⁷ (não o primeiro, pois Plínio, o velho, precedia-o), ou seja, um escritor de miscelâneas. Isso pode ser perceptível na própria divisão feita por Holford-Strevens (2003, p. xvii), em que o estudioso separa as temáticas propostas por Gélíio em capítulos diversificados, a saber,

³⁴ “*Sed quoniam longinquis per hiemem noctibus in agro, sicuti dixi, terrae Atticae comentationes hasce ludere ac facere exorsi sumus, idcirco eas inscripsimus noctium esse Atticarum nihil imitati festiuitates inscriptionum, quas plerique alii utriusque linguae scriptores in id genus libris fecerunt.*”

³⁵ Cf. CECATO, 2005, p. XIV.

³⁶ Cf. BASSETTO, Bruno Fregni. Apresentação para *Noites Áticas*, de Aulo Gélíio, 2010, p. 10; CECATO, 2005, p. II.

³⁷ Não conseguimos localizar o termo como uma significação de uma pessoa atuante ou algo semelhante. Seguindo o que o Dicionário Aurélio (2008) expõe sobre “miscelânea”, tem-se: “sf. **1.** Mistura de variadas compilações literárias. **2.** Mistura de coisas diversas”. Já no [Oxford English Dictionary on-line](#), indica-se como um “writer of miscellany, or of a miscellany”.

History (p. 241-259), *Philosophy – Excursus: Religion, Superstition and the Supernatural* (p. 260-282), *Other Sciences: Rhetoric, Law, Medicine* (p. 290-305), *Other Values and Interests, Weak Spots and Blind Spots* (p. 306-328). Além disso, o jurista romano cita cerca de 250 autores distintos, gregos e latinos, “cujas obras, totalmente ou em parte considerável, perderam-se e de outros dois quais nem sequer os nomes saberíamos sem as referências aulogelianas”³⁸. Sobre esses, Holford-Strevens (2003, p. xvii) discorre mais detalhadamente nos capítulos *Roman Orators and Poets* (p. 193-225) e *Greek: Language, Poets, Orators* (p. 226-240).

Para o nosso trabalho, essa diversidade é tão somente um lastro ao que nós trazemos na seção sobre a etimologia em Gélío. Isso pois, a nós, a importância de Aulo Gélío ser identificado como um “miscelante” ou um antiquário recai sobre a rica oportunidade de se refletir acerca da linguagem a partir das fontes e dos temas mais variados.

Nesse sentido, voltamo-nos à Federica Lazzerini (2023, p. 155)

Um testemunho de Gélío (2.10) oferece um exemplo de como a etimologia pode integrar outros tipos de pesquisa antiquária. Gélío explicita que o jurista Rufo Sulpício escreveu a Varrão para o inquirir sobre o significado do termo *fauisae Capitolinae*, o qual Sulpício tinha descoberto em anotações de censores; Varrão, em resposta a ele, lembrou que Q. Lutácio Catulo, após o incêndio de 83, quis rebaixar o templo de Júpiter a partir de um rebaixamento do terreno por seu entorno, mas não foi capaz de fazer isso, pois “os *fauisae* preveniram isso”.³⁹

Nesse sentido, de acordo com o dicionário etimológico de De Vann (p. 237, 2008), o termo *fauisae* (*vaults, subterranean chambers*) é derivado de *fouea* (vala). Assim, Gélío demonstra que a explicação histórica de uma decisão oficial que afetaria a vida dos romanos por gerações — a construção de um templo à maior divindade do panteão — estava diretamente relacionada com a compreensão de um termo que havia caído em desuso.

Assim, a despeito de um entendimento apenas metalinguístico do ideário de etimologia, vemos na obra de Aulo Gélío uma reflexão linguística e, em determinados momentos, até filosófica no tocante ao aspecto etimológico. Isso, portanto, é o que nos faz buscar um recorte deste último na obra *Noites Áticas*.

³⁸ Cf. BASSETTO, Bruno Fregni. Apresentação para *Noites Áticas*, de Aulo Gélío, 2010, p. 11.

³⁹ Cf. “A testimony by Gellius (2.10) offers an example of how such a use of etymology could integrate with other kinds of antiquarian research. Gellius reports that the jurist Ser. Sulpicius Rufus wrote to Varro to inquire about the meaning of the term *fauisae Capitolinae*, which he had found in the records of the censors; Varro, replying to him, recalled that Q. Lutatius Catulus, tasked with restoring the Capitol after the fire of 83, wanted to make the temple of Jupiter stand out by lowering the ground in the surrounding area, but had not been able to do that because ‘the *fauisae* prevented that’”.

Para isso, fizemos um mapeamento para sistematizar os tipos de reflexão etimológica presentes no livro de Aulo Gélío, sobre o qual explicamos abaixo.

1.7 NOITES ÁTICAS: ESTUDO E MAPEAMENTO

1.7.1 Um mapeamento da linguagem das Noites Áticas

Como apresentado brevemente, grande parte de *Noites Áticas* versou sobre questões envolvendo a linguagem. Sobre isso, Cleuza Cecato (2005, p. XVII), em sua dissertação intitulada *Comentários gramaticais de Aulo Gélío: uma proposta de tradução*, esquematizou os livros e capítulos a partir de três categorias principais: Morfonologia/Ortografia⁴⁰; Sintaxe⁴¹; e Etimologia. Nela, a estudiosa propôs uma presença única para cada temática, i.e., cada capítulo estaria inserido em tão somente uma categoria e destacamos, destas, como a autora faz a Etimologia:

Etimologia: Este, como podemos facilmente observar na tabela, é o grupo que mais capítulos agrupou, pois se trata da maneira mais recorrente de explicar palavras; mesmo que o assunto do capítulo não fosse propriamente alguma especulação de língua, a explicação através da origem ou de formas primitivas da expressão em questão, é empregada em grande parte dos capítulos.

No entanto, compreendemos que, para nossa dissertação, essa divisão precisava ser delimitada de outra forma. Isso visto que seguimos o entendimento de que o compêndio apresenta não só uma diversidade temática em cada capítulo ou livro, mas também uma multiplicidade de discussões em cada um dos textos. Dessa maneira, a fim de contrastar essa pluralidade, far-se-á necessário um mapeamento distintivo, o qual encontra-se sintetizado no [Apêndice](#). Ou seja, propomos um novo tipo de mapeamento no que tange aos capítulos que apresentam alguma espécie de reflexão voltada à explicação de palavras, pois compreendemos a disciplina como um estudo muito mais aprofundado.

Assim, trazemos uma estrutura em três níveis: uma reflexão Etimológica Explícita (EE), isto é, que traz recursos linguísticos explícitos acerca da reflexão etimológica; por conseguinte, uma Etimologia Implícita (EI), que, embora não explicita a reflexão a partir de termos, ela encontra-se dentro de uma reflexão etimológica; e, por último, uma reflexão sobre a Linguagem (L), que não é necessariamente uma retomada da origem da palavra em si, mas tem aspectos de reflexão histórica e sobre a língua e formação de palavras.

⁴⁰ Cf. Cecato, 2005, p. XXII: “Neste bloco coloquei os capítulos que tratam das formas e constituição de palavras, criação de outras tantas e de inserção de letras diferentes na grafia para representar sons provenientes, em sua maioria, de palavras gregas.”

⁴¹ Cf. Cecato, 2005, p. XXIII: “Para este grupo foram os capítulos que tratavam de aspectos relacionados à organização sintática das palavras, principalmente relacionados a observações de concordância e regência.”

O nosso mapeamento, por outro lado, encontra limitado a 2 características importantes: destacamos apenas as etimologias em latim; e comparamos com o de Cecato (2005) somente a partir dos capítulos que previamente havíamos categorizado como etimológicos. Em outras palavras, não buscamos distinção de capítulos que não identificamos como etimológicos, a despeito do que Cecato (2005) apontara. Além disso, trazemos uma estruturação que exprime os autores usados nas reflexões etimológicas aulogelianas ou nas da linguagem, bem como quais termos são empregados pelo autor. A sistematização encontra-se também no [Apêndice](#).

2 A ETIMOLOGIA SOB A LEXEOLOGIA E A PRESENÇA DELA NAS OBRAS DE FERNÃO DE OLIVEIRA (1536) E ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO (1890)

A partir do final da Idade Média, com o Humanismo e o Renascimento da cultura clássica, ocorre uma mudança gradual de olhar sobre os estudos etimológicos, em que os interesses se voltaram aos dados em detrimento, e até em franca crítica, das reflexões teóricas anteriores (Koerner, 1989, p. 52). Houve uma valorização dos vernáculos europeus e um imenso trabalho filológico em prol do estabelecimento de textos dos autores clássicos. Ao mesmo tempo, os estudos da retórica e estilística ganharam espaço prioritário na pesquisa e no ensino e na aprendizagem das línguas.

O ideal de imitação do estilo dos clássicos romanos é tido como a principal finalidade da educação humanista. Nesse sentido, as reflexões sobre o aspecto fônico e a morfologia das línguas passaram a ocupar o espaço anteriormente reservado às preocupações sintáticas e semânticas, predominantes até o final da Idade Média. Uma das características principais desse novo contexto é o surgimento de uma busca não mais pelas formas verdadeiras, e sim pelas “corretas” das expressões, no estabelecimento dos paradigmas e das regras para a composição das gramáticas latinas, gregas, hebraicas e vernaculares então emergentes. As ditas corretas não são mais as verdadeiras, e sim as de maior prestígio: a língua usada na corte e pelas pessoas instruídas, os usos dos autores consagrados, em conformidade com a interpretação que os renascentistas fizeram das diretrizes de Quintiliano (séc. II d.C.).

Junto a isso, há também o aparecimento da Linguística Histórico-Comparativa nos estudos gramaticais, principalmente na figura do filósofo e matemático alemão Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646-1716), no início do século XVIII, bem como a partir dos estudos de Franz Bopp (1791-1867) e Jacob Grimm (1785-1863)⁴².

Conforme Márcio Eduardo Martelotta (2011, p. 47), essa “tendência de estudar as línguas” tinha como proposta a comparação de “elementos gramaticais de línguas de origem comum a fim de detectar a estrutura da língua original da qual elas se desenvolveram”. Assim,

Mais do que as semelhanças entre as palavras, chamou a atenção dos comparatistas o fato de as diferenças entre duas ou mais línguas apresentarem um alto grau de regularidade e sistematicidade, o que foi visto como um sintoma de que essas línguas tinham uma origem comum. Como esses cientistas trabalhavam com línguas já desaparecidas, a metodologia comparativa ajudava a relacionar línguas que, supostamente, derivaram dessas línguas mortas. (Martelotta, 2011, p. 47)

⁴² Cf. MARTELOTTA, Márcio Eduardo. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, Márcio Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 43-70.

Para isso, ainda em consonância ao que aponta o supracitado estudioso (2011, p. 48), essa ciência procurou abandonar “os princípios que regiam a tradição gramatical de base grega”. Essa contraposição às propostas aristotélicas relaciona-se ao positivismo, sistema filosófico proposto por Augusto Comte (1798-1857), o qual “se caracterizava pela ênfase na experimentação, em oposição à especulação (Martelotta, 2011, p. 49).

Em diálogo às gramáticas propostas nesta seção, bem como à etimologia, é necessária essa contextualização acerca do método histórico-comparativo, visto que há não só uma presença dessa perspectiva diacrônica em olhar para as línguas que precederam a portuguesa, mas também se relaciona com a “reestruturação” da disciplina etimológica para o campo da lexeologia. Para isso, voltamo-nos, portanto, a duas fontes historiográficas fundamentais à compreensão do pensamento linguístico: as *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* (1536) de Fernão de Oliveira e os *Serões Grammaticaes* de Ernesto Carneiro Ribeiro (1890). Estas duas obras foram escolhidas, pois não só representam momentos cruciais na história da gramatização do português, mas também trazem consigo reflexões da linguagem acerca da origem e formação das palavras.

Assim, por intermédio dessas gramáticas do século XVI e XIX, respectivamente, conseguimos compreender de que forma as questões etimológicas foram tratadas nesses diferentes momentos da tradição gramatical, ao trazer à luz as aproximações e os distanciamentos do pensamento linguístico ao longo do tempo. Além disso, elas possibilitam ainda identificar as fontes antigas que fundamentaram as reflexões dos gramáticos portugueses, tal qual a presença de Aulo Gélío enquanto autoridade citada por Fernão de Oliveira.

Antes disso, cabe-nos determinar o que é *lexeologia*, isto é, o estudo (-λογία) da palavra (λέξις). Mais detalhadamente, conforme o gramático português Júlio Ribeiro (1920, p. 4), a lexeologia (ou, na referida obra, “lexilogia”) é o estudo do vocábulo que inclui “*Phonologia, Morphologia, Classificação* (ou *Taxinomia*)”, distinguindo do da “*Syntaxe*”, o qual é acerca da “*PHRASE* ou *proposição*”. Assim, ao contrário da morfologia, a qual discorre sobre a estrutura formal das palavras, a *lexeologia* apresentava-se como termo mais geral, o qual abarcava diversas questões, tais quais as relativas à constituição do léxico, à formação e à derivação dos vocábulos.

Acerca da origem das palavras, de acordo com Leonor Lopes Fávero (2004, p. 59, grifos nossos), “apesar de a fonologia aparecer subordinada à lexeologia, [Júlio Ribeiro] considera-a, assim como a semântica e a etimologia, partes da filologia”. Ainda voltando-nos à gramática portuguesa, destacamos a seguinte passagem: “O estudo do sentido do vocábulo chama-se *Semantica*, e o da origem e historia das fórmulas primitivas, *Etymologia*; conquanto muito dependentes da grammatica,

d'ella não fazem comumente parte a Etymolohia, nem a Semantica, e antes representam divisões da philologia geral” (Ribeiro, 1920, p. 4)⁴³.

2.1 A IMPORTÂNCIA DO OLHAR PARA A GRAMÁTICA ENQUANTO FONTE HISTÓRICA

Isto posto, e como veremos também mais à frente, é possível apreender que esses estudos gramaticais encontram-se num domínio intermediário entre as disciplinas etimologia e morfologia, uma vez que refletem sobre a constituição do léxico, a origem das palavras e os processos de formação vocabular. A retomada desse conceito permite, portanto, compreender de que modo os gramáticos do passado organizavam seus saberes sobre a língua e, mais especificamente, de que maneira situavam as investigações etimológicas nesse contexto intelectual.

Para isso, colocamos a gramática em destaque para esta sistematização, uma vez que, enquanto instrumento linguístico, ela torna-se importante fonte à Historiografia da Linguística. Nesse sentido, a gramaticografia⁴⁴, a saber, o estudo da história das gramáticas, mostra-se como um dos lastros metodológicos essenciais nesta parte de nossa dissertação. Esse campo de investigação, inserido na HL, não se limita a regras linguísticas prescritas ou descritas nas gramáticas. Pelo contrário, pretende compreender as gramáticas enquanto fontes históricas que trazem junto a elas diversos pressupostos epistemológicos, valores culturais, projetos políticos e visões de mundo de uma determinada época:

A gramática não é uma simples descrição da linguagem natural; é preciso concebê-la **como um instrumento linguístico**: do mesmo modo que um martelo prolonga o gesto da mão, transformando-o, uma gramática prolonga a fala natural e dá acesso a um corpo de regras e de formas que não figuram juntas na competência de um mesmo locutor. Isso é ainda mais verdadeiro acerca dos dicionários: qualquer que seja minha competência linguística, não domino certamente a grande quantidade de palavras que figuram nos grandes dicionários monolíngues. (Auroux, 2014, p. 70-71, grifos nossos)

Nesse sentido, o nosso olhar recai nas gramáticas de Oliveira (1536) e Ribeiro (1890) por compreendermos do importante papel das gramáticas na história das ideias linguísticas e, dessa forma, aproximarmos do conceito de Auroux (2014, p. 65) sobre gramatização, isto é,

⁴³ Sobre a obra e as reflexões gramaticais de Júlio Ribeiro, cf. *Prefixos latinos de movimento: um estudo morfológico e lexicográfico* de Silva (2006), *Die Moraes Silva a João Ribeiro - contribuição à História da Gramática no Brasil* e *A Grammatica Portuguesa de Júlio Ribeiro*, ambos de Fávero (2004; 2002).

⁴⁴ Para os leitores interessados em aprofundar as questões relativas à gramaticografia e à história das gramáticas, recomendamos os estudos de Swiggers no campo da Historiografia Linguística, o projeto [Documenta](#), desenvolvido pelo Centro de Documentação em Historiografia Linguística da Universidade de São Paulo (CEDOCH-USP), além das contribuições de Cavaliere (2023) e Borges Neto (2024) para a área de História da Gramática no Brasil.

o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário. O processo de gramatização mudou profundamente a ecologia da comunicação e deu ao Ocidente um meio de conhecimento e dominação sobre as outras culturas do planeta.

A gramática, logo, não somente descreveu as línguas, mas também contribuiu para as suas transformações. Nesse sentido, a perspectiva historiográfica que adotamos reconhece que as gramáticas não são objetos isolados, mas relacionam-se com gramáticas, dicionários, tratados filosóficos, obras literárias etc.

Assim, buscamos explicitar que, em nosso estudo, analisamos as gramáticas de Fernão de Oliveira e Carneiro Ribeiro a partir de uma perspectiva de suas relações com a tradição gramatical e com as concepções de linguagem de seus respectivos contextos históricos. Mais especificamente, a presença diversificada da disciplina etimologia nessa divisão tradicional. Enquanto o termo aparece sob a guarda do que se chama hoje de morfologia — estudo das formas das palavras, suas flexões e derivações, sem relação necessariamente com a história das palavras ou a investigação das origens do vocábulo —, podemos encontrá-lo, no entanto, com sentido voltado à investigação da origem e história dos vocábulos nas duas gramáticas analisadas, sob a guarda da lexeologia.

E é o que discutiremos na próxima subseção.

2.2 A *GRAMMATICA DA LINGOAGEM* PORTUGUESA DE FERNÃO DE OLIVEIRA

Conforme Araujo e Barbuto (2012, p. 94-95), Fernão de Oliveira

nasceu em 1507 e de origem relativamente humilde, Fernão de Oliveira teve uma vida, além de eclética, bastante conturbada. Não há um consenso em relação ao local do seu nascimento. Para alguns pesquisadores a sua cidade natal é Aveiro; para Francisco Contento Domingues (2000), em sua tese de Doutorado, Oliveira teria nascido na cidade de Beira Alta; mas, segundo o comandante Quirino da Fonseca num comentário feito ao livro *A arte da guerra no mar*, ele teria nascido em Santa Comba. É de comum acordo, no entanto, que, em 1520, aos treze anos, iniciou seus estudos no Convento Dominicano da cidade de Évora.

A *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* havia sido dedicada a D. Fernando de Almada, o qual teria custeado a publicação. Indicada por Oliveira como “primeira anotação da língua portuguesa”, ela oferece informações tanto sobre o português do século XVI quanto discorre sobre a linguagem e as línguas de modo inovador à época. Assim, antes de publicá-la (1536),

aos 25 anos, por motivos desconhecidos, conforme nos relata Mario Maestri, no artigo intitulado “Fernão de Oliveira – o cristão-velho abolicionista: a repressão ao pensamento racional e abolicionista em Portugal do século 16”, Oliveira teria abandonado o convento e se refugiado em Castela, de onde, ainda de acordo com o autor, teria regressado em 1535 para lecionar para jovens fidalgos e, posteriormente,

em 1536, publicar em Lisboa a primeira gramática da Língua Portuguesa (Araujo e Barbuto, 2012, p. 94).

Como apresentado acima, a vida de Fernão de Oliveira foi bastante movimentada pelas viagens e perseguições. O supracitado gramático partiu à Espanha e à Itália nos anos de 1540, tendo se alistado, 5 anos depois, para ser piloto de uma nau francesa. Antes de retornar a Portugal, em 1547, esteve na Inglaterra, onde entrou em contato com as ideias da Reforma Protestante. Nesta última, a gramática, no que tange à educação, encontrava-se no seguinte contexto:

Meu conselho, porém, não é que se ajunte toda sorte de livros indiscriminadamente e que se pense somente na quantidade de livros. Eu iria fazer uma seleção, pois não é necessário colecionar todos os comentários dos juristas, todas as sentenças dos teólogos, todas as questões dos filósofos e todos os sermões dos monges. Eu inclusive iria lançar fora toda esta porcaria, e proveria minha biblioteca de livros decentes e iria consultar a respeito pessoas especializadas. Em primeiro lugar deveria figurar a Sagrada Escritura em latim, grego, hebraico e alemão ou em outras línguas mais. Depois, os melhores intérpretes e os mais antigos, ambos em grego, hebraico e latim, onde quer que os pudesse encontrar. Depois, livros úteis para aprender as línguas, como por exemplo os poetas e oradores, sem perguntar se são gentios ou cristãos, gregos ou latinos. Pois é deles que se deve aprender a Gramática. Depois deveriam vir os livros sobre as artes liberais e outras disciplinas. Por último também livros jurídicos e de Medicina, embora também aqui se faça necessária uma boa seleção entre os comentários.⁴⁵

Ao retornar ao país de origem, foi interrogado pela Inquisição e encarcerado durante três anos, devido a opiniões pessoais de ordem religiosa. Em 1554, D. João III nomeou-o revisor tipográfico da Universidade de Coimbra e, com o título de licenciado, ensinou na universidade a disciplina de Retórica. Faleceu por volta de 1581.

No contexto do Renascimento europeu, mais especificamente no que corresponde ao humanismo, existiram transformações profundas no que tange à linguagem e às línguas.

O pensamento lingüístico humanista incluía tanto um ‘humanismo clássico’ quanto um ‘humanismo vernacular’, para usar os termos de Juan Zamora (1995, p. 157). O humanismo clássico consistia em recuperar o latim clássico, deturpado pelo uso descuidado dos contemporâneos; o humanismo vernacular consistia em atribuir dignidade às línguas vernáculas e em aplicar a elas os mesmos ideais de correção que se reconheciam no latim clássico. (Borges Neto, 2009, p. 43)

Ainda de acordo com José Borges Neto (2009, p. 43), no capítulo *A teoria da linguagem de Fernão de Oliveira* do livro *Fernão de Oliveira: Um gramático na História*, o pensamento renascentista voltava-se ao futuro e ao passado concomitantemente: enquanto os descobrimentos abriam portas para o que viria, o redescobrimento do mundo clássico abria para o que viera.

⁴⁵ Cf. LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**: ética: fundamentos – oração – sexualidade – educação – economia, v. 5, 2. ed. Tradução de Martin N. Dreher. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011, p. 334, grifos nossos.

Qual Janus, o homem renascentista olhava simultaneamente para o futuro e para o passado. Os descobrimentos abriam portas para o futuro.

O redescobrimento do mundo clássico abria portas para o passado. Os estudos linguísticos não ficaram imunes a esta atitude. Também neles se pode perceber essa atitude bifronte. O pensamento renascentista — conhecido também como *humanismo* — é um pensamento de transição e os estudos gramaticais por ele gerados são particularmente interessantes por trazerem em si as marcas dessa transição. (Borges Neto, 2009, p. 43)

Mais especificamente, o pensamento linguístico à época era composto tanto por um caráter humanístico clássico quanto um vernacular. Em outras palavras, o primeiro buscava recuperar o latim clássico, ao passo que o segundo procurava não só certa dignidade às línguas vernáculas, mas também aplicá-las aos mesmos propósitos linguísticos que o latim clássico.

Exemplo disso, Antonio de Nebrija (*apud* Borges Neto, 2009, p. 43), em *Introductiones Latinae* (1481) e *Gramática de la Lengua Castellana* (1492), aplica a teoria gramatical latina ao castelhano:

Para os renascentistas, o latim é considerado uma língua superior às outras, particularmente às línguas vernáculas, que no fundo não são mais do que corruptelas do latim clássico, e, portanto, quanto mais uma língua se parecer ao latim, mais perfeita será considerada. Parte importante dos esforços para a valorização das línguas vernáculas, então, será empreendida na demonstração de que as línguas vernáculas têm estrutura semelhante à do latim.

Isso diferencia, portanto, a *Grammatica* de Fernão de Oliveira de suas gramáticas contemporâneas com teor latinizante. No estudo introdutório à *Grammatica*, Eugenio Coseriu (2000, p. 15) explicita a estrutura dela do seguinte modo:

A gramática de Fernão de Oliveira dedica nada menos que vinte e quatro capítulos à fonética e à ortografia; treze à lexicologia; seis à morfologia e apenas um à sintaxe. Mas Oliveira não se mostra apenas como foneticista, pois as suas ideias no domínio da lexicologia, no da morfologia e até mesmo no da linguística geral não são menos interessantes e originais que as da área da fonética.

De maneira geral, conforme Borges Neto (2009), a originalidade da obra de Fernão de Oliveira encontra-se num certo “preenchimento” das lacunas que separam a língua latina da portuguesa. Já no que tange à lexicologia, Oliveira classifica os vocábulos portugueses de modo tripartite, a saber: as *dições nossas*, palavras primitivas específicas da língua ou formadas nela a partir de composição e derivação; as *dições alheias*, empréstimos e estrangeirismos; e as *dições comuns*, compartilhadas por diferentes línguas sem que se possa determinar sua procedência original. Nesse sentido, essa tipologia consegue revelar certa consciência, naquele momento, não só da historicidade do léxico, mas também dos processos de mudança da linguagem.

2.2.1 Fernão de Oliveira sob as *Noites Áticas* de Aulo Gélío

Conforme Coseriu (2000, p. 53), durante a discussão sobre o complexo embate sobre analogia vs. anomalia nos processos de formação de palavras, Fernão de Oliveira retoma os autores antigos enquanto ponto de partida para sua própria reflexão. A título de exemplificação, ele volta-se a Varrão no que tange à distinção entre *derivatio naturalis* e *derivatio voluntaria*, sobre a qual Oliveira demonstra acordo com os aspectos apresentados por Varrão:

e, como Varrão, ele [Oliveira] entende por declinação neste contexto a *flexão* e a *derivação*. Também nos seus exemplos de *declinação voluntária* e de *anomalias* desta são semelhantes aos de Varrão. Constata que em diferentes derivações em si mesmas equivalentes há preferência por determinadas formas, diferentes de caso para caso: de *sarna* tem-se *sarnoso* e não *sarnento*; de *sarapulhas*, entretanto, *sarapulhento* e não *sarapulhoso*; e de *pó* não se tem nem *pooso* nem *poento* mas *empoado*; de uma mulher diz-se *pescadeira*, de uma barca, ao contrário, diz-se *pescareza*. O substantivo do verbo *orar* é oração mas o de *amar* é amor. (COSERIU, 2000, p. 53-54).

Apesar da semelhança na maneira de encarar os problemas, Oliveira vai além de Varrão, pois não se limita a estabelecer analogias e anomalias do uso linguístico, mas concebe a língua também enquanto um sistema de possibilidades que, no uso concreto, se realizam com restrições. Para nós, a importância de Aulo Gélío nesse caso é de, ao trazer opiniões distintas sobre a questão da linguagem, oferecer aos gramáticos renascentistas material para suas próprias reflexões sobre a constituição das línguas vernaculares.

2.3 OS *SERÕES GRAMMATICAES* DE ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO

Durante o século XIX brasileiro, foi perceptível ver profundas transformações políticas, sociais e culturais que repercutiram diretamente sobre os textos gramaticais. Segundo Ednei de Souza Leal (2015, p. 12), em sua dissertação *Pressupostos epistemológicos na “Phraseologia” dos Serões Gramaticaes de Ernesto Carneiro Ribeiro*, o contexto educacional brasileiro teve mudanças significativas a partir da chegada da família real portuguesa em 1808, que trouxe consigo a instauração da Imprensa Régia, a fundação de instituições culturais e o estabelecimento das primeiras escolas superiores no Brasil.

Não foi sem diversas revoltas e mesmo conflitos armados desde o início do século XVIII – veja-se, por exemplo, a Insurreição Mineira, em 1789; a Conjuração dos Alfaiates, na Bahia, em 1798; e, posteriormente, a Revolução Pernambucana de 1817 – que o Brasil reclamara sua independência ante Portugal. No entanto, foi apenas em 1808 que o processo de independência realmente se inicia. Com o avanço das tropas do imperador francês Napoleão em direção à Península Ibérica, fato que ficou conhecido como “Bloqueio Continental”, o rei de Portugal Dom João VI e sua família – sem contar com uma numerosa comitiva que literalmente povoaria a cidade

do Rio de Janeiro – instalaram a capital do Império no Rio. O processo de independência se finda, então, com a volta de João VI ao trono português, quando este deixa seu filho como príncipe regente do Brasil. O carismático D. Pedro I iria se tornar o verdadeiro herói da Independência em 1822, numa manobra política que o tornaria Imperador do Brasil e, ao mesmo tempo, príncipe de Portugal. De fato, em 1830, com a morte de D. João VI, e com a iminência de uma revolução em Portugal, resultado das várias instabilidades políticas, D. Pedro I abdicaria ao trono brasileiro, que é deixado a cargo de uma junta política, uma Regência como era chamada na época, até que o príncipe herdeiro, D. Pedro II, tivesse idade para tomar o trono de direito. Ainda que a vinda da Família Real portuguesa tenha trazido consigo não apenas a instauração da Imprensa Régia ainda em 1808; as Academias Marinhas, também em 1808; a Biblioteca Real em 1810; o Museu Real em 1818; e mesmo as Escolas de Medicina no Rio e na Bahia em 1819; a real condição do ensino no país era paupérrima. [...] Apesar de todas essas dificuldades, é aprovada em 1827 a primeira lei sobre o Ensino Elementar que visava instaurar escolas “de primeiras letras” em todas as cidades, vilas e lugarejos do Brasil. Por razões de ordem financeira e técnicas, no entanto, a lei não foi bem sucedida, e acabou por não ser aplicada. Através de uma emenda constitucional, em 1834, o Ensino Elementar, Médio e Secundário ficaria a cargo das províncias e o Ensino Superior, a cargo do Poder Central. Este modelo vigoraria no país até por volta dos anos 40 do século XX. Dessa forma, surge o afamado Imperial Colégio D. Pedro II, em 1837, e com ele os “liceus provinciais”: o Colégio São Luís (em Itu, 1867), o Colégio Caraça (em Ouro Preto, 1840), o Liceu da Bahia em 1839 dentre outros poucos. Nessa primeira fase do Colégio, as disciplinas “Gramática Geral” e “Gramática Nacional”, que eram ministradas apenas no primeiro ano dos cursos, começaram a ser efetivamente lecionadas apenas depois do Regulamento de 1º de fevereiro 1841. Posteriormente, encorajado pelo próprio Imperador, teve início, ainda que em pequena escala, a produção de gramáticas e dicionários providos de mestres do D. Pedro II, que se tornaria parâmetro de ensino no Brasil até, pelo menos, a primeira metade do século passado. Posteriormente outros professores de outros liceus estaduais também produziram suas próprias gramáticas. (Leal, 2015, p. 12)

Em 1837, a criação do Imperial Colégio D. Pedro II foi um momento de virada para o ensino brasileiro.

Pois é no século XIX que o Brasil tem sua emancipação política, inicialmente com a vinda da família Real portuguesa (1808) e, posteriormente, esse período de emancipação finda-se com a Abolição da Escravatura (1888) e com a ascensão da República (1889). Tal fato suscita na intelectualidade brasileira a necessidade de demarcações identitárias que têm por missão a consolidação do país como estado nacional. Não é, então, por acaso que a questão linguística tome proporções significativas. A questão da língua vernácula brasileira se reveste de importância nesse instante, e embora ainda discutida até hoje, tal questão foi muito bem documentada e, curiosamente, não teve impacto no ensino da língua portuguesa naquela altura. E diga-se, ainda hoje. Toda essa discussão aparece em vários livros relacionados com a questão da “Língua Nacional”.

O Colégio, então, tornou-se o único autorizado a realizar exames para obtenção do grau de bacharel, requisito para o ingresso no ensino superior. As disciplinas *Gramática Geral* e *Gramática Nacional*, existentes no currículo do referido colégio, começaram a ser lecionadas após Regulamento

de 1841, e, por sua vez, fez aumentar a produção de materiais didáticos por mestres da instituição. Além disso,

Em 1887, percebendo-se a necessidade de se imprimir nova orientação aos estudos da língua vernácula, são designados vários professores para efetuarem uma **reorganização do Programa de Ensino do Curso Secundário**, cabendo ao professor Fausto Barreto, o programa da Língua Nacional. Esse fato incentiva vários estudiosos a produzirem materiais didáticos que atendessem ao novo programa. As gramáticas, a partir daí, foram feitas dentro dos critérios desse programa, o qual, por ser do prestigiado Colégio Pedro II, ganhou importância nacional. Vale salientar aqui, que tal atitude foi modelar, ainda que não tivesse força de lei, o que igualmente aconteceria anos mais tarde com a Norma Gramatical Brasileira (1959), que também os gramáticos seriam recomendados a seguir. (Leal, 2015, p. 37, grifos nossos)

Assim, essas reformas educacionais, seguidas da reorganização do Programa de Ensino do Curso Secundário em 1887, intensificaram a demanda por gramáticas. Nesse sentido, o professor Fausto Barreto, elaborador do programa da Língua Nacional, estabeleceu critérios que orientariam a produção gramatical nas décadas seguintes. Nesse contexto, ainda, a *Grammatica Portuguesa* de Júlio Ribeiro apresenta-se, qual é considerada marco inaugural das “gramáticas científicas” no Brasil.

Não é por acaso que a época circunscrita à obra de Carneiro Ribeiro corresponde ao período das chamadas “gramáticas científicas”, segundo classificação adotada, a partir de Silvio Elia (1963 e 1975, apud Fávero 1998), de Fávero & Molina (2006), e de Cavaliere (2006) cujo primeiro modelo teria sido a *Grammatica Portuguesa* de Júlio Ribeiro, editada em 1881. Todo este período foi fortemente influenciado pelo Positivismo europeu, no qual os gramáticos e estudiosos mesmo de outras áreas procuravam se alinhar a uma atitude mais cientificista, em detrimento de um modelo anterior, atrelado mais às especulações de cunho filosófico, ainda fortemente influenciadas pelo Racionalismo cartesiano.”

[...] Aliás, o Programa de Estudos proposto por Barreto é de extrema relevância, a nosso ver, para parte da construção das Ideias Linguísticas no Brasil, isso porque, é com este fato e com a publicação em 1881 da *Grammatica Portuguesa* de Júlio Ribeiro, que o Positivismo influenciaria fortemente os 38 gramáticos brasileiros, e começa a se alojar na tradição gramaticográfica brasileira os preceitos da linguística oitocentista (Leal, 2015, p. 11; 37-38)

E onde encontra-se a obra *Serões Grammaticaes*? Em contextualização, Ernesto Carneiro Ribeiro nasceu

em 12 de Setembro de 1839 na ilha de Itaparica, região metropolitana de Salvador, foi nesta cidade que ECR se formou médico, e doutorou-se em 1864 com uma tese sobre psiquiatria, possivelmente uma das primeiras surgidas no Brasil. Posteriormente, deixa em definitivo a medicina e faz sua carreira como docente. Em 1874 ajuda a fundar o “Colégio da Bahia” e em 1883 funda um colégio com seu próprio nome, o qual ainda se encontra em funcionamento, agora como instituição de competência estadual. Com a eclosão da República, participou de uma comissão pela educação em seu estado, junto ao então governador Manuel Vitorino. (Leal, 2015, p. 40)

No entanto, a sua atuação como educador e gramático deu-lhe prestígio considerável, ao mesmo tempo que o colocou na célebre polêmica com o, até então senador e antigo aluno, Rui Barbosa, acerca da revisão do Código Civil brasileiro:

Em 1901 foi incumbido pelo baiano José Joaquim Seabra (1855-1942), então Ministro da Justiça, de revisar, em apenas quatro dias, o Código Civil Brasileiro, revisão esta que sob o título de *Ligeiras Observações*, foi posteriormente publicada em 1902. Para ser efetivamente aprovado, o Código precisava passar pelo crivo do Senado, na pessoa do presidente responsável pela elaboração da obra, o então senador Ruy Barbosa, ex-aluno de ECR. (Leal, 2015, 40)

Nesse clima de opinião, *Os Serões Grammaticaes*, cuja primeira edição é datada de 1890, constituem a obra gramatical mais significativa do autor, que havia escrito anteriormente a *Gramática Portuguesa Filosófica*, publicada em 1881, bem como outros trabalhos filológicos e gramaticais.

Segundo Leal (2015, p. 10):

Os Serões Grammaticais são vistos como a obra gramatical mais significativa de Ernesto Carneiro Ribeiro (ECR, a partir daqui) – isso porque o autor escreveu ainda outra, a *Gramática Portuguesa Filosófica* de 1881, bem como outros trabalhos filológicos e gramaticais que não são, necessariamente, gramáticas no sentido estrito do termo ou, como veremos, do gênero ‘gramática’.

Partindo para a obra, a terceira edição é estruturada em quatro partes principais: *Phonologia*, dividida em 7 capítulos; *Orthographia*, em 4 capítulos; *Lexicologia*, distribuída em 2 seções com 11 capítulos cada; e *Phraseologia*, compreendendo 19 capítulos. Ao trazer isso à luz, podemos perceber como essa organização demonstra uma amplitude da concepção gramatical de Carneiro Ribeiro, o qual integrou em sua obra não só questões fonéticas e ortográficas, mas também reflexões sobre a origem do vocabulário português e os processos de formação de palavras. Estas duas ótimas, claro, são o objeto de nossa reflexão na *Noites Áticas*.

Na parte dedicada à Lexicologia nos *Serões Grammaticaes*, Carneiro Ribeiro (1955, p. 103-260) trata das classes de palavras, mas também das questões relativas à origem do léxico português, aos processos de derivação e composição, e às relações entre o vocabulário do português e o de outras línguas, especialmente o latim, o grego e as línguas românicas:

LEXICOLOGIA chama-se a parte que trata das palavras consideradas em relação ao seu valor á sua etymologia, á sua classificação, ás suas formas ou inflexões grammaticaes. [...]

A parte da lexicologia que estuda a palavra em sua forma e estrutura, isto é, como um todo composto de órgãos, chama-se MORPHOLOGIA.

As partes ou membros de cada vocabulo, que têm uma função específica, recebem a denominação de órgãos ou elementos morfológicos. (Ribeiro, 1955, p. 21; 103)

Além disso, sobre o papel da etimologia, encontramos no Capítulo XI que

é a sciencia que tem por fim ensinar como as palavras derivam umas das outras ou como uma língua deriva de outra.

As palavras de uma língua não existem esparsas e diffusas, formando individualidades sem nexos nem ligação, independentes e só de toda a relação de afinidade e parentesco: prendem-se, pelo contrario, umas às outras, ligam-se por laços estreitos, formando grupos mais ou menos extensos, elos de cadeias mais ou menos longas, familiares mais ou menos naturais, cujo parentesco próximo ou remoto no o- revela a etymologia, visando em suas investigações às leis da phonetica, em que se arrima e fundamenta.

Só em nossos dias a começar do século passado é que deixou a etymologia de ser um acervo de investigações futeis, infructuosas e disparatadas, de adivinhações mais ou menos felizes, em que as subtilezas do engenho e as antecipações da imaginação se substituíam a esmo às lentas e seguras induções da sciencia.

A definição que, no século 18, lhe deu sarcasticamente Voltaire prova o pouco em que esse genio tinha taes investigações:

“A etymologia”, dizia elle, “é uma sciencia em que as vogais nada fazem e pouco fazem as consoantes”.

É porque ainda se não tinha descoberto o verdadeiro criterio no estudo desta sciencia, que, na phrase de Littré, é accessoria da historia.

A etymologia é uma conquista do século 19. (Ribeiro, 1955, 515)

Embora discordemos de que a etimologia é, de fato, uma conquista do século XIX, a definição e a discussão de Ribeiro fazem-nos refletir acerca da importância da disciplina enquanto um aspecto reflexivo aos estudos sobre a linguagem. Cabe, ainda, destacar a crítica a Santo Agostinho apresentada por Ribeiro (1955, p. 516):

A etymologia, pois, não é, como dizia S. Agostinho, *uma explicação tão arbitraria, como a dos sonhos*: assenta em princípios solidos, cujo conhecimento escapou aos investigadores anteriores ao século 19; tem por fim, acompanhando as palavras nas diversas formas de que se vão revestindo em seu desenvolvimento histórico, ligar o vocabulo actual ao primitivo, estudando-lhes as formas intermediárias, que os aproximam e irmanam, atentando na filiação dos vários sentidos que, como elles de uma mesma cadeia, engrazam uns e outros na mesma ideia capital e originária.

Isso porque, ainda segundo Ribeiro (1955, p. 515-516), ao refletir sobre a indução histórica enquanto lastro da disciplina, cria-se princípios, tais quais

1.º Regras e leis da phonetica, isto é, da sciencia que estuda os sons e as transformações por que vão passando atravez do espaço e do tempo.

2.º Estudo comparativo das mesmas palavras, já na mesma língua, nos vários períodos de sua existencia, já nos diferentes idiomas do mesmo grupo de línguas.

Embora distanciemo-nos do aspecto, de certo modo, excludente dos estudos etimológicos antigos, aproximamo-nos ao apreender, nos limites historiográficos, de um estudo comparativo sobre a linguagem para discutir sobre a origem das palavras. De acordo com Ribeiro (1955), o estudo

comparativo das varias formas que a mesma palavra apresenta, nos diversos idiomas e dialectos romanicos, concorre em muito para esclarecer a etymologia de muitos vocábulos. [...] De feito, tendo esses uma fonte ou origem comum, obedecem todos

aos mesmos processos genealógicos, desfiando-se e desdobrando-se do latim vulgar, donde partem. [...]

Assim é que ligamos o nosso vocábulo *mesmo* à forma latina METIPSIMUS, contracção de *metipsissimus* comparando-o com as formas diversas de que se reveste a mesma palavra nas outras línguas congeneres.

De METIPSIMUS do latim popular originou-se em português a palavra *meesmo*, *mesmo*; as formas francesas *medesme*, *medisme*, *meisme*, *meesme* e *même*; o provéncial *medesme*, *mesesme*, *metessme*; o italiano *medesimo* e o espanhol *meísmo*, *misimo*.

As formas provenças *medeps*, *meteis*, *medeis* e a antiga portuguesa *medes* ligam-se à forma latina METIPSE, e a forma superlativa do italiano *medesissimo* ao superlativo latino METIPSISSIMUS.

Junto a Carneiro, em contraste com o autor Malkiel (1993, p. 27), o qual esteve presente em nossa primeira seção, é possível mostrar a transformação da etimologia, ao longo dos séculos XIX e XX, com relação direta ao desenvolvimento da linguística histórico-comparativa. A etimologia tornou-se, assim, disciplina de caráter científico, ocupada com a reconstrução das formas originárias das palavras:

A insistência dos neogramáticos na regularidade das leis do som transformou a etimologia de uma busca filosófica especulativa em uma ciência histórica rigorosa. O etimologista não estava mais livre para propor conexões fantasiosas entre palavras; toda derivação proposta tinha que ser justificada por meio de correspondências sonoras estabelecidas.⁴⁶

Nesse sentido, a transformação da etimologia em disciplina técnica especializada teve como consequência seu progressivo afastamento do domínio propriamente gramatical. Nas gramáticas do século XX, especialmente após a consolidação da linguística estrutural, a etimologia passou a ser tratada como disciplina à parte, pertencente ao campo da linguística histórica e não mais ao da gramática descritiva. O termo *lexeologia*, por sua vez, caiu progressivamente em desuso, sendo substituído por morfologia ou, em contextos específicos, por lexicologia, esta última entendida como estudo do léxico em perspectiva sincrônica.

Portanto, sendo uma tragédia não anunciada, a importância da etimologia enquanto disciplina mostra-se seu declínio junto aos estudos sobre a linguagem.

⁴⁶ Cf. Malkiel, 1993, p. 27: “*The neogrammarians' insistence on the regularity of sound laws transformed etymology from a speculative philosophical pursuit into a rigorous historical science. The etymologist was no longer free to propose fanciful connections between words; every proposed derivation had to be justified by appeal to established sound correspondences.*”

3 A ETIMOLOGIA NA ANTIGUIDADE E AS *NOITES ÁTICAS* COMO FONTE DAS REFLEXÕES DA LINGUAGEM E, PRINCIPALMENTE, ETIMOLÓGICAS

A proposta de um mapeamento das reflexões etimológicas presentes nas *Noites Áticas* de Aulo Gélío decorre da necessidade de compreender, sob a luz da Historiografia Linguística, de que modo a obra aulogeliana articula o estudo da origem das palavras com outras dimensões do conhecimento linguístico antigo. Mais especificamente, voltamo-nos a um projeto de valorização das fontes clássicas para o entendimento do pensamento linguístico, que tem ganhado força nas últimas décadas com o desenvolvimento da área da Historiografia Linguística dentro das Ciências da Linguagem.

O mapeamento proposto buscou não apenas quantificar a presença de capítulos etimológicos nas *Noites Áticas*, mas também qualificar os diferentes modos pelos quais a reflexão sobre a origem dos vocábulos se apresenta, cujo enfoque metodológico lastreia-se nas orientações propostas por Swiggers (2013, p. 41-42) para a análise historiográfica de textos linguísticos.

É o que faremos nas subseções seguintes, começando pela comparação com o trabalho de Cecato (2005) e pela fundamentação teórica proposta por nós. Porém, antes, cabe-nos contextualizar os estudos antigos sobre a linguagem e a origem das palavras neles.

3.1 A ETIMOLOGIA NA ANTIGUIDADE

Na Historiografia Linguística, Swiggers (2004, p. 116) a define enquanto um estudo “(sistemático e crítico) da produção e evolução das ideias linguísticas, propostas por ‘actantes’, que estão em interação entre si e com um contexto sociocultural, político e que estão em relação com seu passado científico e cultural”. Logo, lastreamos no seu estudo para dialogar com o que Giovanna Valenza (2005, p. 203) aponta sobre a origem da linguagem poder ser encontrado na *Tékhne grammatiké* de Dionísio Trácio, pois este divide a gramática em “seis partes e coloca a descoberta da etimologia como a quarta”. Contudo, conforme a referida autora (2005, p. 203), distinguia-se a aplicação do termo em relação ao contexto da linguística moderna, visto que a etimologia antiga buscava o “‘verdadeiro’ significado de um vocábulo baseada na análise de suas partes constituintes”.

À luz da antiguidade, devemos perceber o contexto antigo enquanto um possível objeto de investigação⁴⁷ na discussão tanto do papel da linguagem quanto da presença da etimologia a qual permeia o estudo com interesse pela primeira há bastante tempo. A título de exemplificação, é

⁴⁷ Cf. Koerner, 1989, p. 49.

perceptível a temática da origem das palavras no *Crátilo* de Platão, porquanto nega-se o uso da “capacidade descritiva (etimologia) dos nomes para embasar o conhecimento da coisa nomeada”⁴⁸. No diálogo em questão, o ponto de partida das discussões linguísticas decorre de uma distinção entre a natureza e a convenção dos nomes. Exemplo disso encontra-se no seguinte trecho retirado da obra platônica:

Sócrates – [...] E caso queiras, caríssimo, saltar para os números, de que modo imaginas encontrar nomes que se assemelhem aos números, se não admites a tua homologia e a tua convenção se imponham nisto de dar nome certo às coisas? Eu também defendo o princípio de que os nomes devem assemelhar-se quanto possível à coisa representada; porém receio muito que, de fato, como disse há pouco Hermógenes, seja bastante precária a tal força de atração da semelhança e que nos vejamos forçados a recorrer a esse expediente banal, a convenção, para a correta imposição dos nomes. Sem dúvida alguma, o ideal seria que todas as palavras, ou a maioria delas, fossem semelhantes, isto é, apropriadas às coisas designadas; o pior seria o contrário disso.⁴⁹

No tocante a essa passagem, podemos entender o que Robins (1983, p. 14) explicita sobre a temática de *Crátilo*: a discussão acerca da origem da linguagem e das relações entre os nomes e seus significados. Portanto, uma análise etimológica que não buscava somente compreender a estruturação dos signos, mas também de uma análise da própria linguagem e suas acepções. Ainda em relação à obra platônica, Viaro (2013, p. 28) reforça a questão da etimologia em Platão ao afirmar que

Essa adequação entre significante e significado será, ao final do diálogo, como visto, negada quando Sócrates mostra a Crátilo que deve haver algo de convencional nas palavras, senão “dureza” não seria chamada *sklērótēs* pelos atenienses e *sklērótēr* pelos falantes da Eritreia (434c-d). Essa indiferença na expressão parece negar o valor semântico supostamente natural, pois o *r* e o *s* não denotam a mesma coisa e, nesse caso, porém, parecem iguais.

Já em solo romano, encontramos na obra de Varrão uma análise etimológica baseada na relação analógica entre palavras e coisas⁵⁰. Conforme Robins (1983, p. 38), a concepção de vocabulário varroniana desenvolve-se por intermédio de “alterações introduzidas nas formas das palavras básicas”, reunindo “dois planos distintos de estudo: a etimologia histórica e a formação sincrônica da derivação e flexão”.

Completa ignorância da história linguística pode ser observada nas referências que Varrão faz ao grego. Eram evidentes as semelhanças de forma entre palavras gregas

⁴⁸ VIEIRA, Celso. **Elogiar o cavalo pela sombra do asno**: O funcionamento dos nomes a partir do *Crátilo* de Platão. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

⁴⁹ PLATÃO. **Diálogos**: Teeteto – *Crátilo* (Volume IX). Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1973, p. 187.

⁵⁰ Cf. Valenza, 2005, p. 202.

e latinas que tinham significados comparáveis. Algumas eram produto de empréstimos feitos em vários períodos da história devido a contatos, ora diretos ora indiretos, mantidos entre as duas comunidades; outras procediam de forma indo-européias mais antigas, cuja existência se pode inferir e que até certo ponto

podem ser “reconstruídas” pelos métodos da lingüística histórico-comparada. De tudo isso, porém, Varrão e os demais gramáticos do mundo antigo não tiveram a menor idéia. [...] É lamentável que Varrão e outros escritores da Antiguidade não tenham sabido distinguir estes dois planos de estudo lingüístico, posto que suas observações sincrônicas são mais instrutivas e argutas do que seus ensaios no campo da etimologia histórica.

Embora seja um estudo controverso para estudiosos como Robins, percebe-se uma relevância do estudo da etimologia dentro de um contexto antigo cujas abordagens e cujos métodos manifestam-se em diferentes perspectivas:

Na sua concepção de vocabulário que se desenvolve a partir de alterações introduzidas nas formas das palavras básicas, Varrão reuniu dois planos distintos de estudo: nas formas das palavras básicas, Varrão reuniu dois planos distintos de estudo: a etimologia histórica e a formação sincrônica por meio da derivação e flexão. Dentro de cada paradigma, certas palavras foram consideradas como básicas e as outras como produto da “declinação” (*dēclīnātiō*), processo de mudança formal. (Robins, 1983, p. 38)

mas tais debates estão sempre delimitados por reivindicações que legitima a ciência gramatical. (tradução nossa)⁵¹

No tocante à referida análise etimológica feita pelo estudioso latino Varrão, a título de exemplo, estamos em consonância com o que é proposto por Amsler (1989, p. 28), uma vez que os “linguistas podem debater se essas [exemplificações etimológicas feitas por Varrão] são etimologias aceitáveis (na verdade, precisam debater acerca dessas etimologias se deve existir linguística)”, porém compreendemos que essa discussão se retroalimenta de reivindicações “a um conjunto de critérios autoritários (sistêmicos ou extrassistêmicos) e a um discurso autoritário”, a fim de legitimar a “ciência gramatical”. Isso, por conseguinte, ignora a importância das reflexões etimológicas antigas para o campo historiográfico.

3.2 AS ETIMOLOGIAS NAS *NOITES ÁTICAS*

Como explicitado na seção inicial de nosso trabalho, buscamos nos aprofundar na temática sobre etimologia na obra aulogeliana, os quais serão explicados brevemente em cada subtópico, contrastando três formas distintas de reflexão etimológica:

⁵¹ Cf. “Linguists can debate whether these are acceptable etymologies (in fact, must debate these etymologies if there is to be linguistics at all), but such debates are always bounded by appeals to a set of authoritative criteria (systemic or extrasystemic) and an authoritative discourse which legitimates grammatical science”.

- Explícita (E): os capítulos que são classificados desta forma apresentam vocábulos que demonstram uma análise etimológica explícita;
- Implícita (I): os capítulos que são classificados desta forma não trazem vocábulos que demonstram uma análise etimológica direta, porém a reflexão feita traz aspectos etimológicos; e
- Sobre a Linguagem (L): os capítulos que são classificados desta forma, ainda que destacados por Cecato (2005) como “Etimologia”, são compreendidos como voltado a uma reflexão histórica da linguagem e da formação das palavras.

Cabe a nós destacar que a distinção entre as três categorias propostas não deve ser entendida como classificação final ou excludente. Alguns capítulos apresentam características de mais de uma categoria, combinando, por exemplo, reflexão etimológica explícita com discussão de aspectos morfológicos ou pragmáticos. Nesses casos, a classificação foi realizada com base no elemento predominante, o que se pode verificar no Apêndice desta dissertação. Essa flexibilidade classificatória alinha-se, então, com o caráter de miscelânea da obra, exposto anteriormente.

3.2.1 A Etimologia Explícita

Os capítulos classificados desta forma trazem algum vocábulo ou expressão vocabular que destaca uma reflexão etimológica direta. Assim, há termos como “origem da palavra”, “etimologia”. Em nosso mapeamento, encontramos uma presença exorbitante de capítulos possíveis de classificar dessa maneira, junto a um número expressivo de termos usados e autores citados como fontes por Gélío.

Em tópicos anteriores, ao discorrermos principalmente sobre etimologia falsa, trouxemos alguns exemplos dessa presença em Aulo Gélío. Contudo, a título de exemplificação, trazemos à luz mais alguns.

No Capítulo 21, Livro 2:

Acerca daquela constelação que nós chamamos *Septentriones* (Setentriões), os gregos Ἀμαζα (Carroça); e acerca da razão e origem de um e outro vocábulo.⁵²

Desse início, cabe nos destacar a marcação sobre origem exposta logo no título do capítulo. No que Seabra Filho traduz enquanto “razão e origem de um e outro vocábulo”, Gélío explicita como

⁵² “*Super eo sidere, quod Graeci ἄμαζαν, nos "septentriones" vocamus; ac de utriusque vocabuli ratione et origine.*” (Gélío, Cap. 21, L. II)

“*vocabuli ratione et origine*” (grifos nossos). Assim, a explicitude da etimologia já encontra nessa breve indicação. Além disso, a presença desse capítulo distingue-se dos estudos de Cecato (2005), em que a autora escolhe não classificar esse enquanto de teor etimológico.

¹Atravessávamos no mesmo navio de Egina ao Pireu como grupo bem numeroso, homens gregos e romanos, sectários das mesmas disciplinas. ²Era noite e mar calmo, e do ano um verão e um céu limpidamente sereno. Estávamos por isso sentados na popa todos ao mesmo tempo e contemplávamos as luzentes constelações. ³Então os que nesse mesmo grupo tinham sido instruídos em assuntos gregos, que é que fosse Ἀμαξα, e qual pois a maior e qual a menor; e por que assim chamada, e para qual parte se movesse no espaço com o avançar das noites, e por que motivo Homero diga só essa constelação não se pôr; quando há também algumas outras – sobre essas coisas todas com habilidade e perícia dissertavam.⁵³

É interessante, ainda, destacar a construção filosófica e, até, literária presentes na obra de Gélio, a partir das narrações dos momentos em que, durante sua vida, ele preocupou-se em discorrer sobre a linguagem (“¹Atravessávamos no mesmo navio de Egina ao Pireu como grupo bem numeroso, homens gregos e romanos, sectários das mesmas disciplinas. ²Era noite e mar calmo, e do ano um verão e um céu limpidamente sereno”). Isso pode mostrar, portanto, que o contexto trazia consigo as preocupações miscelâneas do autor, de maneira a tentar estruturar aquilo à reflexão etimológica acerca, nesse caso, da origem da palavra “*Septentriones*” (Setentriões).

⁴Aí eu me viro para nossos jovens e digo: “E vós, bárbaros, por que não me dizeis? por qual razão, em relação a que os gregos chamam Ἀμαξα o que nós chamamos *septentriones*? ⁵Pois pelo fato de que vemos sete estrelas, isso não é suficiente; mas que é que significa esta palavra inteira que dizemos *septentriones*, quero, disse eu, ter ciência mais prolixamente disso”. ⁶Então um daqueles que se haviam dado à literatura e aos registros antigos disse: “A multidão de gramáticos pensa *septentriones* ter sido dito pelo número unicamente de estrelas. ⁷Dizem *triones* por si só nada significar, mas ser suplemento do vocábulo; assim como neste, que diríamos *quinquatrus*, porque cinco seja o número de dias desde os idos, *atrus* nada significa.”⁵⁴

⁵³ ¹*Ab Aegina in Piraeum complusculi earundem disciplinarum sectatores Graeci Romanique homines eadem in navi tramittebamus.* ²*Nox fuit et clemens mare et anni aestas caelumque liquide serenum. Sedebamus ergo in puppi simul universi et lucentia sidera considerabamus.* ³*Tum, qui eodem in numero Graecas res eruditi erant, quid Ἀμαξα esset, et quaenam maior et quae minor, cur ita appellata et quam in partem procedentis noctis spatio moveretur et quamobrem Homerus solam eam non occidere dicat, tum et quaedam alia, scite ista omnia ac perite disserebant.* (Gélio, Cap. 21, L. II)

⁵⁴ *Hic ego ad nostros iuvenes convertor et "quin" inquam "vos opici dicitis mihi, quare, quod hamaxan Graeci vocant, nos "septentriones" vocamus? non enim satis est, quod septem stellas videmus, sed quid hoc totum, quod "septentriones" dicimus, significet, scire" inquam "id prolixius volo."* ⁶*Tum quispiam ex his, qui se ad litteras memoriasque veteres dederat: "vulgus," inquit, "grammaticorum "septentriones" a solo numero stellarum dictum putat.* ⁷*"Triones" enim per sese nihil significare aiunt, sed vocabuli esse supplementum; sicut in eo, quod "quinquatrus" dicamus, quinque ab Idibus dierum numerus sit, "atrus" nihil.* (Gélio, Cap. 21, L. II)

A reflexão de Gélíio continua e volta-se à distinção entre as línguas latim e grego. Esse diálogo, exposto por ele, junto aos bárbaros, constrói comparativamente, de modo a refletir que a formação da palavra não deveria se encontrar somente lastreada no número de estrelas (“5Pois pelo fato de que vemos sete estrelas, isso não é suficiente; mas que é que significa esta palavra inteira que dizemos septentriones, quero, disse eu, ter ciência mais prolixamente disso”), buscando igualmente referenciais em outros termos semelhantes (“Dizem *triones* por si só nada significar, mas ser suplemento do vocábulo; assim como neste, que diríamos *quinquatrus*, porque cinco seja o número de dias desde os idos, *atrus* nada significa.”).

8Mas eu ao menos em opinião estou com Lúcio Élio e Marco Varrão, que escrevem *triones* terem sido chamados os bois, por vocábulo aliás rústico, como se uns *terriones*, isto é capazes de arar e cultivar a terra. 9E assim essa constelação, que pela figura e disposição própria, porque parece semelhante a uma carreta, os antigos dos gregos disseram Ἀμαζα, também os nossos antigos chamaram, desde os bois jungidos, *Septentriones*, isto é com sete estrelas, a partir das quais como se jungidos são figurados os *triones*. 10Além dessa explicação, continuou ele, Varrão acrescenta também pôr em dúvida se essas sete estrelas tenham sido chamadas *triones* mais por isto: porque estão situadas de tal maneira que as três estrelas mais próximas façam cada vez entre si triângulos, isto é figuras triangulares”.⁵⁵

Por fim, nota-se o uso de autoridades, tais como Lúcio Élio e Marco Varrão, para refletir acerca da estrutura do termo, principalmente no que tange aos significados de *triones* “terem sido chamados os bois, por vocábulo aliás rústico” e *terriones* “isto é capazes de arar e cultivar a terra”. A origem da palavra mostra-se dúbia, ademais, no que ele destaca que “Varrão acrescenta também pôr em dúvida se essas sete estrelas tenham sido chamadas *triones* mais por isto: porque estão situadas de tal maneira que as três estrelas mais próximas façam cada vez entre si triângulos, isto é figuras triangulares”.

Outro exemplo que podemos expor, a despeito da classificação de Cecato (2005) a este capítulo, é o 30 do Livro XV, intitulado “*De qual língua seria, da grega ou da gaulesa, o veículo que se chama petorritum*”⁵⁶. Nele, Gélíio traz à luz o uso e a origem equivocados desse vocábulo por um que havia dito “argutíssimas bagatelas acerca de *petorritum*”, o qual teria não só inventado

⁵⁵ “Sed ego quidem cum L. Aelio et M. Varrone sentio, qui “triones” rustico vocabulo boves appellatos scribunt quasi quosdam “terriones”, hoc est arandae colendaeque terrae idoneos. Itaque hoc sidus, quod a figura posituraque ipsa, quia simile plaustrum videtur, antiqui Graecorum hamaxan dixerunt, nostri quoque veteres a bubus iunctis “septentriones” appellarunt, id est septem stellas, ex quibus quasi iuncti triones figurantur. 10Praeter hanc,” inquit, “opinionem id quoque Varro addit dubitare sese, an propterea magis hae septem stellae “triones” appellatae sint, quia ita sunt sitae, ut ternae stellae proximae quaeque inter sese faciant “trigona”, id est triquetras figuras.”” (Gélíio, Cap. 21, L. II)

⁵⁶ “Vehiculum, quod “petorritum” appellatur, cuius linguae vocabulum sit, Graecae an Gallicae.” (Gélíio, Cap. 30, L. XV)

aparência inadequada e falsa do veículo como disse ser grego o vocábulo e interpretou que este significa rodas que voam, e, mudada uma letra, queria que *petorritum* tivesse sido dito como se /uma alteração de/ *petorrotum*; ⁴e até sustentou que assim foi escrito por Valério Probo.

Eu, embora tenha adquirido até ao limites muitos livros dos *Estudos* de Probo, nem encontrei escrito neles essa palavra nem creio tê-la Probo empregado de algum modo em alguma passagem. ⁶*Petorritum* com efeito não é metade grego, mas inteiro transalpino, pois é palavra gaulesa: ⁷isso foi escrito no livro décimo quarto dos *Assuntos divinos*, de Marco Varrão, na passagem em que Varrão, como, acerca de *petorritum*, tivesse falado ser gaulesa essa palavra, disse também ser *lancea* palavra não latina mas hispânica.⁵⁷

Embora não exponha exatamente um termo, tal qual *étimo* ou *origem*, é perceptível, junto ao título do capítulo, que se trata de uma reflexão voltada à origem da palavra *petorritum*. Mais do que isso, não apenas da etimologia dela, mas também das afirmações equivocadas sobre esse sentido etimológico e, a partir disso, das possíveis reflexões já feitas.

3.2.2 A Etimologia Implícita

A Reflexão Etimológica Implícita (EI), por sua vez, caracteriza-se pela ausência de marcadores metalinguísticos explícitos. Nesses capítulos, Gélio realiza comparações entre formas antigas e modernas de vocábulos, relaciona termos latinos com raízes gregas ou discute transformações semânticas ao longo do tempo, sem, contudo, nomear explicitamente tais operações como “etimológicas”.

Exemplo disso, encontra-se no primeiro capítulo do Livro 17: “Porque Galo Asínio e Lúrcio Licino censuraram de Marco Cícero sentença extraída de discurso que este pronunciou *Pro M. Caelio* (Em prol de Marco Célio); e que é que contra homens muito estúpidos, em prol da mesma sentença, se possa dizer verdadeira e dignamente”⁵⁸. Nele, Gélio discorre sobre as “falsas acusações” de Galo

⁵⁷ “*et faciem vehiculi ementitus est longe alienam falsamque et vocabulum Graecum esse dixit atque id significare volucres rotas interpretatus est commutataque una littera "petorritum" esse dictum volebat quasi "petorrotum";* ⁴ *scriptum etiam hoc esse a Valerio Probo contendit.* ⁵ *Ego, cum Probi multos admodum commentationum libros adquisierim, neque scriptum in his inveni nec usquam alioqui Probum scripsisse credo.* ⁶ *"Petorritum" enim est non ex Graecia dimidiatum, sed totum Transalpiis; nam est vox Gallica.* ⁷ *Id scriptum est in libro M. Varronis quarto decimo rerum divinarum, quo in loco Varro, cum de petorrito dixisset, esse id verbum Gallicum, "lanceam" quoque dixit non Latinum, set Hispanicum verbum esse.*” (Gélio, Cap. 30, L. XV)

⁵⁸ “*verbo proprio esse usum, quod ait "paeniteat", atque id prope ineptum etiam esse dicunt.* ⁶ *"Nam 'paenitere' " inquit "tum dicere solemus, cum, quae ipsi fecimus aut quae de nostra voluntate nostroque consilio facta sunt, ea nobis post incipiunt displicere sententiamque in iis nostram demutamus";* ⁷ *neminem autem recte ita loqui "paenitere sese, quod natus sit" aut "paenitere, quod mortalis sit" aut "quod ex offenso forte vulneratoque corpore dolorem sentiat", quando istiusmodi rerum nec consilium sit nostrum nec arbitrium, sed ea ingratis nostris vi ac necessitate naturae nobis accidunt:* ⁸ *"sicut hercle" inquit non voluntarium fuit M. Caelio, quali forma nasceretur, cuius eum dixit "non paenitere", tamquam in ea causa res esset ut rationem caperet paenitendi."* ⁹ *Est haec quidem, quam dicunt, verbi huiusce sententia et "paenitere" nisi in voluntariis rebus non probe dicitur, tametsi antiquiores verbo ipso alio quoque modo usitati sunt et "paenitet" ab eo, quod est "paene", et "paenuria" dixerunt. Sed id aliorum pertinet atque alio in loco dicitur.*” (Gélio, Cap. 1, L. XVII)

Asínio e Lúrcio Licino, em *Ciceromastix*, a Cícero, tendo este último sido acusado de falar “de maneira pouco íntegra e até imprópria e inconsideradamente”. Sobre essa injustiça vocabular, Gélcio expõe que os dois autores de *Ciceromastix* não consideraram

ter sido usada palavra própria, porque ele diz *paeniteat* (sinta pesar), e isso até dizem ser quase inepto. ⁶“Pois *paenitere* (sentir pesar, arrepender-se) - dizem - então costumamos dizer quando as coisas que nós próprios fizemos ou as que foram feitas de nossa vontade e de nossa decisão, essas depois começam a nos desagradar, e sobre elas mudamos nossa sentença ; ⁷/dizem/ no entanto ninguém corretamente assim falar *paenitere sese quod natus sit* (arrepender-se porque tenha nascido) ou *paenitere quod mortalis sit* (arrepender-se porque seja mortal) ou *quod ex offenso forte uulneratoque corpore dolorem sentiat* (porque desde o corpo machucado e casualmente ferido sinta dor), quando de coisas desse tipo nem decisão nossa haja nem arbítrio, mas elas contra nossa vontade por força e necessidade da natureza nos aconteçam. ⁸“Assim como, por Hércules ! - dizem - não voluntário foi a Marco Célio por qual forma ele nascesse, a Marco Célio de quem Cícero disse *non paenitere* (não arrepender-se), como se aí houvesse razão de arrependimento.” ⁹“Há decerto esta, como dizem, ideia dessa palavra, e *paenitere* a não ser em casos voluntários não se diz muito bem, ainda que os mais antigos também não há muito frequentemente usaram outro verbo próprio e disseram *paenitet* a partir do que é *paene* (quase) e *paenuria* (penúria).⁵⁹

Neste caso, o qual destacamos ser uma reflexão etimológica cuja temática é voltada à linguagem, percebemos que Gélcio procura justificar o uso de Cícero como não equivocados. Para isso, ele volta-se aos termos *paeniteat* e *paenitere*, bem como sua aplicação em frases: *paenitere sese quod natus sit* ou *paenitere quod mortalis sit*. A nós, a parte mais interessante mostra-se quando ele denota o papel da palavra na antiguidade, junto a uma quantidade significativa de “ideias” sobre essa palavra, e a diferença de utilização, isto é: “ainda que os mais antigos também não há muito frequentemente usaram outro verbo próprio e disseram *paenitet* a partir do que é *paene* (quase) e *paenuria* (penúria)”. Essa reflexão feita por ele, mesmo que em segundo plano como ele próprio afirma (“Mas isso em outro sentido diz respeito e em outro passo se dirá”), é carregada de cunho etimológico, como é perceptível na passagem acima.

Também, podemos ver na exemplificação abaixo:

Em quais termos Marco Varrão tenha definido *indutiae* (tréguas) e procurou-se mais cuidadosamente aqui qual seja a explicação do vocábulo *indutiae*.

¹De dois modos Marco Varrão no livro dos Assuntos humanos, que é *Sobre a guerra e sobre a paz*, define que é que sejam as *indutiae* (tréguas). ²*Indutiae sunt inquit pax castrensis punctorum dierum* [as tréguas são – diz ele – uma paz castrense de poucos dias]; e do mesmo modo em outra passagem: *indutiae sunt inquit belli feriae* [tréguas são – diz ele – férias da guerra]. ³Mas ambas as definições parecem ser mais de uma

⁵⁹ “Quod Gallus Asinius et Larcus Licinus sententiam M. Ciceronis reprehenderunt ex oratione, quam dixit Pro M. Caelio; et quid adversus homines stolidissimos pro eadem sententia vere digne dici possit.” (Gélcio, Cap. 1, L. XVII)

brevidade graciosa e agradável do que claras e justas. ⁴Pois nem a paz é tréguas – a guerra efetivamente permanece, é a batalha que cessa –, nem nos acampamentos só nem de poucos dias apenas são as tréguas. ⁵Que então diremos se, concluídas umas tréguas de alguns meses, os soldados se retirarem desde os acampamentos para as fortalezas? Porventura aí também não há tréguas? ⁶Ou ao contrário que diremos ser isto que no primeiro livro dos *Anais* de Quadrigário foi escrito – ter Caio Pôncio, o Samnita, pedido ao ditador romano tréguas de seis horas –, se apenas tréguas de poucos dias devem ser solicitadas? ⁷E “férias da guerra” (*belli feriae*) ele disse de maneira mais festiva do que clara e definida.

⁸E os gregos mais significativa e mais expressivamente a essa cessação de combate disseram ἐκεχειρία (trégua), tirada uma só letra de som mais vasto e substituída por uma de som mais brando. ⁹Pois porque durante esse tempo não haja combate, e se retenham as mãos, deram o nome ἐκεχειρία. ¹⁰Mas decerto Varrão não teve esta ocupação: que definisse supersticiosamente “tréguas” e se sujeitasse a todas as regras racionais de definições. ¹¹Pareceu-lhe suficiente, com efeito, dar demonstração deste modo: qual gênero os gregos chamam mais de τύπος (tipos, marcas) e ἀπογράφια (inscrições, esboços) do que de δέσμος (delimitações, definições).⁶⁰

No início desse capítulo, Gélío discorre sobre a significação de Varrão, autor bastante citado por ele, acerca do que seria *indutiae* (“tréguas”). Para essa análise, um tanto crítica como é perceptível, ele volta-se ao contexto prático da guerra: “as definições parecem ser mais de uma brevidade graciosa e agradável do que claras e justas. Pois nem a paz é tréguas – a guerra efetivamente permanece, é a batalha que cessa –, nem nos acampamentos só nem de poucos dias apenas são as tréguas”. Em sua reflexão, para compreender em outra fonte, “primeiro livro dos *Anais* de Quadrigário”, de modo a trazer uma outra perspectiva quanto ao aspecto do uso desse termo, a saber, “Caio Pôncio, o Samnita, pedido ao ditador romano tréguas de seis horas –, se apenas tréguas de poucos dias devem ser solicitadas?”.

⁶⁰ *Quibus verbis M. Varro indutias definierit; quaesitumque inibi curiosius, quaenam ratio sit vocabuli indutiarum*

¹Duobus modis M. Varro in libro humanarum, qui est de bello et pace, "indutiae" quid sint, definit. "Indutiae sunt" inquit "pax castrensis paucorum dierum"; ²item alio in loco: "indutiae sunt" inquit "belli feriae". ³Sed lepidae magis atque iucundae brevitatis utraque definitio quam plana aut proba esse videtur. ⁴Nam neque pax est indutiae - bellum enim manet, pugna cessat -, neque in solis castris neque "paucorum" tantum "dierum" indutiae sunt. ⁵Quid enim dicemus, si indutiis mensium aliquot factis in oppida castris concedatur? nonne tum quoque indutiae sunt? ⁶aut rursus quid esse id dicemus, quod in primo annalium Quadrigarii scriptum est, C. Pontium Samnitum a dictatore Romano sex horarum indutias postulasse, si indutiae "paucorum" tantum "dierum" appellandae sunt? ⁷"belli" autem "ferias" festive magis dixit quam aperte atque definite. ⁸Graeci autem significantius consignatiusque cessationem istam pugnae pacticiam ekecheirian dixerunt exempta littera una sonitus vastioris et subdita lenioris. ⁹Nam quod eo tempore non pugnetur et manus cohibeantur, ekecheirian appellarunt. ¹⁰Sed profecto non id fuit Varroni negotium, ut indutias superstitione definiret et legibus rationibusque omnibus definitionum inserviret. ¹¹Satis enim visum est eiusmodi facere demonstrationem, quod genus Graeci typois magis et hypograpsas quam horismous vocant. (Gélío, Cap. 26, L. I)

A sua inquietação quanto à perspectiva do vocábulo faz com que ele procure na língua grega uma outra fonte sobre o sentido da trégua dentro da guerra: “expressivamente a essa cessação de combate disseram ἐκεχειρία (trégua), **tirada uma só letra de som mais vasto e substituída por uma de som mais brando**. Pois porque durante esse tempo não haja combate, e se retenham as mãos, deram o nome ἐκεχειρία” (grifos nossos). Ou seja, Gélcio procura na escrita e na sonoridade da palavra uma exemplificação que sustente o que seria, então, essa pausa. Ainda no capítulo:

¹²E o vocábulo *indutiae*, por qual razão tenha sido feito, já há muito é desde que procuramos. ¹³Mas de muitas explicações que ou ouvimos ou lemos, parece mais provável esta que vou dizer. ¹⁴Julgamos ser dito *indutiae* assim como se se dissesse *inde uti iam* (desde já). ¹⁵O pacto de tréguas é de tal modo que, até um dia determinado, não se combata e não se cause nenhum incômodo, mas, após esse dia, desde então tudo se faça segundo as leis da guerra. ¹⁶Porque, então, o dia determinado é definido antecipadamente, e ocorre o pacto de que antes desse dia não se combata, e, quando chega esse dia, desde esse momento (*inde uti iam*) se combata: por isso eu disse que, a partir dessas tais palavras, foi composto o nome de *indutiae*, como por uma espécie de união e junção.

¹⁷Aurélius Opílio, porém, no primeiro dos livros que ele intitulou *Musarum* [Livros das Musas], diz: *Indutiae dicuntur cum hostes inter sese utrimque utroque alteri ad alteros impune et sine pugna ineunt; inde adeo, inquit, nomen factum uidetur, quasi initiae, hoc est initus atque introitus* [tréguas (*indutiae*) se dizem quando os inimigos entre si, de um a outro lado, vão uns em direção aos outros, sem perigo e sem combate; daí precisamente, diz ele, o nome parece ter sido criado, do mesmo modo que *initiae*, isto é *inītus* (ação de ir a; começo) e *introitus* (ação de entrar; entrada)]. ¹⁸Não omiti essa explicação de Aurélio, a fim de que – sob o pretexto unicamente de que houvesse escapado a nós que investigamos a origem da palavra – ela não parecesse mais elegante a algum émulo destas *Noites*.⁶¹

Ainda no que tange à origem da palavra, tal qual é dito por Gélcio ao final do capítulo, mostra-se claro um estudo etimológico feito pelo autor no momento em que ele busca explica que:

¹³Mas de muitas explicações que ou ouvimos ou lemos, parece mais provável esta que vou dizer. ¹⁴Julgamos ser dito *indutiae* assim como se se dissesse *inde uti iam* (desde já). ¹⁵O pacto de tréguas é de tal modo que, até um dia determinado, não se combata e não se cause nenhum incômodo, mas, após esse dia, desde então tudo se faça segundo as leis da guerra. ¹⁶Porque, então, o dia determinado é definido antecipadamente, e ocorre o pacto de que antes desse dia não se combata, e, quando chega esse dia, desde esse momento (*inde uti iam*) se combata: por isso eu disse que,

⁶¹ ¹²"*Indutiarum*" autem vocabulum qua sit ratione factum, iam diu est, cum quaerimus. ¹³Sed ex multis, quae vel audimus vel legimus, probabilius id, quod dicam, videtur. ¹⁴"*Indutias*" sic dictas arbitramur, quasi tu dicas "*inde uti iam*". ¹⁵Pactum *indutiarum* eiusmodi est, ut in diem certum non pugnetur nihilque incommode, sed ex eo die postea uti iam omnia belli iure agantur. ¹⁶Quod igitur dies certus praefinitur pactumque fit, ut ante eum diem ne pugnetur atque is dies ubi venit "*inde uti iam*" pugnetur, idcirco ex his, quibus dixi, vocibus, quasi per quendam coitum et copulam nomen *indutiarum* conexum est. ¹⁷Aurelius autem Opilius in primo librorum, quos *Musarum* inscripsit, "*indutiae*" inquit "*dicuntur, cum hostes inter sese utrimque utroque alteri ad alteros impune et sine pugna ineunt; inde adeo*" inquit "*nomen factum videtur, quasi initiae, hoc est initus atque introitus*." ¹⁸Hoc ab Aurelio scriptum propterea non praeterii, ne cui harum noctium aemulo eo tantum nomine elegantius id videretur, tamquam id nos originem verbi requirentes fugisset. (Gélcio, Cap. 25, L. I)

a partir dessas tais palavras, foi composto o nome de *indutiae*, como por uma espécie de união e junção.⁶²

Mais especificamente, ao explicar o vocábulo, Gélíio traz uma reflexão filosófica no tocante à estrutura “Julgamos ser dito *indutiae* assim como se se dissesse *inde uti iam* (desde já)” e o contexto da utilização do vocábulo “O pacto de tréguas é de tal modo que, até um dia determinado, não se combata e não se cause nenhum incômodo, mas, após esse dia, desde então tudo se faça segundo as leis da guerra”. Ou melhor, “Porque, então, **o dia determinado é definido antecipadamente**, e ocorre **o pacto de que antes desse dia não se combata**, e, quando chega esse dia, **desde esse momento** (*inde uti iam*) se combata” (grifos nossos).

Semelhante situação ocorre no Capítulo 9 do Livro XIII, quando Aulo Gélíio trata do nome das estrelas *Suculae* e *Hyades* a partir dos comentários feitos por Túlio Tirão, o qual era

aluno e liberto de Marco Cícero, deste foi também um assistente literário. ²Esse Tirão compôs vários livros sobre uso e regra da língua latina e também sobre questões variadas e misturadas. ³Entre essas as principais parecem ser aquelas que ele denominou com o título grego *Πανδέκτες*, como contendo toda espécie de assuntos e de ensinamentos.⁶³

A discussão trazida por Gélíio volta-se ao errôneo pensamento de que à constelação das Híades teria sido denominada de *Suculae*, pois a palavra “porcos” em latim é *sues*. Para justificar sua reflexão, o supracitado jurista traz uma série de exemplificações de vocábulos latinos e suas “correspondências” gregas no que tange ao significado. Nessa construção, ele chega, na verdade, a origem da palavra: no latim, primeiro chamou-se de *syades* para, somente depois, *suculae*. Contudo, as questões envolvendo a palavra não se esgota simplesmente nisso, visto que ele também traz que:

⁶Essas estrelas porém não estão na cabeça do Touro, como diz Tirão - pois nenhuma-cabeça se vê além dessas estrelas -, mas elas assim pelo círculo que se chama Zodíaco estão situadas e colocadas de maneira que, da posição delas, certa aparência e representação pareça haver de cabeça de touro, assim como as demais partes e a restante imagem de touro foram conformadas e como que pintadas pelos locais e

⁶² “¹³*Sed ex multis, quae vel audimus vel legimus, probabilius id, quod dicam, videtur.* ¹⁴*"Indutias" sic dictas arbitramur, quasi tu dicas "inde uti iam".* ¹⁵*Pactum indutiarum eiusmodi est, ut in diem certum non pugnetur nihilque incommodeatur, sed ex eo die postea uti iam omnia belli iure agantur.* ¹⁶*Quod igitur dies certus praefinitur pactumque fit, ut ante eum diem ne pugnetur atque is dies ubi venit "inde uti iam" pugnetur, idcirco ex his, quibus dixi, vocibus, quasi per quendam coitum et copulam nomen indutiarum conexum est.”* (Gélíio, Cap. 25, L. I)

⁶³ “*alumnus et libertus adiutorque in litteris studiorum eius fuit.* ²*Is libros compluris de usu atque ratione linguae Latinae, item de variis atque promiscis quaestionibus composuit.* ³*In his esse praecipui videntur, quos Graeco titulo pandektas inscripsit, tamquam omne rerum atque doctrinarum genus continentis.”* (Gélíio, Cap. 9, L. I)

regiões dessas estrelas que os gregos denominam *Πλειάδες* (Plêiades) e nós *Vergiliae*.⁶⁴

Assim, conseguimos aprender não só uma reflexão da origem da palavra, mesmo que de forma indireta se comparada ao tópico anterior, mas também uma discussão histórica por intermédio desse conhecimento. Em outras palavras, essas reflexões etimológicas, portanto, apresentam-se com um caráter implícito simplesmente por não indicar o que seria feito no capítulo, tal qual discutir a origem daquela palavra. Contudo, é perceptível que Gélío parte, sim, de uma reflexão etimológica.

3.2.3 A Reflexão sobre a Linguagem

Esta terceira categoria do mapeamento, denominada reflexão sobre a Linguagem (L), abrange capítulos que, alguns, inclusive, classificados como “Etimologia” por Cecato (2005), apresentam mais uma relação filosófica sobre a linguagem dentro de um contexto acerca da origem da palavra. Nesses casos, as discussões linguísticas voltam-se mais a aspectos morfológicos, sintáticos, fonéticos, pragmáticos ou de uso.

A reclassificação proposta não implica desvalorização dos capítulos assim categorizados, mas antes reconhecimento de que a simples categorização em “Etimologia” não exprime a significância da reflexão da linguagem presente na obra *Noites Áticas*.

Primeiramente, trazemos o seguinte capítulo para exemplificação:

Uma conversa do filósofo Favorino com um gramático meio fanfarrão, mantida à maneira Socrática; no mesmo capítulo, em que termos foi definida a palavra provisões (*penus*) por Quinto Scevola; e como essa definição foi criticada e contestada.

Uma multidão de pessoas de quase todas as classes esperava na entrada da casa Palatina o momento de saudar o Imperador; também aí, um certo gramático, colocou-se em meio a um grupo de homens instruídos, em presença do filósofo Favorino, mostrando sua futilidade escolar, discorrendo sobre os casos e gêneros dos nomes, com sobranceiras e voz arrogantes como se estivesse proclamando os oráculos da Sibila.⁶⁵

⁶⁴ “*Stellae autem istae non in capite tauri sunt, ut Tiro dicit — nullum enim videtur praeter eas stellas tauri caput —, set eae ita circulo, qui Zodiacus dicitur, sitae locataeque sunt, ut ex earum positu species quaedam et simulacrum esse videatur tauri capitis, sicuti ceterae partes et reliqua imago tauri conformata et quasi depicta est locis regionibusque earum stellarum, quas Graeci pleiadas, nos ‘vergílias’ vocamus.*” (Gélío, Cap. 9, L. XIII)

⁶⁵ “*Sermo quidam Favorini philosophi cum grammatico iactantior factus in Socraticum modum; atque ibi in sermone dictum, quibus verbis “penus” a Q. Scaevola definita sit; quodque eadem definitio culpata reprehensaque est. In vestibulo aedium Palatarum omnium fere ordinum multitudo opperientes salutationem Caesaris constiterant; atque ibi in circulo doctorum hominum Favorino philosopho praesente ostentabat quispiam grammaticae rei ditior scholica quaedam nugalia de generibus et casibus vocabulorum disserens cum arduis superciliis vocisque et vultus gravitate composita tamquam interpres et arbiter Sibyllae oraculorum.*” (Gélío, Cap. 4, L. I)

O autor de *Noites Áticas* demonstra-se insatisfeito com a classe dos gramáticos — algo recorrente em sua obra. O texto se inicia como uma narração de um acontecimento mundano (“Uma multidão de pessoas de quase todas as classes esperava na entrada da casa Palatina o momento de saudar o Imperador”). Contudo, a tranquilidade desse momento é atrapalhada por um “certo gramático” que mostrava sua “futilidade escolar” em meio a um grupo “de homens instruídos” — ou seja, algo que ele não era. A discussão, então, se desenrola em relação às características e à definição palavra *penus*:

2Então, dirigindo-se a Favorino, embora não o conhecesse suficientemente, disse: “também *penus* muda de gênero e de declinação. Pois os antigos tanto disseram *hoc penus*, como *haec penus*, *huius penus*, ou *penoris*. 3Assim, Lucílio empregou ornamentos (*mundum*), no livro XVI das *Sátiras*, não em gênero masculino, como outros, mas em neutro, nestas palavras: “o marido deixou para a mulher todo o seu ornamento e todo o mantimento (*mundum omne penumque*). Como? O que é necessidade e o que é ornamento? Quem pode julgar isso?”⁶⁶

Em conformidade ao que aponta Seabra Filho (2010, p. 158), entende-se que, gramaticalmente, está correta a afirmação acerca do nome, pois *penus* flexiona dentro dos três gêneros⁶⁷, da qual os pronomes demonstrativos destacam essa diferenciação (*hoc*, a depender, aparece junto à palavra neutra e *penus* pode ser encontrada na 2ª declinação; *haec*, a depender, junto ao nome feminino, sendo *penus*, neste último, de 4ª declinação — *penus*, *penus*). Além disso, o termo *mundum*, ainda segundo Seabra Filho (2010, p. 169), trata-se de *mundus*, *mundi*, como nome masculino — ou *mundum*, *mundi*, como nome neutro — tal qual está exposto no trecho citado de Lucílio, “o marido deixou para a mulher todo o seu ornamento e todo o mantimento (*mundum omne penumque*). Como? O que é necessidade e o que é ornamento? Quem pode julgar isso?”, referente ao sentido dos objetos voltado a pessoas masculinas ou femininas e a distinção semântica a partir do uso. Noutras palavras, por existir diferenças em relação aos adornos do ponto de vista masculino e feminino, isso reflete na utilização da palavra enquanto seu gênero, respectivamente.

4Continuava em seu trabalho de ostentar sua ciência e incomodar todos os presentes com exemplos, Favorino intercedeu calmamente: “amarei” disse “mestre - qualquer que seja seu nome, muitas coisas abundantemente você ensinou, que ignorávamos e sequer pensávamos vir a saber. 5Pois o que me importa, bem como ao meu interlocutor, é que gênero dar a “*penum*” ou a idéia de em que desinência decliná-lo para que façamos uma e outra coisa sem ser excessivamente bárbara. 6Mas tenho realmente necessidade de aprender o que exatamente

⁶⁶ “1Tum aspiciens ad Favorinum, quamquam ei nondum etiam satis notus esset: “*penus*” quoque” inquit “variis generibus dictum et varie declinatum est. Nam et “*hoc penus*” et “*haec penus*” et “*huius peni*” et “*penoris*” veteres dictaverunt; 3“*mundum*” quoque muliebrem Lucilius in satirarum XVI non virili genere, ut ceteri, sed neutro appellavit his verbis: legavit quidam uxori mundum omne penumque. Atqui quid mundum, quid non? quis dividet istuc?” (Gélio, Cap. 4, L. I)

⁶⁷ Seabra Filho (2010, p. 158) discorre que “O nome *penus* (provisão de alimento, comestíveis, despesa) varia em gênero gramatical e em declinação: como nome neutro da terceira ou segunda declinação (*penus*, *penoris* ou *penurn*, *peni*), como masculino da segunda declinação (*penus*, *peni*), e como feminino da quarta declinação (*penus*, *penus*).”

significa *penus* e qual a limitação de uso a fim de que não a empregue, no uso cotidiano, como vocábulo impreciso, como fazem os escravos estrangeiros que começam a falar latim.”⁶⁸

Novamente, é perceptível a desavença que Gélío tinha com gramáticos, diferenciando- o deles constantemente: “Continuava em seu trabalho de ostentar sua ciência e incomodar todos os presentes com exemplos” (grifos nossos), ao passo que venerava filósofos como Favorino: “Favorino intercedeu calmamente: ‘amarei’ disse ‘mestre - qualquer que seja seu nome, muitas coisas abundantemente você ensinou, que ignorávamos e sequer pensávamos vir a saber’” (grifos nossos). De todo modo, Favorino indica que, embora seja interessante e importante discutir o gênero ou a desinência da palavra, mais ainda é apreender o significado dela para que o emprego do vocábulo não se torne “impreciso”.

7“Você pergunta” respondeu o outro, ‘nada é mais fácil. Quem ignora que *penum* é vinho, trigo, azeite, lentilhas, favas e também, do mesmo modo, outras coisas?’
8“Acaso”, disse Favorino, “*penus* é milho, pipoca e cevada”? São palavras do mesmo gênero essas que acabou de mencionar?”. 9E como o outro guardasse silêncio e hesitasse: “Não quero” disse Favorino “que você tenha trabalhos explicando se podem ser designados os objetos que você enumerou com a palavra *penus*. O que quero é que você, ao invés de citar tais e quais objetos são denominados por *penus*, me dê o significado da própria palavra *penus* e a defina pelo gênero e pelas diferenças.” “De que gênero” – disse o gramático – “e que diferenças você quer falar?, não entendo!” 10“Você pede –diz Favorino – que o que é dito claramente seja dito mais claramente, mas é muito difícil, pois é bem comum que toda definição consista na enunciação do gênero e das diferenças. 11Mas se você quiser que eu comece por explicar isso, se é necessário que eu mastigue antes, como dizem, com muito gosto o farei para agradar-lhe.”⁶⁹

Como resposta, o gramático (o “outro”) cita diversas coisas que estariam englobadas em *penum*, tais quais: vinho, trigo, azeite, lentilhas, favas. Por outro lado, Favorino traz a réplica no que tange ao gênero das palavras milho (*milium*, neutro), pipoca (*glans*, feminino) e cevada (*hordeum*,

⁶⁸ “*Atque horum omnium et testimoniis et exemplis constrepebat; cumque nimis odiose blatiret, intercessit placide Favorinus et "amabo," inquit "magister, quicquid est nomen tibi, abunde multa docuisti, quae quidem ignorabamus et scire haud sane postulabamus. 5Quid enim refert mea eiusque, quicum loquor, quo genere "penum" dicam aut in quas extremas litteras declinem, si nemo id non nimis barbaramente fecerimus? 6sed hoc plane indigeo discere, quid sit "penus" et qua fini id vocabulum dicatur, ne rem cotidiani usus, tamquam qui in venalibus Latine loqui coeptant, alia quam oportet vocem appellem.*” (Gélío. *Noites Áticas*, Cap. 4, L. I)

⁶⁹ 7“*Quaeris*” inquit “*rem minime obscuram. Quis adeo ignorat "penum" esse vinum et triticum et oleum et lentim et fabam atque huiusmodi cetera?*” 8“*Etiamne*” inquit Favorinus “*milium et panicum et glans et hordeum "penus" est? sunt enim propemodum haec quoque eiusdemmodi*”; 9*cumque ille reticens haereret, "nolo" inquit "hoc iam labores, an ista, quae dixi, "penus" appelletur. Sed potesne mihi non speciem aliquam de penu dicere, sed definire genere proposito et differentiis adpositis, quid sit "penus"?" "Quod" inquit "genus et quas differentias dicas, non hercle intellego."* 10“*Rem*” inquit Favorinus “*plane dictam postulas, quod difficillimum est, dici planius; nam hoc quidem pervolgatum est definitionem omnem ex genere et differentia consistere. 11Sed si me tibi praemandere, quod aiunt, postulas, faciam sane id quoque honoris tui habendi gratia.* (Gélío, Cap. 4, L. I.)

neutro) cuja distinção de flexão não afeta, por sua vez, a inserção dentro de *penus*. Assim, Favorino discorre sobre a verdadeira discussão que deveria ser proposta, isto é, sobre o significado próprio do vocábulo, a definição pelo gênero e as diferenças, a despeito da enumeração de possibilidades inseridas na palavra.

¹²E depois, começa assim: “Se eu pedir que você me diga com que palavras se caracteriza o que é um homem, penso que não me responderia que homem é você e sou eu. Então isso me mostraria quem é homem e não o que seja o homem. Mas se pedisse essa definição, certamente me diria que o homem é um animal mortal, capaz de raciocinar e de conhecer, ou o distinguiria, por qualquer outra das características que são próprias dele, dos demais seres compreendidos no reino animal. Então, agora peço a você que diga o que é *penus* e não o que se denomina com *penus*.” ¹³Assim, o gramático, que agora fala com uma voz mansa e humilde, diz “Eu não conheço os segredos da filosofia, nunca desejei conhecê-los e ignoro que a cevada seja parte do que se chama *penus* e em que termos se possa definir a palavra *penus*, mas isso não prova que eu seja ignorante dos outros conhecimentos literários.” ¹⁴“Saiba, disse Favorino já sorrindo, que nossa filosofia está tão apurada quanto a sua gramática para dar a definição da palavra *penus*.⁷⁰

Para exemplificar ao gramático, Favorino entra em uma reflexão sobre a caracterização do que é um homem. À vista disso, ele pede para que o “outro” defina a palavra homem não pela enumeração de quem fosse um (“Se eu pedir que você me diga com que palavras se caracteriza o que é um homem, penso que não me responderia que homem é você e sou eu”). Ele, por sua vez, iria expor a característica na realidade que define um homem, a saber, “o homem é um animal mortal, capaz de raciocinar e de conhecer” ou faria essa significação a partir da distinção das características do homem em comparação aos seres do reino animal. Então, ele não quer saber da apreensão ou do emprego daquela palavra dentro de uma denominação, e sim sobre a existência dela no mundo e quais são suas implicações.

¹⁵Acredito que você se lembrará do que se discute para saber o que quis dizer Virgílio com as palavras “*penum instruere*” ou “*longam*” ou “*longo ordine*”. ¹⁶Mas farei com que você se tranquilize, pois nossos mestres do antigo direito, que foram chamados de sábios, não definiram suficientemente a palavra *penus*. ¹⁷Quinto Escévola, para explicar a palavra *penus*, utiliza as seguintes palavras: “*penus* são as coisas que se come e se bebe, como observa *Mucio*, convém especialmente às coisas que se guardou com antecedência para as refeições do pai de família, dos filhos e dos

⁷⁰ ¹²Ac deinde ita exorsus est: “Si” inquit “ego te nunc rogem, ut mihi dicas et quasi circumscribas verbis, cuiusmodi “homo” sit, non, opinor, respondeas hominem esse atque me. Hoc enim, quis homo sit, ostendere est, non, quid homo sit, dicere. Sed si, inquam, peterem, ut ipsum illud, quod homo est, definire, tum profecto mihi diceret hominem esse animal mortale rationis et scientiae capiens vel quo alio modo diceret, ut eum a ceteris omnibus separares. Proinde igitur nunc te rogo, ut, quid sit “penus”, dicas, non ut aliquid ex penu nomines.” ¹³Tum ille ostentator voce iam molli atque demissa: “philosophias” inquit “ego non didici neque discere adpetivi et, si ignoro, an hordeum ex “penu” sit aut quibus verbis “penus” definiatur, non ea re litteras quoque alias nescio.” ¹⁴“Scire,” inquit ridens iam Favorinus “quid “penus” sit, non ex nostra magis est philosophia quam ex grammatica tua. (Gélio, Cap. 4, L. I.).

criados. Não se poderia chamar *penus* o que diariamente se prepara para a ceia: o que se entende por esta palavra com precisão são os objetos de consumo guardados para uso a longo prazo. *Penus* se diz desses objetos guardados (*penitus*) no interior da casa. ¹⁸Ainda que eu tenha me dedicado principalmente à filosofia, não relaxei por causa disso dos estudos desse gênero, pois creio ser humilhante para quem é cidadão romano e fala latim, designar um objeto com nome impróprio ou chamá-lo por um nome que não é seu.”⁷¹

A argumentação de Favorino é lastreada pela citação do uso da palavra *penus* em autores diversificados, de forma a buscar certa adequação aos quadros e ao vocabulário apresentado: desde o poeta Públio Virgílio Maro (“com as palavras ‘*penum instruere*’”) até o cônsul Quinto Múcio Escévola (“utiliza as seguintes palavras: ‘*penus* são as coisas que se come e se bebe, como observa Mucio, convém especialmente às coisas que se guardou com antecedência para as refeições do pai de família, dos filhos e dos criados”). Ademais, o próprio Aulo Gélcio se adiciona à discussão para trazer a importância de se utilizar adequadamente uma palavra, pois ele crê “ser humilhante para quem é cidadão romano e fala latim, designar um objeto com nome impróprio ou chamá-lo por um nome que não é seu”. Ou seja, há uma designação específica para um nome dentro da língua e a criação ou o uso equivocado era sinônimo de humilhação.

¹⁹Assim, Favorino sabia separar seus interlocutores de uma conversa banal, insignificante ou frívola, a fim de que ouvissem palavras instrutivas e úteis, desprovidas de afetação e originadas da própria conversa. ²⁰Por causa disso, acredito dever acrescentar as informações seguintes sobre a palavra *penus*. Pensei que Sêrvio Sulpício tivesse dito em críticas sobre os capítulos de Escévola, que Êlio Catão não teria entendido por *penus* somente as coisas que se come e bebe, mas também incenso, velas e todos os objetos cuja finalidade se aproxima a *penus*. ²¹Contudo, Mansurio Sabino, no segundo livro de seu *Tratado do Direito Civil*, compreende sob a denominação de *penus* tanto as provisões para o mantimento dos cavalos que tivessem sido preparadas, como o que será usado pelo senhor; ²²Ainda que fosse denominado *penus* por alguns (o conjunto de) madeiras, lenhas e carvão, porque pareceriam estar no conjunto de provisões (*penus*), ²³quando o senhor da casa, ao mesmo tempo, guarda e consome os produtos que estariam em sua propriedade, somente se chama de *penus* a parte que consome no período de um ano.⁷²

⁷¹ ¹⁵“*Meministi enim, credo, quaeri solitum, quid Vergilius dixerit, "penum struere" vel "longam" vel "longo ordine"; utrumque enim profecto scis legi solitum.* ¹⁶*Sed ut faciam te aequiore animo ut sis, ne illi quidem veteres iuris magistri, qui "sapientes" appellati sunt, definisse satis recte existimantur, quid sit "penus".* ¹⁷*Nam Quintum Scaevolam ad demonstrandam penum his verbis usum audio: "'Penus" est, inquit "quod esculentum aut posculentum est, quod ipsius patrisfamilias aut matris familias aut liberum patrisfamilias aut familiae eius, quae circum eos aut liberos eius est et opus non facit, causa paratum est. , ut Mucius ait, "penus" videri debet. Nam quae ad edendum bibendumque in dies singulos prandii aut cenae causa parantur, "penus" non sunt; sed ea potius, quae huiusce generis longae usionis gratia contrahuntur et reconduntur, ex eo, quod non in promptu est, sed intus et penitus habeatur, "penus" dicta est."* ¹⁸*Haec ego, inquit "cum philosophiae me dedissem, non insuper tamen habui discere; quoniam civibus Romanis Latine loquentibus rem non suo vocabulo demonstrare non minus turpe est, quam hominem non suo nomine appellare."* (Gélcio, Cap. 4, L. I.).

⁷² ¹⁹*Sic Favorinus sermones id genus communes a rebus parvis et frigidis abducebat ad ea, quae magis utile esset audire ac discere, non allata extrinsecus, non per ostentationem, sed indidem nata acceptaque.*

Semelhante ao filósofo, Aulo Gélíio também recorre a outros autores para, na anotação dele, discutir o uso da palavra *penus*. Sobre Escévola, ele cita Élio Catão (dentro das críticas de Sêrvio Sulpício) que não teria compreendido *penus* enquanto somente aquilo que é possível de ser ingerido, mas também “incenso, velas e todos os objetos”, cujo fim está próximo ao do vocábulo. Além disso, Mansurio Sabino entende *penus* como “provisões para o mantimento dos cavalos que tivessem sido preparadas, como o que será usado pelo senhor”. Logo, por intermédio de exemplificações variadas, a realidade aulogeliana apresenta significações diversas para a mesma palavra, tais quais os diversos sentidos apresentados pelo termo *penus* em diferentes contextos usados.

²⁰*Praeterea de penu adscribendum hoc etiam putavi Servium Sulpicium in reprehensis Scaevolae capitibus scripsisse Cato Aelio placuisse, non quae esui et potui forent, sed thus quoque et cereos in penu esse, quod esset eius ferme rei causa comparatum.* ²¹*Masurius autem Sabinus in iuris civilis secundo etiam, quod iumentorum causa apparatus esset, quibus dominus uteretur, penori attributum dicit.* ²²*Ligna quoque et virgas et carbones, quibus conficeretur penus, quibusdam ait videri esse in penu.* ²³*Ex his autem, quae promercialia et usaria isdem in locis essent, esse ea sola penoris putat, quae satis sint usu annuo.* (Gélíio, Cap. 4, L. I.).

4 AS NOITES ÁTICAS SOB A VISÃO ACADEMICISTA E A IMPORTÂNCIA DE UM ESTUDO HISTÓRICO COMO UM REGISTRO DO QUE SE TENTA APAGAR

Assim, propusemos, por meio dessa breve exposição de algumas passagens e do capítulo inteiro de modo mais específico, de que maneira Aulo Gélíio discorre, junto às diversas temáticas apresentadas e dos demais autores citados, sobre a construção gramatical das palavras em latim, do uso dos arcaísmos dentro do período pós-clássico e sua recepção, da origem natural e não convencional das palavras, bem como a questão do embate filosófico e gramático no que tange a discussões linguísticas e filosóficas, tal como ocorreu à moda socrática. Este último tendo a etimologia enquanto recurso para explicar questões semânticas, ao passo que os dois primeiros se fundam, principalmente, em semelhanças fonéticas entre os termos envolvidos.

É perceptível que, sob a luz da Historiografia Linguística, conseguimos apreender uma importância da etimologia na antiguidade, principalmente pelo texto antigo e suas contribuições. Junto às observações de autores da HL, buscou-se delinear um caminho frutífero à contribuição que uma análise mais aprofundada, acerca dos aspectos linguísticos e soturnos envolvendo as tais *Noctes Atticae*, pode acrescentar para o estudo etimológico.

Logo, recuperar a etimologia antiga em seu caráter reflexivo e linguístico não significa rejeitar os avanços metodológicos da Linguística Histórica, e sim restituir à disciplina sua potência crítica. Um estudo de caráter historiográfico da etimologia permite-nos enxergar as palavras não como itens estáticos em uma história linear, mas como termos que se sobrepõem em camadas de sentido, conflitos identitários e relações de força.

A obra de Aulo Gélíio, com seu caráter miscelâneo e sua atenção às questões da linguagem, oferece um lastro para observar a origem para além da palavra destrinchada. Longe de ser um mero repositório de “etimologias falsas” a ser ignorado pelos estudos da linguagem, seu texto revela como a busca pela origem estava e está ligada a questões de autoridade, tradição e poder.

Reconhecer isso é fundamental para uma prática etimológica contemporânea que seja consciente de suas próprias implicações e que possa, assim, servir não apenas à descoberta de uma origem, mas também à ratificação da história a partir da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Edições utilizadas

GÉLIO, Aulo. **Noites Áticas**. Tradução de José Rodrigues Seabra Filho. Londrina: EDUEL, 2010.

GELLIUS, Aulus. **Noctes Atticae**. Ed. P. K. Marshall. Nova York: Oxford University Press, 1968.

_____, A. **Complete Works of Aulus Gellius – ‘The Attic Nights’ (Illustrated)**. Delphi Classics, 2016.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Graham. Aulus Gellius as a Storyteller. HOLFORD-STREVENS, LeoFranc; VARDI, Amiel (ed.). **The Worlds of Aulus Gellius**. New York: Oxford University Press, 2004.

AMSLER, Mark. **Etymology and Grammatical Discourse in Late Antiquity and the Early Middle Ages**. J. Benjamins Publishing Company, 1989.

ALTMAN, Cristina. História, Estórias e Historiografia da Linguística Brasileira. **Todas as Letras**, v. 14, n. 1, 2012.

ARAÚJO, Thais; BARBUTO, Ana. **Fernão de Oliveira: homem do mar e das letras**. Rede Bim, [s. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://redebim.marinha.mil.br/vinculos/000005/000005ab.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2026.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Editora Unicamp, [1992] 2009.

BATISTA, Ronaldo. **Introdução à Historiografia da Linguística**. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

BORGES, Neto. **História da Gramática**. Editora UFPR: Curitiba, 2024.

CAVAZZA, Franco. Gellius the Etymologist: Gellius’ Etymologies and Modern Etymology. HOLFORD-STREVENS, LeoFranc; VARDI, Amiel (ed.). **The Worlds of Aulus Gellius**. New York: Oxford University Press, 2004.

CECATO, Cleuza. **As Noites Áticas de Aulo Gélío: uma proposta de tradução**. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005, 283pp.

COELHO, Olga; HACKEROTT, Maria Mercedes. Historiografia Linguística. GONÇALVES, Aldair; GÓIS, Marcos Lúcio (orgs.). **Ciências da linguagem: o fazer científico?** (Volume 1). Campinas: Mercado de Letras, 2014, p. 381-407.

CORADINI, Heitor. **Metalinguagem na obra *De Lingua Latina* de Marcos Terêncio Varrão**. Tese de Doutorado — Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999, 554pp.

DE VAAN, Michiel. **Etymological Dictionary of Latin and other Italic Languages**. Leiden/Boston: Brill, 2008. p. 237.

DOS ANJOS, Marcelo Alessandro; TORRES, Maria de Jesus; SILVA, Rodrigo. Ensino de gramática e BNCC: uma abordagem pedagógico-historiográfica. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 7575-7592, jan./mar., 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e76183>>. Acesso em: 06 jul. 2025.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FORMIGARI, Lia. **A History of Language Philosophies**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.

HOLFORD-STREVENS, Leofranc. **Aulus Gellius**: An Antonine Scholar and his Achievement. New York: Oxford University Press, 2003.

HOLFORD-STREVENS, Leofranc; VARDI, Amiel (ed.). **The Worlds of Aulus Gellius**. New York: Oxford University Press, 2004.

KOERNER, Konrad. **Practicing Linguistic Historiography**: Selected Essays. John Benjamins Publishing Company, 1989.

LAZZERINI, Federica. The story behind names: Etymology in the service of Roman antiquarianism. **Glotta**, v. 99, pp. 154-200, 2023. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/27238477>>. Acesso em: 02 jun. 2025.

LAW, Vivien. **The History of Linguistic in Europe**: from Plato to 1600. Cambridge University Press, 2003.

LIMA, Nelci Vieira de. **Historiografia Linguística**: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos.

LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**: ética: fundamentos – oração – sexualidade – educação – economia, v. 5, 2. ed. Tradução de Martin N. Dreher. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011, p. 334, grifos nossos.

MARELOTTA, Mário Eduardo. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 43-70.

MARTINS, Helena. Três caminhos na Filosofia da Linguagem. In: **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2011. p. 439-473.

PLATÃO. **Diálogos**: Teeteto – Crátilo (Volume IX). Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1973.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. **Serões grammaticae ou nova grammatica portugueza**. 6. ed. Organização e notas de Ernesto Carneiro Ribeiro Filho. Com novas notas, revisão e índice remissivo de Geraldo Ignacio de Souza. Salvador: Livraria Progresso, 1955.

ROBINS, R.H. **Pequena história da linguística**. Tradução de Luiz M. M. de Barros. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 2013.

VALENZA, Giovanna. Etimologia em Varrão: a origem dos nomes de imortais e mortais. **Revista Do GEL**, 2, 201-214. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/312>, Acesso em: 14 jun. 2024.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____, M. E. **Manual de Etimologia do Português**. São Paulo: Globo Livros, 2013.

, M. E. Uma breve história da Etimologia. **Filol. Linguíst. Port.**, São Paulo, v. 15, n. spe, dez. 2013, p. 27-67. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v15ispep27-67>. Acesso em: 14 jun. 2024.

VIEIRA, Celso. **Elogiar o cavalo pela sombra do asno**: O funcionamento dos nomes a partir do Crátilo de Platão. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SILVA, Maurício. Gramática e Historiografia Linguística: reflexões acerca de alguns princípios metodológicos. **Revista do GEL**, s.d.

SWIGGERS, Pierre. A Historiografia da Linguística: Objeto, Objetivos, Organização. **Confluência**, Revista do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, n. 44- 45, Rio de Janeiro, 2013.

, P. História e Historiografia da Linguística: Status, Modelos e Classificações (Trad. Profa. Dra. Cristina Altman). **Revista Eutomia**, III, Vol. 2, dez., 2010, p. 1-17. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1702/1289>>. Acesso em: 14 jun. 2024.

_____, P. Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística. In: **Nuevas aportaciones a la Historiografía Lingüística**, 4, 2003, La Laguna. Actas... La Laguna: ARCO/LIBROS, S. L., 2004, p. 113-145.

Shaheen, Sara M. A. **Colonial culinary appropriation**: Objectives, factors, and implications. Dissertação de mestrado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, 2022

APÊNDICE

Abaixo, trazemos o mapeamento feito durante o Mestrado acerca das reflexões da linguagem na obra *Noites Áticas* de Aulo Gélío, trazendo a classificação proposta por Cecato (2005) e, igualmente, a nossa sistematização em conformidade com o que fora apontado no decorrer desta dissertação.

Tabela 1: Presença de análise etimológica no Livro I

Cap.	Cecato (2005)	Nasser (2026)	Termo(s)	Fonte(s)
4	Etimologia	Sobre a Linguagem (L)	<i>habet; debet</i>	Antônio Juliano; Marco Túlio Cícero
10	Etimologia	Sobre a Linguagem (L)	Sem termo	Caio César
18	Etimologia	Etimologia Explícita (EE)	<i>fur; lepus; graecus; puteus</i>	Varrão; Lúcio Élio
22	Etimologia	Sobre a Linguagem (L)	<i>superesse</i>	Varrão; Marco Cícero; Júlio Paulo; Virgílio; Salústio; Marco Asino Polião; Plauto
25	Etimologia	Etimologia Implícita (EI)	<i>indutiae</i>	Varrão; Aurélio Opílio

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 2 - Presença de análise etimológica no Livro II

Cap.	Cecato (2005)	Nasser (2026)	Termo(s)	Fonte(s)
4	Etimologia	Etimologia Implícita (EI)	<i>diuinatio</i>	Gávio Basso
10	Etimologia	Etimologia Implícita (EI)	<i>fauisae capitolinae; thesauri; flauisae; flata</i>	Marco Varrão; Quinto Valério Sorano
19	Etimologia	Etimologia Implícita (EI)	<i>rescire</i>	Névio; Cláudio Quadrigário; Marco Catão
20	Etimologia	Etimologia Implícita (EI)	<i>uiuaria; leporaria; robolaria; mellaria</i>	Varrão; Cipião
21	Não é classificado	Etimologia Explícita (EE)	<i>septentriones</i>	Lúcio Élio; Varrão
26	Não é classificado	Sobre a Linguagem (L)	<i>spadix; rufus</i>	Favorino; Ênio; Virgílio; Pacúvio

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 3 - Presença de análise etimológica no Livro III

Cap.	Cecato (2005)	Nasser (2026)	Termo(s)	Fonte(s)
9	Não é classificado	Etimologia Implícita (EI)	<i>spadices</i>	Gávio Basso; Júlio Modesto
18	Etimologia	Etimologia Explícita (EE)	<i>pedari senatores</i>	Gávio Basso; Marco Varrão; Labério

19	Etimologia	Etimologia Explícita (EE)	<i>parcus</i>	Gávio Basso; Favorino
----	------------	---------------------------	---------------	-----------------------

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 4 - Presença de análise etimológica no Livro IV

Cap.	Cecato (2005)	Nasser (2026)	Termo(s)	Fonte(s)
1	Etimologia	Sobre a Linguagem (L)	<i>penus</i>	Favorino; Quinto Cévola; Múcio; Sérvio Sulpício; Masúrio Sabino
2	Etimologia	Sobre a Linguagem (L)	<i>morbus; uitium; luscitiosus</i>	Célio Sabino; Labeão; Sérvio
3	Não é classificado	Etimologia Implícita (EI)	<i>paelex</i>	Sérvio Sulpício
4	Etimologia	Etimologia Explícita (EE)	<i>spondebat</i>	Sérvio Sulpício; Nerácio
6	Etimologia	Etimologia Explícita (EE)	<i>praecidaneae; succidaneae</i>	Caio Júlio; Plauto; Ateio Cápito
9	Etimologia	Sobre a Linguagem (L)	<i>religiosus</i>	Nigídio Fígulo; Marco Varrão; Marco Cícero; Masúrio Sabino; Terêncio
15	Etimologia	Etimologia Implícita (EI)	<i>arduus</i>	Salústio

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 5 - Presença de análise etimológica no Livro V

Cap.	Cecato (2005)	Nasser (2026)	Termo(s)	Fonte(s)
7	Etimologia	Etimologia Explícita (EE)	<i>persona</i>	Gávio Basso
8	Etimologia	Etimologia Explícita (EE)	<i>lituus</i>	Higino; Virgílio
10	Etimologia	Etimologia Implícita (EI)	<i>reciproca</i>	Protágoras; Evatlo
12	Etimologia	Sobre a Linguagem (L)	<i>Iouis; Iupiter</i>	Gneu Névio; Virgílio
18	Etimologia	Etimologia Implícita (EI)	<i>annales</i>	Vérrio Flaco; Aselião
20	Etimologia	Sobre a Linguagem (L)	<i>soloecismus</i>	Sínio Cápito
21	Etimologia	Sobre a Linguagem (L)	<i>pluria</i>	Sínio Cápito; Plauto; Marco Catão

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 6 - Presença de análise etimológica no Livro VI

Cap.	Cecato (2005)	Nasser (2026)	Termo(s)	Fonte(s)
4	Não é classificado	Sobre a Linguagem (L)	<i>sub corona</i>	Célio Sabino; Marco Catão
13	Etimologia	Sobre a Linguagem (L)	<i>classicus; infra classem</i>	Marco Catão
17	Morfonologia/Ortografia	Etimologia Explícita (EE)	<i>obnoxius</i>	Plauto; Virgílio; Quinto Ênio; Cecílio

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 7 - Presença de análise etimológica no Livro VII

Cap.	Cecato (2005)	Nasser (2026)	Termo(s)	Fonte(s)
12	Não é classificado	Sobre a Linguagem (L)	<i>testamentum; sacer</i>	Sérvio Sulpício; Caio Trebácio

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 8 - Presença de análise etimológica no Livro VIII⁷³

Cap.	Cecato (2005)	Nasser (2026)	Termo(s)	Fonte(s)
12	Não é classificado	Etimologia Implícita (EI)	<i>plerique omnes</i>	Sem fonte
14	Não é classificado	Etimologia Explícita (EE)	Sem termo	Públio Nigídio

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 9 - Presença de análise etimológica no Livro IX

Cap.	Cecato (2005)	Nasser (2026)	Termo(s)	Fonte(s)
1	Etimologia	Sobre a Linguagem (L)	<i>defendēre; offendēre</i>	Quinto Cláudio
10	Etimologia	Sobre a Linguagem (L)	<i>membra</i>	Aniano; Homero; Aneu Conuto
12	Etimologia	Etimologia Explícita (EE)	<i>formidulosus; inuidiosus; ambitiosus; graciosus; laboriosus; infestus; metus; iniura; uulnere; nescius; ignarus</i>	Marco Túlio; Marco Catão; Salústio; Caio Calvo; Labério; Cina; Virgílio; Plauto

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 10 - Presença de análise etimológica no Livro X

Cap.	Cecato (2005)	Nasser (2026)	Termo(s)	Fonte(s)
11	Etimologia	Etimologia Explícita (EE)	<i>mature</i>	Públio Nigídio; Virgílio; Afrânio
20	Não é classificado	Sobre a Linguagem (L)	<i>rogatio; lex; plebisscitum; priuilegium; populus; plebes; rogatio</i>	Ateio Cápito; Lucílio; Salústio
21	Etimologia	Etimologia Explícita (EE)	<i>nouus; uetus</i>	Marco Varrão

Fonte: Elaborado pela autora.

⁷³ Este Livro apresenta a maioria dos capítulos apenas com os títulos, sendo exceção o III e o XV. Assim, a indicação de reflexão etimológica classificada está limitada, infelizmente, ao que Gélio expõe que seria a discussão do capítulo.

Tabela 11 - Presença de análise etimológica no Livro XI

Cap.	Cecato (2005)	Nasser (2026)	Termo(s)	Fonte(s)
1	Etimologia	Etimologia Explícita (EE)	<i>minima; suprema; multa</i>	Marco Varrão; Marco Catão
2	Etimologia	Sobre a Linguagem (L)	<i>elegans</i>	Marco Catão; Marco Túlio
7	Etimologia	Sobre a Linguagem (L)	<i>apluda; flocces</i>	Plauto; Lucílio
11	Etimologia	Etimologia Implícita (EI)	<i>mendacium dicere; mentiri</i>	Públio Nigídio
16	Etimologia	Sobre a Linguagem (L)	<i>multiuga; multicolora; multiforma</i>	Plutarco
17	Etimologia	Etimologia Implícita (EI)	<i>retanda; retae; retia</i>	Gávio Basso

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 12 - Presença de análise etimológica no Livro XII

Cap.	Cecato (2005)	Nasser (2026)	Termo(s)	Fonte(s)
3	Etimologia	Etimologia Explícita (EE)	<i>lictor</i>	Válgio Rufo; Marco Túlio; Tirão Túlio
6	Etimologia	Etimologia Implícita (EI)	<i>aenigmata; scirpi</i>	Marco Varrão
9	Etimologia	Sobre a Linguagem (L)	<i>tempestas; ualetudo; facinus; dolus; gratia; industria; periculum; uenenum; contagium</i>	Quinto Metelo Numídico
10	Etimologia	Etimologia Implícita (EI)	<i>aeditumus; finitimus; legitimus</i>	Marco Varrão; Marco Túlio; Pompônio
13	Não é classificado	Etimologia Explícita (EE)	<i>intra Kalendas</i>	Sulpício Apolinário; Cícero
14	Etimologia	Etimologia Explícita (EE)	<i>saltem</i>	Públio Nigídio

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 13 - Presença de análise etimológica no Livro XIII

Cap.	Cecato (2005)	Nasser (2026)	Termo(s)	Fonte(s)
1	Etimologia	Sobre a Linguagem (L)	<i>fatum; natura</i>	Cícero
9	Não é classificado	Etimologia Implícita (EI)	<i>Suculae; Hyades; sues; super; supinus; subulcus; sypnus; somnus</i>	Túlio Tirão;
10	Etimologia	Etimologia Explícita (EE)	<i>soror; frater</i>	Labeão Antístio
11	Não é classificado	Etimologia Implícita (EI)	<i>bellaria</i>	Varrão
14	Não é classificado	Etimologia Implícita (EI)	<i>pomerium</i>	Messala
17	Etimologia	Etimologia Implícita (EI)	<i>humanitas</i>	Varrão; Cícero
22	Não é classificado	Sobre a Linguagem (L)	<i>soleati; gallicae;</i>	Tito Castrício; Cícero;

			<i>soleae; crepidulae</i>	Semprônio Asélio
25	Não é classificado	Sobre a Linguagem (L)	<i>manubiae</i>	Favorino; Cícero; Aristófanes Eurípides; Marco Catão; Homero
30	Não é classificado	Etimologia Implícita (EI)	<i>facies; species; aspectus</i>	Pacúvio; Salústio; Plauto
31	Não é classificado	Etimologia Implícita (EI)	<i>prandium caninum;</i>	Varrão

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 14 - Presença de análise etimológica no Livro XIV

Cap.	Cecato (2005)	Nasser (2026)	Termo(s)	Fonte(s)
7	Não é classificado	Sobre a Linguagem (L)	<i>templum; aedes</i>	Gneu Pompeu

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 15 - Presença de análise etimológica no Livro XV

Cap.	Cecato (2005)	Nasser (2026)	Termo(s)	Fonte(s)
5	Não é classificado	Sobre a Linguagem (L)	<i>profligo; adfligere</i>	Sulpício Apolinário; Cícero
30	Não é classificado	Etimologia Explícita (EE)	<i>petorritum; lancea</i>	Valério Probo; Varrão

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 16 - Presença de análise etimológica no Livro XVI

Cap.	Cecato (2005)	Nasser (2026)	Termo(s)	Fonte(s)
5	Não é classificado	Etimologia Explícita (EE)	<i>uestibulum; uetus; uehemens; mens; uescus; fauces</i>	Caio Élio Galo; Virgílio
6	Não é classificado	Etimologia Implícita (EI)	<i>bidentes</i>	Virgílio; Pompônio; Públio Nigídio; Higino Júlio
7	Não é classificado	Etimologia Implícita (EI)	<i>emplastrum</i>	Labério
10	Não é classificado	Etimologia Implícita (EI)	<i>proletarii; capite censi</i>	Ênio; Caio Mário; Salústio
12	Não é classificado	Etimologia Explícita (EE)	<i>errare; alucinari; fascinum; fascinare; faenerator; faenus; fetus</i>	Cloácio Vero; Marco Catão; Varrão
13	Não é classificado	Sobre a Linguagem (L)	<i>municipium; colonia</i>	Adriano; Tibério
14	Não é classificado	Etimologia Explícita (EE)	<i>properare; festinare</i>	Marco Catão; Vérrio Flaco
17	Não é classificado	Etimologia Implícita (EI)	<i>Vaticanus</i>	Varrão

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 17 - Presença de análise etimológica no Livro XVII

Cap.	Cecato (2005)	Nasser (2026)	Termo(s)	Fonte(s)
1	Etimologia	Sobre a Linguagem (L)	<i>paeniteat</i>	Cícero; Marco Célio
2	Não é classificado	Sobre a Linguagem (L)	<i>fruniscor</i>	Quinto Metelo Numídico; Nívio
5	Não é classificado	Sobre a Linguagem (L)	<i>apodixis</i>	Cícero
6	Não é classificado	Etimologia Explícita (EE)	<i>seruus recepticius</i>	Marco Catão; Vérrio Flaco; Plauto
10	Não é classificado	Sobre a Linguagem (L)	<i>candens</i>	Favorino
13	Não é classificado	Sobre a Linguagem (L)	<i>quin</i>	Marco Catão; Quadrigário; Públio Nígido

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 18 - Presença de análise etimológica no Livro XVIII

Cap.	Cecato (2005)	Nasser (2026)	Termo(s)	Fonte(s)
5	Etimologia	Sobre a Linguagem (L)	<i>equitare</i>	Lucílio
6	Etimologia	Sobre a Linguagem (L)	<i>matrona; mater familias</i>	Élio Melisso
7	Etimologia	Sobre a Linguagem (L)	<i>contiones</i>	Domício
11	Etimologia	Sobre a Linguagem (L)	<i>uirescere; opulescere</i>	Cesélio Vindex; Fúrio

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 19 - Presença de análise etimológica no Livro XIX

Cap.	Cecato (2005)	Nasser (2026)	Termo(s)	Fonte(s)
13	Etimologia	Etimologia Explícita (EE)	<i>nani</i>	Festo Postúmio

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 20 - Presença de análise etimológica no Livro XX

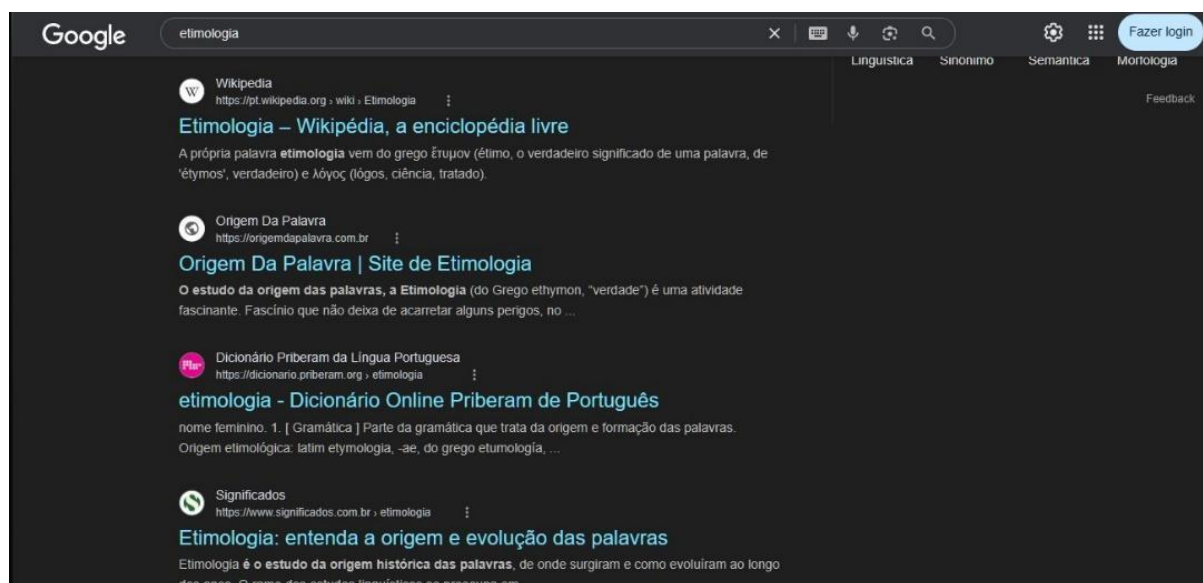
Cap.	Cecato (2005)	Nasser (2026)	Termo(s)	Fonte(s)
1	Não é classificado	Sobre a Linguagem (L)	<i>iumentum; arcera</i>	Sexto Cecílio
2	Etimologia	Etimologia Implícita (EI)	<i>siticipes</i>	Marco Catão
3	Não é classificado	Etimologia Implícita (EI)	<i>siccinistae</i>	Lúcio Ácio

Fonte: Elaborado pela autora.

ANEXO

Neste, trazemos algumas figuras acerca da pesquisa feita no tocante à etimologia, útil para nós, durante a pesquisa, a fim de destacar a presença massiva do caráter simplista da disciplina junto a ferramentas de pesquisa on-line e, por conseguinte, sítios eletrônicos.

Figura 6 - Pesquisa da palavra “etimologia” a partir do Google



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 7 - Artigo do sítio *Wikipédia* sobre “etimologia”



WIKIPÉDIA
A enciclopédia livre

Pesquisar

Doar

Etimologia

124 línguas

Artigo Discussão

Ler Editar Ver histórico Ferramentas

Conteúdo ocultar

Início
Exemplos
Ver também
Referências
Bibliografia
Ligações externas

Etimologia (do **grego antigo** ἐτυμολογία, composto de ἔτυμος [verdadeiro, real] e -λογία [estudo]^[1]) é um campo de estudo da **linguística** que trata da história ou origem das palavras e da explicação do significado de palavras através da análise dos elementos que as constituem.^[2] Em outros termos, é o estudo da composição dos vocábulos e das regras de sua evolução histórica.^[3]

Algumas palavras derivam de outras línguas, possivelmente de uma forma modificada (as palavras-fontes são chamadas **étimos**). Por meio de antigos textos e comparações com outras línguas, os etimologistas tentam reconstruir a história das palavras — quando eles entram em uma língua, quais as suas fontes, e como a suas formas e significados se modificaram.

Gramática
Classificação
Comunicação
Fonética
Fonologia
Morfologia
Sintaxe
Semântica
Etimologia
Estilística
Literatura
Tipos

Retirado de: [Wikipédia, A enciclopédia livre](https://pt.wikipedia.org/wiki/Etimologia).

Figura 8 - Artigo do sítio Origem da Palavra sobre “etimologia”



Retirado de: [Origem da Palavra](#).

Figura 9 - Artigo do sítio Priberam dicionário sobre “etimologia”



Retirado de: [Priberam dicionário](#).

Figura 10 - Artigo do sítio *Significados* | *toda matéria* sobre “etimologia”

Significados

toda matéria

Língua PortuguesaMatemáticaHistóriaGeografiaBiologiaFísicaQuímica

O que você quer saber hoje?

Língua Portuguesa

Etimologia: entenda a origem e evolução das palavras

Revisão por Igor Alves

Professor de Língua Portuguesa

Etimologia é o estudo da **origem histórica das palavras**, de onde surgiram e como evoluíram ao longo dos anos. O ramo dos estudos linguísticos se preocupa em encontrar os chamados **étimos** (vocábulo que originam outros) das palavras.

A palavra "etimologia" tem origem no grego antigo *etymologia*, que significa "estudo das verdadeiras significações das palavras". O termo é formado a partir de *étymon*, que significa "verdadeiro significado", e *logia*, que significa "estudo".

Origem das Palavras

A maioria das palavras deriva de outras, que podem pertencer a outro idioma ou a uma língua

Veja Também

Semântica

Anagrama

Léxico

Fonética e Fonologia

Mais Populares

Retirado de: [Significados](#) | [toda matéria](#).

Estas imagens abaixo trazem maior contextualização acerca da repercussão da Figura 2 entre os usuários da rede social X.

Figura 11 - Postagem adicional em resposta à publicação da Figura 3 para fins de contextualização



Retirado de: Rede social X.

Figura 12 - Postagem adicional em resposta à publicação da [Figura 3](#) para fins de contextualização

Figura 12 - Postagem adicional em resposta à publicação da Figura 3 para fins de contextualização



Retirado de: Rede social X.